CARLOS EUGÉNIO CORREA DA SILVA
(PAÇO D'ARCOS)

ENSAIO

SÔBRE OS

LATINISMOS DOS LUSÍADAS

PREFÁCIO DO

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1931

IN MEMORIAM

ALBERTI CHARPINE

SACERDOTIS,
OPTATISSIMI MEI MAGISTRI FRIBURGI HELVETIORUM,
VIRI SUMMO INGENIO AC EXQUISITA DOCTRINA,
LATINÆ LINGUÆ PERITISSIMI.

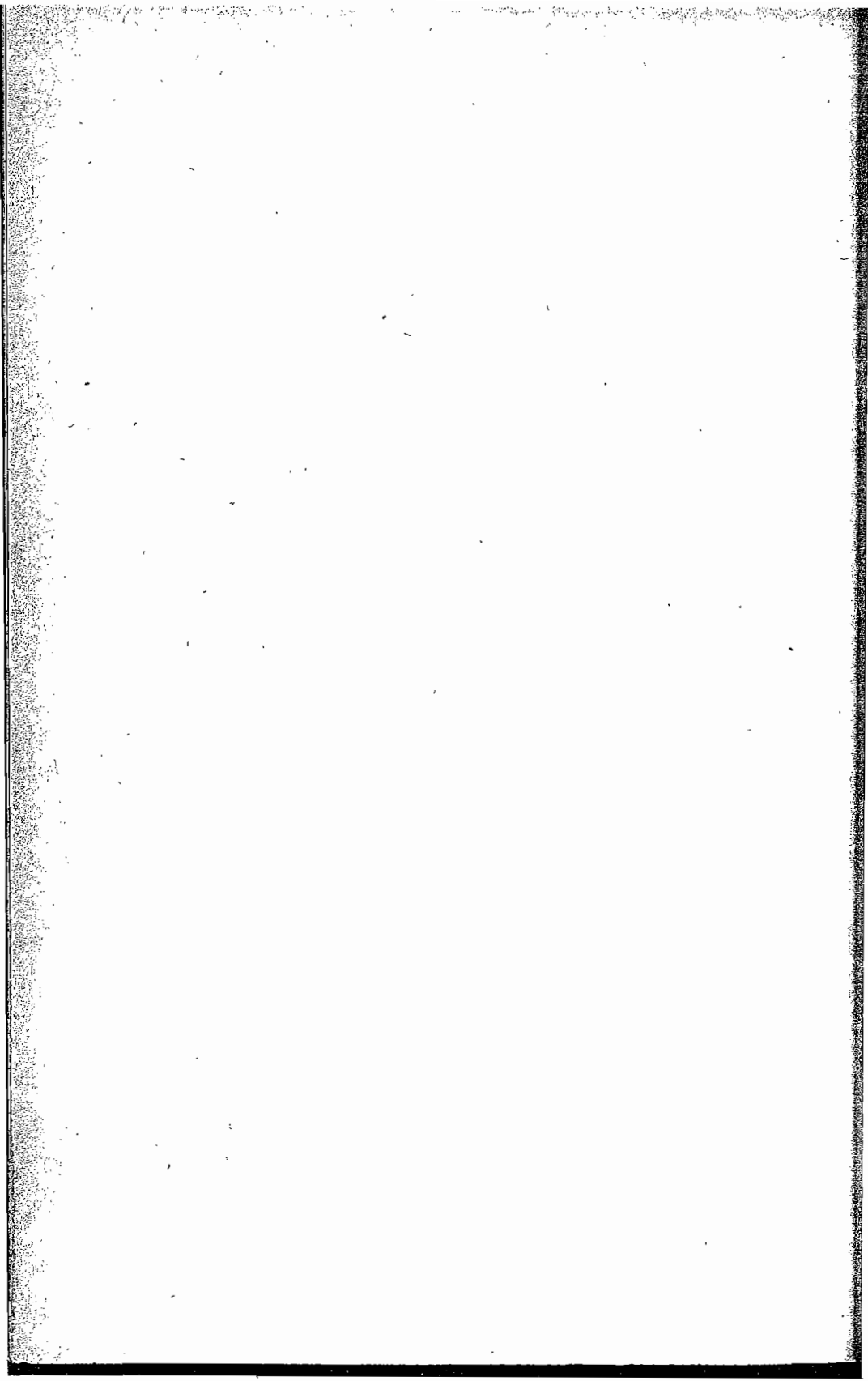
A MEMÓRIA

DE

MANUEL DE FARIA E SOUSA

HUMANISTA DE EXTRAORDINÁRIA CULTURA,
INESQUECÍVEL COMENTADOR DOS «LUSÍADAS»,
QUE FOI O PRIMEIRO A LANÇAR AS SEMENTES
DO TRABALHO HOJE AQUI TENTADO

DEDICA ÊSTE TRABALHO

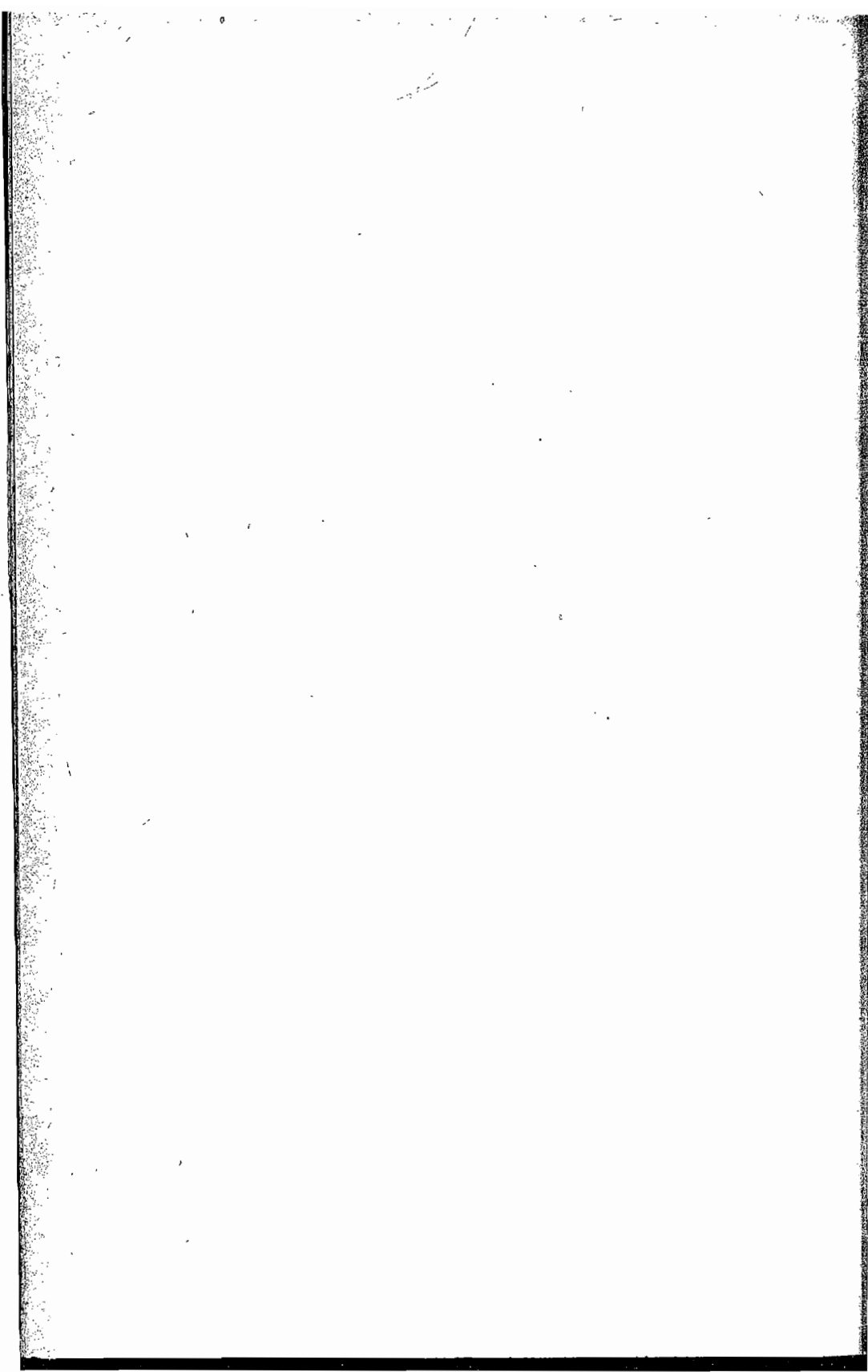
o licenciando

À MEMORIA

DE

AUGUSTO EPIFANIO DA SILVA DIAS

PROFESSOR QUE FOI DA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA,
ESPÍRITO SINGULARMENTE ARGUTO E EQUILIBRADO,
QUE TÃO BEM SOUBE HARMONIZAR AS MODERNAS PREOCUPAÇÕES
FILOLÓGICAS COM A ANTIGA CULTURA HUMANISTA
E CUJA EDIÇÃO DOS «LUSÍADAS»
FOI O PONTO DE PARTIDA DESTA DISSERTAÇÃO

DEDICA ÊSTE TRABALHO

o licenciando

Solicitado para escrever algumas palavras que precedessem o presente trabalho académico, acedi da melhor vontade.

Bastava-me ter assim ocasião de prestar homenagem à saudosa memória do seu malogrado autor.

Tão inteligente, tão laborioso, apesar-do seu pouco vigor físico, tão exacto cumpridor dos seus deveres escolares, tão empenhado em aumentar continuamente o já vasto cabedal de conhecimentos que possuía, sôbre tudo nos domínios das línguas e literaturas clássicas, Carlos Eugénio Belford Correa da Silva tem direito a que dêle nos recordemos, com profundo pezar, os que fomos seus professores.

Mas não foi só o modêlo dos bons estudantes, que tão risonho futuro tinha deante de si, quer no magistério superior, prestes a abrir-lhe as portas, de par em par, quer no amplíssimo campo da erudição clássica, infelizmente tão pouco cultivado entre nós; Carlos Corrêa da Silva era também já o tipo acabado da integridade moral, da nobreza de sentimentos, da meticulosidade no cumprimento dos deveres impostos pelas relações sociais e pela boa camaradagem. E tudo isto vivificado, afer-

vorado, pelo espírito cristão, que era a norma da sua vida.

A dissertação que vai ler-se, destinada ao último acto da carreira escolar do seu autor, reflecte bem as qualidades mentais e morais que o exornavam.

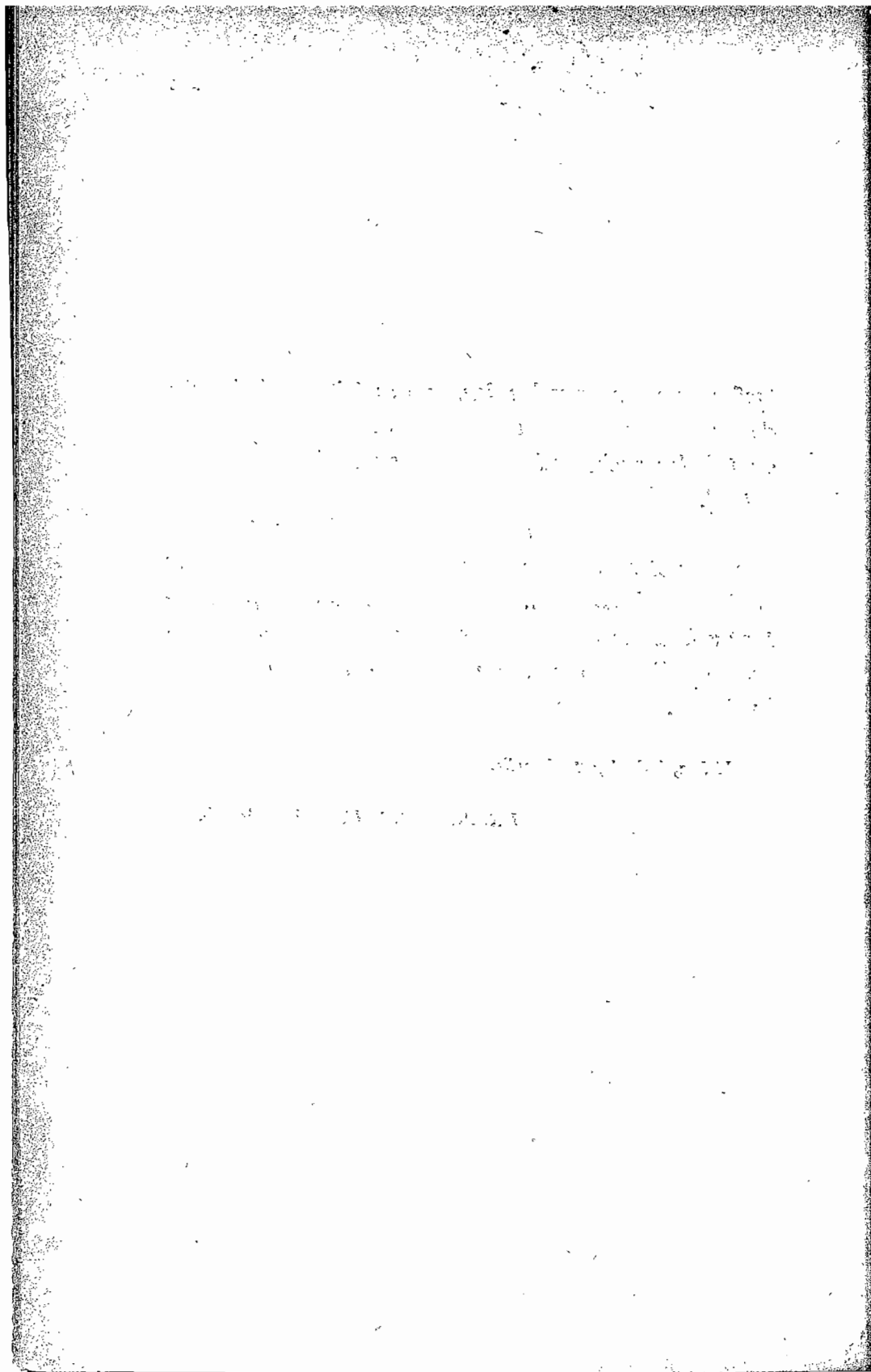
É, primeiro que tudo, o fruto do estudo indefesso, frase por frase, palavra por palavra, de todo o texto de Os Lusíadas, *afim-de neles encontrar os latinismos de várias espécies e procedências usados pelo poeta. «Há dois anos e meio que a minha escolha se fixara neste assunto. Dois anos e meio de investigações, de achados, de obra feita minuto a minuto; sete meses de trabalho intensivo no silêncio de um quarto, dissecando uma após outra tôdas as estâncias do poema, ... eis o que representa esta dissertação» (pág. 18-19).*

Mas representa mais do que isto. É também a prova provada de uma erudição vasta e segura, posta ao serviço da interpretação de tantos passos difíceis da nossa epopeia nacional; de criteriosas leituras pessoais, sobretudo de clássicos gregos e latinos, invocadas sempre que venham a propósito; é o meticuloso cuidado de dar o seu a seu dono; é a franqueza em expor as dúvidas, as hesi-

tações, que por vezes lhe ficam no espírito; a indicação de lacunas que seria necessário preencher para que tal ou tal das suas conclusões possa ser aceite como indiscutível.

Trabalho de ciência e de consciência — pode resumir-se nestas palavras a apreciação do livro que vem enriquecer a nossa bibliografia camoniana e que prestará relevantes serviços a quem quiser aprofundar o estudo da linguagem, por vezes tão complicada, de Os Lusíadas.

Lisboa, 3 de Agosto de 1931.

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES.

INTRODUÇÃO

Uma dissertação de licenciatura que tem por título «Ensaio sôbre os latinismos dos *Lusíadas*» representa, ao mesmo tempo, por mais que isto pareça paradoxal, — uma *velharia* e uma *novidade*.

Uma velharia... porque o grau de latinidade dos *Lusíadas* estava por assim dizer determinado desde o dia, já remoto de três séculos, em que Manuel de Faria e Sousa escreveu o seu comentário do poema, κτῆμα ἐς ἀεί, «não deixando muito que respigar aos futuros comentadores dos *Lusíadas*» (assim diz, *ipsis verbis*, Epifânio Dias).

Uma novidade... porque uma monografia, feita à luz dos modernos métodos filológicos, que abrangesse, num estudo consciencioso do poema inteiro, os latinismos de carácter glótico abundantemente esparsos por todo êle estava ainda por fazer.

Essa monografia, Faria e Sousa não a escreveu *nem a podia escrever*. Era um humanista, e de primeira plana, pela sua imensa cultura: não era um filólogo. Nem no seu tempo havia filologia [1], tal como nós hoje a entendemos: sciência sistematizada que obedece a leis e que, em vez de

---

(1) É verdade que já então existia a *curiosidade scientifica* no campo da filologia. E não datava da véspera. (Cfr. Cícero no *Orator*, Quintiliano nas *Institutiones oratoriae*). Mas filologia = sciência sistematizada, não existia.

impor preceitos à maneira dos defuntos gramáticos, procura registar factos, interpretar as anomalias aparentes e abraçar numa visão de conjunto *a vida das línguas* no tempo e no espaço.

Se pensarmos que, em vez do moderno conceito de *evolução,* ainda reinava no espírito de Camões o de *corrupção das línguas* (cfr. *Lusíadas* I, 33, 7-8), se pensarmos que os seus coevos de além-Pirinéus como Budé filiavam o francês no grego, e que no século XVIII o lexicógrafo Morais procurava no alemão *empor* o étimo remoto do nosso verbo *emparar,* se pensarmos enfim que, já bem perto de nós, ainda Castilho, espírito representativo da cultura literária da sua época, revelou na «Conversação preambular» do *Dom Jayme* a mais completa incompreensão do problema filológico [1], — então compreenderemos que pedir um trabalho dêsse género a Faria e Sousa, não obstante os seus conhecimentos de literatura latina, *seria não levar em conta as curvas da história da sciência. Natura non facit saltus.*

Essa monografia de carácter glótico... houve já no nosso tempo alguém que estava decerto indicado para a compor: Epifânio Dias. Dotado de um espírito muito arguto e de uma grande penetração filológica, possuidor daquela vasta e sólida cultura humanística necessária para que no trabalho misterioso do sub-consciente se estabelecessem os nexos entre frases portuguesas e frases latinas, Epifânio Dias era o homem indicado para êsse trabalho. Na sua edição dos *Lusíadas* deixou muitos e muitos achados seus, muitos latinismos anotados ao correr da pena no comentário das estâncias do poema, que no entanto se limitam aos capítulos mais interessantes (sintaxe e semântica).

---

(1) Cfr. *D. Jayme*, 11.ª Ed. (Pôrto, 1916), págs. LXXXIII-LXXXIV. Note-se que Castilho escrevia em 1862, seis anos antes de Adolfo Coelho publicar *A língua portuguesa.*

Deixou materiais dispersos. Morreu sem ter feito uma obra de conjunto.

E essa obra de conjunto que estava à espera de um estudioso, *res omnium* ou *res nullius*, é hoje tentada por um aluno da Secção de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Lisboa.

*

Esta dissertação não é todavia um trabalho definitivo. É apenas um *ensaio*.

E isto por dois motivos: um de natureza *subjectiva*, outro de ordem *objectiva*.

Um de natureza subjectiva. Sem ter de recorrer à falsa modéstia, que é, na definição de Ernesto Hello, «a mentira oficial dos orgulhosos de via reduzida», é evidente que me faltava a cultura necessária para realizar êsse trabalho exaustivo.

O motivo de ordem objectiva é mais importante e merece ser detidamente analisado.

Como é que se pode escrever um trabalho definitivo sôbre os latinismos dos *Lusíadas*, isto é, sôbre a contribuïção que Camões trouxe ao enriquecimento da nossa língua literária, se nós não sabemos com exactidão qual era o grau de enriquecimento dessa língua na fase imediatamente anterior à publicação do poema?! Um trabalho dêsse género pressupõe a publicação de monografias sôbre a língua de Zurara, de Garcia de Rèsende, de Damião de Goes, de Sá de Miranda, de António Ferreira, de João de Barros, etc. Um século antes da publicação do poema, já o Renascimento criara raízes em Portugal, pelo menos sob o aspecto, — único que aqui nos interessa, — do gôsto pela leitura dos clássicos latinos; prova-o a curiosa figura do bispo de Évora D. Garcia de Meneses, «nas letras gram sabedor» — como dizia Garcia de

Rèsende (1) — e que maravilhara em Roma o Cardial Sadóleto pela elegância do seu latim (2).

Mais ainda. Estamos num terreno movediço: *Qual é a separação entre a língua popular e a literária?* A demarcação é relativamente fácil de fazer no campo da fonética e do léxico, visto os vocábulos populares obedecerem às leis fonéticas e os literários delas se emanciparem, importando directamente a forma latina da palavra. Mas no campo da *sintaxe?*... *Qual = como,* sem estar em correlação com «tal» — que nos aparece a tôda a hora no poema, é latinismo ou não? Há argumentos pró e contra, como adiante se verá. O próprio Epifânio Dias que escreveu uma *Sintaxe histórica portuguesa* não delimitou nesse compêndio a língua literária da popular; registou paralelos com construções latinas, mas todos êsses paralelos são de origem erudita?... — *Tacuit.*

E no domínio da *semântica?*... Se certos casos são palpáveis, outros há que são enigmáticos. *Fingir = fabricar, gostar = provar,* (trans.) e quantos outros, ex. que se registam no poema. E, como fonte, o *Dicionário* de Morais, tão útil por vezes, neste domínio ainda mais perplexos nos deixa.

Todos estes argumentos põem em relêvo a dificuldade do assunto. O trabalho definitivo sôbre os latinismos dos *Lusíadas,* isto é, sôbre a contribuïção que nesse campo o poema trouxe ao enriquecimento da língua literária, só poderá ser feito no dia em que:

1.º — *estiver suficientemente delimitada a língua literária da popular nos domínios da sintaxe e da semântica;*

2.º — *houver monografias sôbre o enriquecimento da língua operado pelos autores do século XV e pelos quinhentistas anteriores a Camões.*

---

(1) Citado pelo conde de Sabugosa, *Gente de algo,* 3.ª ed., pág. 120.

(2) Cfr. Alexandre Herculano, *História de Portugal,* Introdução, 7.ª ed., t. I, pág. 38.

*

Pôsto isto, há um problema que já está contido implìcitamente em tôda a exposição que precede, mas que é preciso tratar *ex professo: há ou não provas de que Camões era muito lido nos clássicos latinos?*

A demonstração desta hipótese simplifica grandemente uma argumentação de carácter filológico que consista em registar latinismos glóticos nas obras do grande épico.

O assunto não pode ser *esgotado* nesta introdução por dois motivos:

a) é um assunto de carácter literário que não quadra com a índole glotológica dêste trabalho;

b) só por si daria ensanchas para uma série de monografias de carácter literário, quais seriam: *O Vergilianismo dos Lusíadas, Reminiscências de Ovídio em Camões, Que prosadores latinos teria lido Camões?* etc.

No entanto, pelo motivo acima exposto (vantagem [1] em ter informes precisos sôbre a cultura de Camões para a pesquiza de latinismos glóticos nas suas obras), convém *traçar o problema.*

Poder-se-ia afirmar *à priori* que Camões era lido nos clássicos latinos, visto tratar-se de um homem de letras do Renascimento. Mas não é preciso; já Manuel de Lira em 1584 registara lugares de clássicos latinos imitados pelo poeta; depois o problema foi traçado e quási esgotado por Faria e Sousa, há trezentos anos.

No entanto, já bem perto de nós, houve quem rejeitasse ou pelo menos pusesse em dúvida a demonstração de Faria e Sousa: foi Sousa Viterbo.

---

[1] Digo *vantagem,* não digo *necessidade absoluta.* Poder-se-ia mesmo inverter o sentido da pesquiza e partir da verificação de latinismos glóticos no poema para a prova da cultura humanística do poeta.

Diz êle:

«Manuel de Faria e Sousa foi quem mais profundamente estudou o poeta e os seus comentários revelam uma erudição tão assombrosa como esmagadora *e estéril.* Querendo levantar a memória do poeta, imaginando prestar-lhe um grande serviço, não fêz, a meu modo de ver, senão deprimir-lhe o talento, apoucando-lhe a sua originalidade, no confronto e paralelo constante das passagens camoneanas com similares de outros poetas. Por muito grande que fôsse a erudição do cantor dos *Lusíadas*, *custaria ainda assim a admitir que êle tivesse tido tempo e paciência para ler tantos autores.* Não foram longos os anos do seu trânsito na terra, êsses mesmos ocupados e agitados, e mal se compreende que a sorte lhe reservasse tão apetecidos e apetitosos ócios literários. Isso era bom para um Sá de Miranda, a quem o mimo de duas rendosas comendas, além de outros bens de fortuna, permitiam filosofar sènecamente no remanso florido dos riozinhos pitorescos, que lhe serpenteavam a solarenga propriedade minhota» (1).

Há que responder a Sousa Viterbo:

1.º — a grande cultura literária de Camões é atestada no poema pelo seu próprio testemunho (2) e indirectamente pelo conselho que êle dá aos cabos de guerra de que consagrem os seus ócios às letras (3).

2.º — no que diz respeito aos clássicos latinos, — único ponto que aqui nos interessa, — conhecê-los, num literato do século XVI, era tão normal como num literato português de hoje conhecer a literatura francesa moderna (4).

---

(1) Os *Lusiadas,* grande edição ilustrada, revista e prefaciada pelo Dr. Sousa Viterbo, Lisboa, 1900. Introdução, pág. XXIV.

(2) Cfr. *Nem me falta na vida honesto estudo.* (*Lus.* X, 154, 5).

(3) Cfr. *Lus.* V, 92-100. Tem passos bem frisantes, v. g. st 96 e 97.

(4) Qual era o homem culto dos séculos XVI, XVII, e XVIII que não sabia latim? Apontava-se a dedo. *Cet homme qui ne savait pas même le*

3.º — a simples leitura atenta dos *Lusíadas* revela a um leitor de cultura mediana, pela super-abundância de pormenores mitológicos e de história antiga, uma grande erudição clássica (¹).

4.º — ao vago *custaria a admitir* de Sousa Viterbo opõe-se de um modo convincente a perfeita exactidão de muitos dos confrontos de Faria e Sousa ou seja a semelhança evidente entre determinados passos dos *Lusíadas* e tais outros passos de Vergílio, de Ovídio, de Horácio, de Lucano e de outros.

Outro camonista, êste com a dupla autoridade que lhe provinha de ser simultâneamente filólogo e humanista, Epifânio Dias, se bem que reconhecendo o serviço enorme prestado à cultura portuguesa pelo erudito de há três séculos, emitiu todavia sôbre as suas conclusões certas reservas que convém pôr em foco:

«Manuel de Faria e Sousa (1590-1649) dotou não só os *Lusíadas*, senão também as demais obras de Camões, de

---

latin... — dizia mais tarde Voltaire, de Shakespeare. Portugal então não estava em atraso em relação à Europa. No *Boosco delleytoso*, que o dr. J. L. de V. situa possìvelmente *nos fins do século XIV* (*Lições de filologia*, 2.ª ed., pág. 136) há já muito humanismo. A febre humanística intensifica-se com Mateus de Pisano (1460). Depois a nossa literatura quinhentista é em grande parte tributária da latina (cfr. Sá de Miranda, António Ferreira). Mais ainda: o *conhecimento construtivo do latim* tornou-se então uma realidade; (basta recordar os nomes de André de Rèsende, Aires Barbosa, Jerónimo Osório, Aquiles Estaço, Diogo de Teive e de outros que escreviam correntemente em latim). Sôbre o valor e o culto do latim na vida mental e social do século XVI, cfr. M. G. Cerejeira, *O Renascimento em Portugal — Clenardo*, Coimbra 1917. Clenardo escrevia de Évora: *Mire mihi placet haec aula; habet enim doctos et Graece et Latine non paucos*...

(¹) Foi aliás a primeira impressão que teve o primeiro leitor do poema, Frei Bartolomeu Ferreira, censor do Santo Ofício, que achou no poeta «muito engenho e *muita erudição nas sciências humanas*».

um comentário completo, escrito, ainda mal, em castelhano. De leitura verdadeiramente pasmosa, inflamado em sincero amor entusiástico do Poeta, consumiu no seu trabalho longos anos, não deixando muito que respigar aos futuros comentadores dos *Lusíadas*. Tem, supérfluo é dize-lo, erros e defeitos, mas, geralmente falando, ninguém melhor compreendeu o sentido do Poeta, não raras vezes difícil de alcançar... Outro defeito que nos descontenta sobremaneira ao percorrermos aquelas prolixas anotações, é que, não distinguindo entre verdadeiras reminiscências literárias e coincidências fortuitas que naturalmente se dão nos que tratam dos mesmos ou de análogos assuntos, Faria e Sousa em tudo quere ver inspirações dos poetas antigos e modernos, até em passos em que cita as fontes históricas das narrativas do Poema» (1).

Por um dever de probidade mental, — qualidade que julgo ser indispensável ao investigador, — devo dizer que não tenho elementos para poder ajuizar do valor desta crítica de Epifânio Dias. Não pude compulsar no labor de todos os dias, — por não se encontrar à venda e sòmente em raríssimas bibliotecas, — o comentário célebre do seiscentista, conhecendo-o através das referências constantes que lhe faz a edição de Epifânio Dias. No entanto surgem logo ao espírito duas objecções:

a) porque é que Epifânio Dias não aponta um facto concreto em defesa da sua afirmação, um exemplo típico em que se veja Faria e Sousa tomar a nuvem por Juno e farejar uma reminiscência clássica onde apenas existe uma coïncidência fortuita?

b) é possível que *num ou noutro pormenor* Faria e Sousa tenha visto uma reminiscência clássica onde ela não existia; *no conjunto* os seus confrontos são justificados, e o próprio

(1) *Lus.* coment. por Epifânio Dias, 2.ª ed., tom. I, pág. XXX.

Epifânio Dias centenas de vezes recorre a êles no aparato crítico da sua edição.

Conclusão: *Camões era muito lido nos clássicos latinos e a prova está nas imitações que esmaltam tôda a sua epopeia.*

Epifânio Dias é o primeiro a reconhecer êste facto pois escreve:

«Camões, da mesma maneira que os espíritos mais cultos da Renascença, possuía *vastíssima instrução humanística. Era muito versado na literatura latina antiga, nos seus diferentes períodos, e da língua de Vergílio assenhoreou se a ponto que às vezes a frase portuguesa nos* Lusíadas, *por nìmiamente conforme ao tipo latino, perde um tanto a limpidez*» (1).

*

Mas que autores latinos actuaram nos *Lusíadas?*

Em primeiro lugar, e eclipsando bem todos os outros: *Vergílio.*

Como se prova?

1.º — a própria *concepção geral* do poema é influenciada pela Eneida (2).

---

(1) *Lusíadas*, ed. de Epifânio Dias, 2.ª ed., t. I, pág. XVIII (Introdução).

(2) O modo de enxertar na acção do poema os feitos heroicos dos Portugueses é imitação da Eneida: *a*) Eneias *narra* em Cartago à raínha Dido a tomada de Troia e os trabalhos que depois passou no mar (*En.*, c. II e III); V. da Gama *narra* ao rei de Melinde os sucessos da nossa história e a sua viagem (*Lus.*, c. III, IV e V). — *b*) Anquises mostra a Eneias nos Infernos as *animas superum ad lumen ituras*, herois futuros de Roma, lendários e reais (*En.* VI, 752-886); uma ninfa revela ao Gama os *altos barões que estão por vir ao mundo* e que se hão-de ilustrar na Índia (*Lus.* X, 7-73); — *c*) profecias de Júpiter a Vénus em ambos os poemas (*En.* I, 257-296; *Lus.* II, 44-55). — Do mesmo modo o essencial do *mecanismo mitológico* é haurido em Vergílio: divindades adversas a suscitar tempestades no mar (Juno na *En.*, Baco nos *Lus.*); divindades propícias a

2.º — nos *pormenores,* ainda de ordem *literária,* há passos em que a imitação de Vergílio é patente [1].

3.º — a língua de Camões é fortemente influenciada pela de Vergílio e, como neste trabalho se verá, *muitos dos latinismos lexicais de Camões são bebidos na Eneida.*

Que outros *poetas latinos* conhecia Camões?

Um nome ocorre logo: *Ovídio.*

O exilado do Ponto foi, depois de Vergílio, o poeta latino que deixou nos *Lusíadas* sulco mais vincado. Foi em Ovídio que Camões hauriu em grande parte o *mecanismo mitológico*

---

removê-las (Vénus nos dois poemas) — Cfr. sôbre o assunto Epifânio Dias na sua edição dos *Lusíadas*, t. I, págs. XI-XIII (Introdução). — Cfr. igualmente sôbre o assunto M. Emílio Dantas, *Paralelo entre Vergílio e Camões*, Pôrto, 1880; opúsculo digno dum humanista, interessante sobretudo ao frisar o contraste entre os heróis dos dois poemas (*Eneias* — fabuloso, vago epónimo de Roma, de valentia condestável ao começo e sujeito às fraquezas do amor; — *o Gama* — real, característicamente nacional, destemido e não amando como herói); e ao frisar o outro contraste entre Polifemo (promontório transformado em homem, mudo, insensível) e Adamastor (homem transformado em promontório, com linguagem e com sentimentos); mas *pouco adianta de concreto sôbre o vergilianismo dos Lusíadas,* embora diga claramente que «se não pode contestar que *os Lusíadas foram modelados pela Eneida*» (pág. 16).

[1] Cfr. entre centenas de outros exemplares, todo o fim do canto II dos *Lusíadas*, a semelhança que há entre os versos em que o Gama manifesta a sua gratidão por ter achado um asilo em Melinde e aqueles em que Eneias agradecia a Dido o ter tido dó dos míseros Troianos; cfr. o desejo do Melindano de saber os feitos dos Portugueses expresso de modo tão semelhante à forma como Dido exprimia a sua ansiedade em saber como ardera Troia. Cfr. ainda o episódio de Inês a levantar os olhos ao céu, na impossibilidade de juntar as mãos, decalcado pelo episódio de Cassandra na noite trágica de Ilion. Vid. na edição dos *Lusíadas* de Epifânio Dias o comentário a II, 79, 80, 81, 104, 108, 110, 111; III, 125, e a transcrição dos passos similares da *Eneida* em que Faria e Sousa já pusera o dedo.

da sua epopeia [1]. Em especial, a descrição do palácio dos deuses marinhos (*Lus.* VI, 10-14) corresponde, segundo Epifânio, à do palácio das portas do Sol em Ovídio (*Met.* II, 5-18); e a pintura do deus marinho Tritão (*Lus.* VI, 16-19) fôra já anotada por Faria e Sousa como sendo uma reminiscência de Ovídio. As inúmeras alusões à *metamorfoses* de deuses e homens em animais, flores e mesmo sêres inanimados são bebidas no compilador da fantasia mitológica da antigüidade [2]. E até, no dizer de Epifânio Dias, «com muita probabilidade, a narrativa que vem em Ovídio (*Met.* IV, 655-661, cit. por F. S.) da conversão de Atlas, agigantado rei da Mauritânia, no monte que tomou dêle o nome, foi a que sugeriu primordialmente a Camões a sua grandiosa concepção» (do gigante Adamastor) [3].

Lucano, o poeta da *Farsália*, o épico que cantou o duelo de morte entre a Roma do passado e a do futuro, não podia ficar esquècido para um poeta que tinha uma tal compreensão do que podia haver de épico num determinado assunto. Já Faria e Sousa registara imitação de Lucano na evocação que Camões faz do *curriculum vitæ* de Pompeio (*Lus.* III, 71-73, cfr. *Phars.* II, 583-594) e em outro passo (*Lus.* X, 34, cfr. *Phars.* II, 601-603).

---

[1] O essencial para a acção do poema, como acaba de ser pôsto em relêvo, é imitado da *Eneida*. O *pormenor descritivo* é que é em geral de Ovídio.

[2] Cfr. v. g. *Lus.* II, 27; III, 77; V, 59; VI, 13, 23, 24; IX, 60, 62. Sôbre a proveniência ovidiana dêstes passos cfr. o elucidativo comentário de Epifânio Dias às respectivas estâncias.

[3] Com. a *Lus*, V, 59. Note-se que Epif. Dias escreve: *primordialmente*. Segundo M. Emílio Dantas (*Paralelo entre Vergílio e Camões*, pág. 16) o episódio de Polifemo, na *Eneida*, teria sugerido o de Adamastor, o qual, por outro lado, seria, segundo a interpretação *mais racional*, «a personificação das mil fábulas que corriam relativas ao Cabo das Tormentas» (pág. 18).

Horácio, como era de prever, teve um lugar de menos destaque nesta *epopeia* do Renascimento. Todavia, neste domínio como nos outros, já Faria e Sousa farejara vestígios dos seus versos em pormenores de estilo, v. g. o decalque evidente de *Lus.* VI, 55, 2 por um verso do Venusino (*Ep.* I, 16, 79).

Haveria ainda que dizer de outros poetas cuja influência na urdidura dos *Lusíadas* foi de somenos importância (Lucrécio, cfr. *Lus.* VI, 99; Claudiano, cfr. IX, 30-32; Marcial, cfr. V, 87; etc.) (1). Mas não quadra à índole glotológica dêste trabalho alongar indefinidamente esta digressão que aqui visa apenas *a explicar a «latinidade» da língua de Camões pela «latinidade» da sua cultura.*

E quanto aos prosadores?

Neste campo o terreno está ainda muito por desbravar e a investigação é mais difícil.

Cícero?

Dado o lugar de destaque que êste nome ocupa na prosa latina e levando ainda em conta o entusiasmo com que o estudaram no Renascimento um Erasmo ou um cardial Bembo, poder-se-ia quási supor *à priori* que Camões era leitor de Cícero.

Há dados mais positivos:

A frase célebre de Alexandre junto do túmulo de Aquiles *O fortunato adulescens...*, frase a que o poeta alude implìcitamente ao acabar o poema (*Lus.* X, 156, 8), Epifânio Dias supõe e com razão que foi haurida no *Pro Archia* (2).

Do mesmo modo, — no entender do mesmo comentador, — a alusão à lenda de que sete cidades do Egeu disputavam o bêrço de Homero (*Lus.* V, 87, 1-4), o poeta devia tê-la encontrado numa destas três fontes: ou num comentário a deter-

(1) Vide o com. de Epifânio Dias aos respectivos passos.

(2) Vid. o seu comentário a êste passo do poema. Camões alude também a esta frase célebre em V, 93, 1-4.

minado passo do *Pro Archia* que vinha na edição de Cícero de Paris de 1538 e em outras, ou então nas edições antigas de Aulo Gélio, ou enfim no *Dictionarium poeticum* de Tormentino. Wilhelm Storck, — êsse estranjeiro que nos deve fazer còrar de vergonha pelo muito que amou os *Lusíadas* e pela análise inteligente e laboriosa com que os enriqueceu, — supôs que Camões tivesse lido Aulo Gélio. Epifânio rebate esta opinião com o argumento de que a notícia em questão, — que poderia ser um indício para esta hipótese, — Camões a podia ter achado por outra via [1]. Através do *Pro Archia* de Cícero? E porque não, se foi exactamente em Cícero e no *Pro Archia* que êle se inspirou ao escrever o último verso do poema?

Já que vem a talho de foice, eis um indício curioso de que Camões devia ser leitor de Cícero (e no qual até hoje, que eu saiba, ninguém fêz reparo):

No final do seu poema, ao justificar-se perante o Rei, Camões escreve:

> Nem me falta na vida honesto estudo
> Com longa esperiencia misturado,
> Nem engenho, que aqui vereis presente,
> Cousas que juntas se achão raramente.
>
> *Lus.* x, 154, 5-8.

À luz da vida moderna estes versos nada dizem. Mas vejamo-los à luz da civilização renascentista em que foram escritos, civilização que pensava pela cabeça dos clássicos gregos e latinos.

A ideia de Camões decompõe-se. Há três elementos no seu mérito: *engenho, estudo, experiência*. Exactamente *as três qualidades fundamentais do orador*, segundo a teoria de Cícero, por êle exposta nos tratados de retórica [2].

---

[1] Cfr. a sua edição dos *Lusíadas*, Introdução, pág. XVIII, nota 1, e o seu comentário a v, 87.

[2] Cícero volta várias vezes a êste seu dádá. Cfr. por ex. estes dois

As qualidades fundamentais do *orador* seriam letra morta para o poeta? É provável que não, sobretudo numa época em que o poeta não era *o ignorante de génio* do romantismo mas estava pelo contrário impregnado de cultura clássica (¹).

Camões devia igualmente conhecer *os historiadores romanos.* A quem se refere aquela exclamação da ninfa ao ver a galhardia de D. Lourenço de Almeida na baía de Chaul:

> Aqui resurjão todos os antigos
> A ver o nobre ardor que aqui se aprende: ?
>
> *Lus.* x, 30, 5-6.

Quem eram estes «antigos»? Os heróis *lendários* de Vergílio e Homero? Mas êsses deviam ser *fabulosos* (cfr. *Lus.* x, 82). Ou não serão antes os vultos da história *real,* narrada pelos historiadores romanos, a quem Camões compara o

---

passos do *Brutus.* Dirigindo-se a Bruto e prevendo a inutilidade da sua eloqüência em face da ditadura de César, diz-lhe com tristeza: *Nam mihi, Brute, in te intuenti crebro in mentem venit vereri ecquodnam curriculum aliquando sit habitura tua et* natura *admirabilis, et exquisita* doctrina *et singularis* industria. (Cfr. *Brutus,* vi). Mais adiante, ao referir-se a Gaio Graco, Cícero define-o dêste modo: *Sed ecce in manibus vir et præstantissimo* ingenio, *et flagranti* studio, *et* doctus *a puero.* (idem xxxiii).

(¹) É verdade que já a antigüidade dissera, delimitando as duas artes: *Nascuntur poetæ, fiunt oratores.* Mas haverá uma fronteira absoluta entre a poesia e a eloqüência?... Já Cícero achava que Homero fôra *tam ornatus in dicendo ac plane orator* (*Brutus,* x, 40). Camões foi por vezes *poeta-orador* (cfr. v. g. *Lus.* iii, 32; 71-73; iv, 33; v, 86). No entender do sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, no seu curso de Estudos brasileiros, uma das características da poesia brasileira é *a tendência para a oratória* e Castro Alves é um tipo de poeta-orador. Por outro lado a poesia também invade a eloqüência; cfr. *o poder da imagem* em algumas das orações fúnebres de Bossuet.

Infante Santo (*Lus.* IV, 53), Duarte Pacheco (x, 21), D. Lourenço de Almeida (x, 30)?

Há no poema indícios de que Camões lia Tito-Lívio (¹). E tenho para mim que Tito Lívio devia ser um dos seus autores predilectos; eram almas gémeas: ambos vibravam de sincera emoção perante o verdadeiro amor da pátria e ambos se compraziam na pintura de uma humanidade heroica.

*

Finda esta digressão pelas leituras de Camões no campo dos clássicos latinos (²), — digressão que, nunca é ocioso repeti-lo, foi apenas uma vista de relance e visou sòmente a *explicar os latinismos glóticos do poema em função da cultura humanística do poeta,* — resta agora delimitar com exactidão o âmbito dêste trabalho.

Por outras palavras, falta aplicar o preceito dos velhos Escolásticos: *excluduntur ea quæ ad thesim non pertinent.*

Visto que a minha dissertação foca apenas os *latinismos glóticos* dos *Lusíadas*, ficaram *ipso facto* excluídos:

a) *os helenismos lexicais* (³), mesmo quando introduzi-

(¹) Cfr. o comentário de Epifânio Dias a IV, 53; x, 21.

(²) Quanto a *Camões leitor de Plauto,* — tema muito interessante mas fora do âmbito dêste ensaio sôbre os latinismos *dos Lusíadas,* — cfr. Marques Braga, *Luís de Camões — Autos* (edição premiada pela «Real Academia Española», 1928).

(³) É relativamente fácil, na maioria dos casos, dado o estado actual da sciência filológica, distinguir um vocábulo latino dum grego; por isso no domínio do léxico estabeleci separação completa entre latinismos e helenismos. Outro tanto nem sempre acontece no campo da sintaxe; por isso nesse domínio não exclui uma ou outra regra suspeita de estar inquinada de helenismo.

dos na nossa língua literária mui provàvelmente por via latina:

v. g.
- substts: *citara* (I, 12, 4; IV, 102, 6; IX, 64, 5); *philomela* (IX, 63, 2); *archetipo* (X, 79, 1).
- adjs: *diafano* (X, 7, 4); *austero* (V, 98, 6; IX, 26, 1; X, 145, 8).
- vbs: *blasfemar* (I, 90, 7; IV, 44, 1; VI, 6, 8).

b) *os vocábulos literários de origem eclesiástica* (¹):

v. g.
- substts: *deidade* (VI, 8, 8; 24, 4; 34, 8; VII, 47, 1).
- adjs: *sacro* (II, 15, 2; III, 74, 7; V, 74, 2; VII, 62, 2; X, 84, 6); *sempiterno* (IV, 60, 5; VI, 91, 6; X, 4, 4). *omnipotente* (I, 42, 2; IV, 47, 5; VIII, 99, 5; X, 90, 5; 114, 6).

c) *os latinismos de estilo*

(que, em meu fraco entender, pelo menos, têm cabimento num trabalho literário, mas não em um de natureza glotológica).

(¹) Visto que *latim clássico* é uma cousa e *latim eclesiástico* outra, estes vocábulos estavam por sua natureza excluídos dum estudo que tinha por objecto um aspecto da projecção do latim clássico sôbre a língua literária portuguesa do Renascimento. Mas como é que se fêz a demarcação? Devo dizer que no meu estudo ela não obedeceu a leis (nem podia), mas antes a uma questão de faro, quási de intuïção. Assim *omnipotente* foi rejeitado e *potente* conservado como latinismo. Do mesmo modo hesitei em manter *tuba* na longa lista dos latinismos lexicais, por ver que êste vocábulo aparece muita vez na Sagrada Escritura e na liturgia da Igreja (cfr. a liturgia do dia de Todos os Santos); mas o paralelo com *avena* em *Lus.* I, 5, 2-3 fêz-me crer na proveniência directamente clássica dêste termo no espírito do poeta. No campo da sintaxe e no da semântica levei o escrúpulo *purista* a excluir do texto definitivo todos os verbetes em que registara paralelos entre a língua de Camões e o latim eclesiástico.

Exemplifiquemos:

À semelhança dos *poetas* latinos, Camões designa a Itália por *Ausónia* (v, 87, 5), os Ítalos por *Ausónios* (x, 21, 5), Cleópatra por *a Lageia* (vi, 2, 4), a Índia por *o Indo Idaspe* (i, 55, 2).

Fora do campo geográfico, também aparecem latinismos de estilo. Assim, por ex. *as rodas da Fortuna* (x, 74, 5) é expressão proverbial que ascende à literatura e que Otto regista em *Die Sprichwörter der Römer*. Do mesmo modo, Faria e Sousa viu em *o esperar comprido* (v, 70, 5) uma reminiscência do *spem longam* de Horácio (*Od.* i, 4, 15). E, enfim, dada a paixão de Camões pela leitura de Vergílio, vejo em *a doce vida* (iii, 37, 7) uma reminiscência possível do *dulcis vita* de Vergílio (*En.* vi, 428: *Quos dulcis vitæ exsortes...*).

Todos estes latinismos têm interêsse para a literatura comparada, não para a glotologia.

Ficaram ainda excluídos dêste *ensaio,* embora os assuntos não lhe sejam estranhos:

α) os *latinismos lexicais geográficos* (1);
(porque pedem um exame especial das fontes histórico-geográficas do poema, exame êste que não estava no âmbito dêste trabalho).

β) os *latinismos de métrica;*
(a respeito dos quais nada tinha que acrescentar ao que foi dito por Epifânio Dias) (2).

A dissertação consta de cinco partes:

Fonética;

---

(1) Sobretudo abundantes no c. iii.

(2) Na sua edição dos *Lusíadas*, cfr. 2.ª ed., t. ii, pág. 340 (Registo filológico, s. v. *Taprobana*).

Morfologia;
Sintaxe;
Semântica;
Léxico.

*

Resta ainda examinar um último ponto:

Uma dissertação que tem por título *Ensaio sôbre os latinismos dos «Lusíadas»* pertence ao âmbito da Filologia Clássica? ou não pertencerá antes ao da Românica?

Evidentemente, um estudo sôbre o enriquecimento da língua literária no português, língua românica, cai fatalmente na órbita da Filologia Românica.

Mas, por outro lado, um estudo dum aspecto *da projecção directa do latim clássico sôbre a nossa língua literária do Renascimento* pertence igualmente ao domínio da Filologia Clássica. Assim o entendi desde a primeira hora em que êste trabalho se me antolhou como sendo aquele que melhor se prestava para minha dissertação final, porque melhor satisfaria estas duas condições:

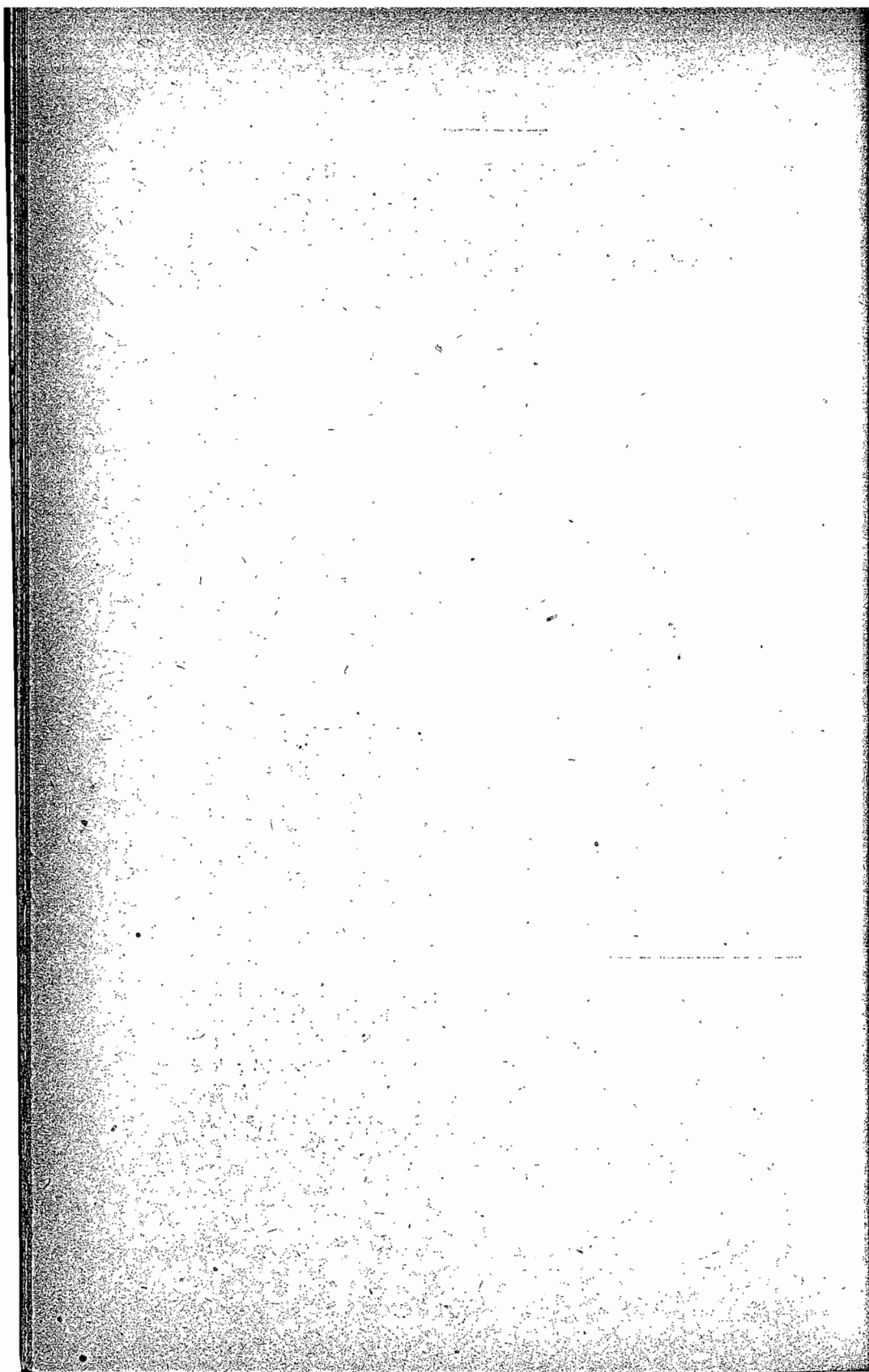
a) trabalho original;
b) dentro da minha especialidade.

Assim o entendeu igualmente, quando lhe comuniquei o assunto que escolhera, o sr. Dr. José Maria Rodrigues, hoje professor da cadeira de Estudos Camonianos e, ao tempo, catedrático, ainda não aposentado, da secção de Filologia Clássica.

Há dois anos e meio que a minha escolha se fixara neste assunto. Dois anos e meio de investigações, de achados, de obra feita minuto a minuto; sete meses de trabalho intensivo no silêncio dum quarto, dissecando uma após outra tôdas as estâncias do poema e compulsando no labor de todos os

dias as edições de Epifânio Dias e do sr. Dr. José Maria Rodrigues [1], eis o que representa esta dissertação.

Não é um trabalho perfeito, e por motivos que já foram suficientemente esclarecidos. É *um esfôrço*.

[1] Em tôdas as citações de passos do poema reproduzo o mais fielmente possível o texto da edição de 1572 conhecida pela designação abreviada de *Ee*, texto que vem fac-similado na edição dos *Lusíadas* da Biblioteca Nacional, com *introdução* e *aparato crítico* do prof. Dr. José Maria Rodrigues, Lisboa, 1921. Escolhi o texto de *Ee* por ser *o da verdadeira edição «princeps» do poema*. Quanto aos argumentos em que assenta esta demonstração, cfr. a citada *introdução* do prof. José Maria Rodrigues na ed. da Bibl. Nac., § 1.

LISTA DAS PRINCIPAIS ABREVIATURAS USADAS NESTA DISSERTAÇÃO

Ee — Edição *princeps* dos *Lusíadas*.

F. e S. — *Lusíadas*... comentadas por Manuel de Faria i Sousa, Madrid, 1639.

E. D. — *Os Lusíadas* de Luís de Camões, comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias, 2.ª éd. melhorada, Pôrto 1918. — o mesmo, *Sintaxe histórica portuguesa*, Lisboa, 1918.

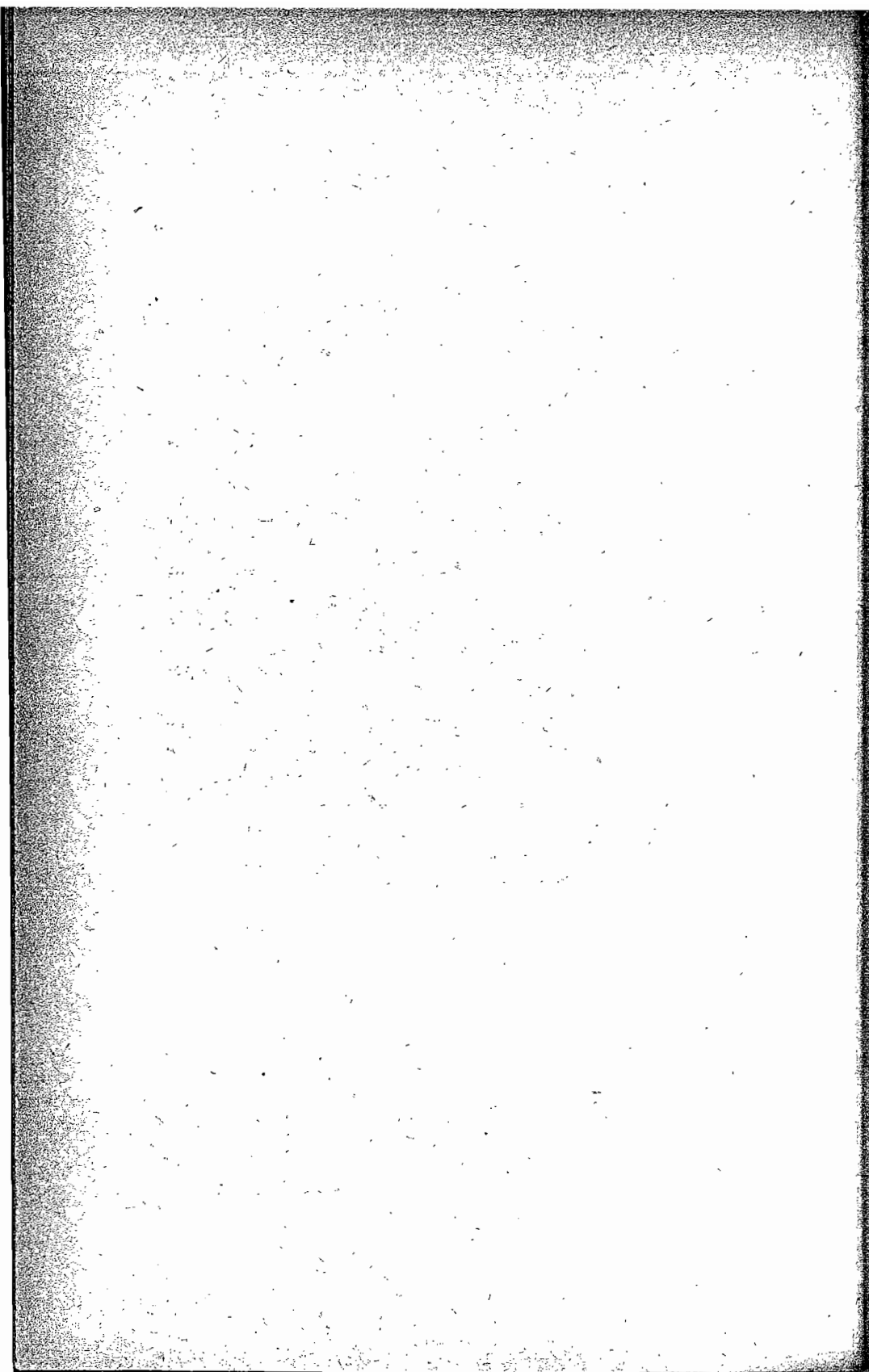
J. M. R. — *Os Lusíadas* de Luís de Camões, reimpressão *fac-similada* da verdadeira 1.ª edição dos *Lusíadas*, de 1572, precedida duma introdução e seguida dum aparato crítico do prof. da Faculdade de Letras Dr. José Maria Rodrigues, Lisboa, 1921.

J. L. de V. — Dr. José Leite de Vasconcellos, (obras várias que se especificam).

M. — *Diccionario da lingua portugueza* — composto por Antonio de Moraes Silva .. 4.ª edição .. por Theotonio José de Oliveira Velho. Lisboa, 1831.

Quich. — L. Quicherat et A. Daveluy — *Dictionnaire latin-français*... revisé, corrigé et augmenté... par Emile Chatelain — 54.ᵉ éd.

Verg. *En.* — Vergílio, *Eneida*.

Cic. *Br.* — Cícero, *Brutus*.

ENSAIO SOBRE OS LATINISMOS DOS «LUSÍADAS»

PARTE I

Fonética

Dei a designação de *latinismos fonéticos* aos vocábulos literários de proveniência latina alotrópicos de vocábulos populares e que concorrem com estes no poema.

Não são muito abundantes nos *Lusíadas*.

*

1.— *Abundar* e seus derivados.

A forma popular, evoluída segundo as leis fonéticas, é *avondar* (< abundare). Ocorre, v. g., em Fernão Lopes (1) e até ainda em Gil Vicente (2). A par do verbo ocorrem os substantivos *avondança*, no «Castello perigoso» (3), *avondamento* no «Boosco delleytoso» (4), e o adjectivo *avondoso* na «Corte imperial» (5). A proveniência tão diversa dêstes ex. mostra como estas formas tiveram vida no port. arcaico, chegando mesmo ao século XVI.

---

(1) *Crónica de D. João I*, cap. 133; cfr. Antol. port. F. L. III, pág. 90.
(2) *Auto da Feira*, cfr. J. L. de V., *Textos arcaicos*, 3.ª ed., pág. 101.
(3) Apud, J. L. de V., *op. cit.*, pág. 47.
(4) *Id., ibid.*, pág. 64.
(5) *Id., ibid.*, pág. 61.

No Renascimento deu-se a restauração destas formas: *abundar, abundância*. E estas tanto prevaleceram na língua viva que acabaram por matar quási por completo as formas populares, sobrevivendo apenas o termo dialectal *bonda*.

Nos *Lusíadas* ocorrem:

a) as formas *literárias* puras:

abunda, VI, 43, 6.
abundante, VII, 1, 8; X, 121, 7.
abundantes, VI, 1, 6; IX, 84, 4; X, 25; 102, 4.
abundosos, VII, 70, 2.

b) formas *mescladas:*

abondanças, V, 54, 7.
abundanças, VII, 62, 3.

2. — *Contrário*.

A forma popular, *contrairo*, com metátese do *i* e conseqüente formação de ditongo, teve vida em port. arcaico e regista-se, v. g., no *Esopete português* (1), em Fernão Lopes (2) e em Castanheda (3).

No Renascimento deu-se a *restauração*. A forma alatinada *contrário* prevaleceu de então para cá e é hoje a única corrente, pelo menos na língua escrita.

Nos *Lusíadas* ocorre:

a) a forma *literária* (4):

contrario, I, 85, 4 (rima com *necessario* e *adversario*); III, 116,

(1) Apud J. L. de V., *op. cit.*, pág. 51.

(2) *Crónica de D. João I*, cap. 133; cfr. Antol. port. F. L. III.

(3) I, 8; apud Epif. Dias, comentário a *Lus.* I, 100.

(4) Se aqui levasse em conta a ordem cronológica, isto é, a ordem de aparecimento destas formas na língua portuguesa, devia começar pelas citações de formas populares. Mas o critério é outro: *o interêsse que estas particularidades fonéticas têm para um estudo sôbre os latinismos glóticos dos Lusíadas*. Evidentemente nesse caso o que importa

5 (rima com *Mario* e *adversario*); IV, 6, 4 (*fora da rima*); VII, 78, 6 (rima com *temerario* e *vario*); VIII, 66, 7 (*fora da rima*); X, 139, 2 (*fora da rima*).

contraria, VII, 39, 6 (rima com *Samaria* e *varia*); VIII, 20, 8 (*fora da rima*); IX, 44, 3 (rima com *necessaria* e *temeraria*).

contrarios, IV, 19, 8 (rima com *adversarios*); IV, 59, 3 (*fora da rima*); VIII, 52, 1 (rima com *varios* e *temerarios*); VIII, 60, 2 (*fora da rima*).

(ao todo: 6 ex. *fora da rima*).

b) a forma *popular* arcaica:

contrairo, II, 39, 4; VIII, 41, 7.
contrairos, I, 100, 7.
(3 ex., todos fora da rima).

Mesmo só levando em conta os ex. fora da rima, a forma *restaurada* está em predomínio evidente.

3. — *Defensa*.

A evolução do grupo consonântico — *ns* — > — *s* — tivera lugar ainda no latim, como prova o testemunho de Quintiliano (¹), citado por Niedermann, tendo-se dado mais tarde uma regressão etimológica parcial (²).

O português popular herdou formas dêstes dois tipos:

tipo *a* (— *ns* — > — *s* —): me*ns*a(m) > mesa.
tipo *b* (— *ns* — > — *s* — > — *ns* —): co*ns*iliu(m) > co*ns*elho.

é a forma restaurada, porque só nessa se vê a projecção do latim clássico. A forma popular, com ela cotejada, é apenas o negro ao lado do branco na chapa fotográfica; é a justificação do motivo por que introduzi estes ex. na *Fonética* e não no *Léxico*.

(¹) Quintiliano, *Institutiones oratoriæ*, I, 7, 29: «*Consules*.. exempta *n* littera legimus». Citado por Niedermann, *Historische Lautlehre des Lateinischen*, 2.ª ed., Heidelberg, 1925, pág. 34. Cfr. o mesmo, págs. 95-96.

(²) Niedermann, *op. cit.*, págs. 95-96.

No Renascimento, nova regressão parcial, que não sei até que ponto terá correspondido à pronúncia viva.

Dêste vocábulo, nos *Lusíadas*, ocorre:

a) a forma *literária*:

defensa, x, 49, 2.

b) a forma *popular*:

defesa, III, 34, 6; 69, 7; 87, 3; 114, 4; 138, 6; IV, 15, 5; VIII, 24, 6.

Predomínio evidente da forma popular.

4. — *Fructo. Fructa.*

Já no port. deu-se a vocalização da primeira consoante do grupo medial, o que teve como conseqüência a formação dum ditongo. Essa forma medieval, escrita *fruytus*, ocorre v. g. na «Côrte imperial» (1), e, escrita *fruytos*, no *Cancioneiro geral* (2).

No Renascimento deu-se a *restauração*, não correspondendo inteiramente a pronúncia à grafia: passou-se a escrever *fructo* e a pronunciar *fru-to* (3).

Nos *Lusíadas* ocorrem:

a) formas *literárias típicas*:

fructo, III, 120, 2 (rima com *muito* e *enxuto*) (4); IV, 27, 6 (*fora da rima*).

fructas, II, 76, 7 (*fora da rima*).

---

(1) Apud J. L. de V., *T. arc*, 3.ª ed., pág. 60.

(2) Edição de Coimbra de 1910, tôm. I, pág. 221.

(3) Sob o aspecto gráfico, a restauração já tinha raízes nos semi-eruditos da Idade Média. *Fructo* ocorre numa «notícia de torto» do século XIII (apud J. L. de V., *loc. cit.*, pág. 16).

(4) Freire de Carvalho, seguido por E. D., alterou o texto para *fruito* e no v. 6 *enxuito*, com o fim de uniformizar a rima. J. M. R. mantém a lição de *Ee* e vê nela «um exemplo de rima incompleta», justificado por casos similares no poema e no *Cancioneiro Geral*.

b) formas *provàvelmente literárias*:

fruto, x, 133, 2 (rima com *tributo* e *enxuto*); v, 6, 5 (*fora da rima*).

frutas, vi, 2, 8 (*fora da rima*).

c) a forma *popular* tradicional (um único ex.).

fruito, ix, 56, 3 (*fora da rima*).

Neste ex., como em *abundar* e *contrario*, vê-se que *as formas literárias prevalecem sôbre as populares*.

5. — *Inimigo*.

Pela elisão do — *n* — no século xi, acompanhada de nasalação da vogal anterior, o latim *inimicu*(*m*) dera em port. pop. *ĩmigo* e posteriormente *imigo*. Estas formas populares, correntes na língua arcaica, tinham ainda muita vida no século xvi, pois então ainda as empregaram pelo menos o autor do *Palmeirim* (1), Duarte Galvão (2), Castanheda (3), — três fontes dos *Lusíadas*, — e ainda Sá de Miranda (4) e António Ferreira (5).

No Renascimento deu-se a *restauração*. De então para cá, a forma alatinada *inimigo* suplantou por completo as formas arcaicas, mesmo na língua popular.

Nos *Lusíadas* ocorre:

A) a forma *literária*:

inimigo, i, 71, 7; ii, 23, 4; iii, 34, 8; 35, 4; 36, 5; 42, 7;

---

(1) *Palm.*, pág. 264, (apud J. M. R., com. a iii, 84, 2).

(2) 8 e 10 (apud E. D., com a iii, 35 e 39). E. D. transcreve: *imiguos*.

(3) i, 7 e 9; iii, 42; vii, 27; viii, 61 e 100; (apud E. D. no com. respectivamente a *Lus.* i, 86; ii, 66; x, 43, 58, 61 e 64).

(4) *Poesias*, ed. de D. Carol. Michaelis, Halle, 1885, pág. 15.

(5) Carta viii, in *Poesias Lusitanas do Doutor António Ferreira*, Lisboa, 1771, tôm. ii, pág. 92.

IV, 53, 1; 101, 1; VII, 8, 6; VIII, 22, 4; 85, 5; IX, 77, 2; X, 89, 4.

inimiga, I, 26, 3; 92, 8; II, 22, 8; 30, 4; III, 119, 4; IV, 57, 5; V, 43, 3; 70, 8; X, 113, 7.

inimigos, I, 29, 4; 63, 8; 105, 3; III, 44, 1; IV, 33, 4; 34, 2; 38, 3; 47, 6; VI, 46, 2; VII, 7, 4; 10, 8; VIII, 70, 5; 97, 7; 98, 4; X, 27, 6; 30, 1; 56, 5; 59, 4; 70, 8; 95, 6; 151, 7.

inimigas, II, 23, 3; 26, 8; 33, 7.

(total: 46 ex.).

B) a forma *popular*:

a) com — *m* — (singelo):

imigo, IV, 41, 6; 48, 2; V, 58, 7; VII, 84, 4; VIII, 11, 6; 48, 2; 93, 4.

imiga, II, 59, 4; VIII, 96, 7;

imigos, III, 46, 6; VII, 31, 4; VIII, 20, 3; 31, 6; 89, 6; IX, 12, 3; 93, 4.

imigas, IV, 26, 6.

b) com — *mm* — (geminado) (¹):

immigo, IV, 29, 6.

immiga, X, 28, 6.

immigos, III, 136, 6; IV, 31, 7; VIII, 12, 3; X, 38, 2; 55, 6; 66, 1.

immigas, X, 14, 7.

(total: 26 ex.).

A forma *literária* está em predomínio evidente. Devido

(¹) No entender de E. D. não só *immigo* equivale a *ĩmigo* como também «nos lugares onde vem *imigo* deve supor-se que Camões se esqueceu de pôr sôbre o *m* o traço indicativo de consoante dobrada ou o compositor não reparou nêle». (*Registo filológico* da s. ed. dos *Lus.*, s. v. *immigo*). — J. L. de V. parece supor a coëxistência de duas formas, *imigo* e *ĩmigo* (*T. arc.*, Glossário, s. v.).

a razões de *métrica?* Não é provável. Em vários lugares a métrica pedia antes a forma popular e o poeta escreveu a literária, v. g.:

> Foy refazer *se o i* nimigo magoado: (III, 35, 4)
> Ajunta *se a i* nimiga multidão, (IV, 57, 5)
> Nas inimigas naos senti'*lo ha o* Nilo, (X, 33, 7).

6. — *Insula.*

O lat. *insula* em que o *n* (antes de *s*) se elidiu [1] é o étimo longínquo do nosso vocábulo *ilha.*

Ilha é vocábulo nitidamente popular. É o termo genérico com que, porventura desde o século XV, o povo das aldeias e dos casais designa indistintamente os Açores e a Madeira: *F. é da ilha.* Perdura igualmente na língua viva dos que não têm pão nem cultura, mòrmente no Pôrto, com o sentido de pátio, habitação de gente pobre aglomerada [2].

Insula foi forma abstrusa do Renascimento. Ingrata tentativa de latinização fonética, se tal porventura lhe podemos chamar.

Nos *Lusíadas* ocorrem:

a) a forma *literária:*

insula, VII, 19, 4; IX, 21, 3.
(ao todo 2 ex.).

b) a forma *popular:*

ilha, I, 42, 6; 54, 1 e 8; 91, 5 e 8; 98, 3; 99, 3 e 7; 101, 7; 102, 6; 103, 1; II, 2, 5; 45, 2; III, 10, 3; IV, 9, 5; V, 5, 1; 9, 1; IX, 14, 7; 40, 5 e 6; 50, 4; 51, 6; 52, 1; 54, 4; 89, 2 e 8; 95, 8; X, 42, 4; 51, 1; 73, 4; 95, 7; 103, 5; 133, 8; 135, 1; 143, 4.

---

[1] Cfr. Niedermann, *Historische Lautlehre des Lateinischen,* 2.ª ed. Heidelberg, 1925, págs. 34 e 95-96.

[2] Quanto à evolução semântica do vocábulo, cfr. M., s. v.

ilhas, I, 43, 8; 48, 4; 59, 8; V, 4, 3; 8, 1; X, 52, 7; 131, 3; 132, 2; 133, 1; 136, 5.
(ao todo 45 ex.).

Predomínio absoluto da forma popular.

7. — *Quasi, iniquo.*

E. D. escreve:

«Nas palavras que a nossa literatura antiga tomou do latim, o *qu* lat. medial era representado foneticamente por *c* (= *k*), v. g. secaz (Barros, *Asia*, III, I, 3), propīcas (Sabellico, *Enneadas*, I, 5, 55), cadrupedes (Orta, *Col.* XXI), adecada (H. Pinto, II, 227 *v* da 1.ª ed.), syno de acaris (i. e. signo de Aquario) (*Livro de Marinharia*, pág. 15). *A grafia «qu» era meramente grafia erudita, como «iniquo»* nos Lusíadas, II, 64. *Só posteriormente foi que a pronúncia, e conseguintemente a grafia, foi reformada segundo o tipo latino.* Nos *Lusíadas* vem, além de *licor* — palavra em que a pronúncia mais antiga vingou — 1) *grandiloco*: I, 4; V, 89; — 2) *inico*, rimando com *rico*: VIII, 74; IX, 43; X, 25, 41, 109; com *bico*: IX, 59; fora da rima, pelo menos em I, 94, 101; III, 33; — 3) *longinco*: II, 54; VII, 30. Em alguns casos a pronúncia com *c* ascende já ao latim, por ex., em Marcial vem *grandilocus*, em Plauto (no *Pseud.*) *multilocus*, em Val. Maximo (III, 7, 8) *inicus*» (1).

A esta interessante e elucidativa nota de E. D. pode-se no entanto objectar:

a) nem sempre é a pronúncia que actua sôbre a grafia, dando-se por vezes o fenómeno inverso (2);

---

(1) *Registo filológico* da s. ed. dos *Lus.*, s. v. *grandiloco*.

(2) Na restauração parcial do grupo — *ns* — em latim (*consilium* > *conselho* em face de *sponsa* > *sposa* > *esposa*), segundo Niedermann, *foi a grafia que actuou sôbre a pronúncia* (Niedermann, *Historische Lautlehre des Lateinischen*, 2.ª ed., Heidelberg, 1925, págs. 95-96). — O facto, na

b) é natural que de começo a grafia «*qu*» tenha sido «meramente grafia erudita», — como diz E. D., — mas é provável que na época da factura do poema, após mais de um século de humanismo, esta grafia já começasse a ganhar terreno *e porventura mesmo a actuar sôbre a pronúncia.*

Militam a favor da hipótese de E. D. os vocábulos que êle cita. Mas nos *Lusíadas* — e E. D. quási não o notou neste passo — há abundantes exemplos da grafia erudita, daquela que depois, e possìvelmente já então, *actuou sôbre a pronúncia;* cfr.:

iniquo, II, 64, 6.
longiquo, IV, 69, 7 (contrapondo-se aos ex. de *longinco* citados por E. D.).
quadrupedante, X, 72, 4 [1].
quasi, I, 10, 1; 79, 3; III, 20, 1; 98, 3; IV, 20, 3; 26, 2; 92, 6; V, 57, 5; VI, 6, 4; 75, 3; VII, 19, 3; VIII, 30, 1; 34, 5; 97, 8; IX, 87, 2; X, 92, 8. (*casi* apenas em III, 110, 1, e V, 69, 4). Êste último vocábulo é sintomático: em 16 ex. Camões emprega a forma alatinada e apenas em 2 a grafia tradicional [2].

*

Aos *latinismos de fonética* há que acrescentar os *latinismos de grafia.*

---

nossa língua, é de observação diária: os analfabetos, obedecendo a uma velha lei da língua que originou pela metátese a formação de ditongos e tornou graves os vocábulos esdrúxulos, dizem: «Toino», «Gloira»; os cultos e semi-cultos *lêem o que escrevem* e dizem: «António, Glória».

[1] *Ee: pradrupedante.* A emenda, necessária e devida à edição de 1597, é aceita pelos editores mais escrupulosos.

[2] É verdade que em *quadrupedante* e *quasi* o «*qu*» não é *medial;* mas também não o é em *cadrupedes*, ex. que E. D. alinha com outros no texto atrás citado.

Que diferença há entre uns e outros?

Latinismos de fonética são as restaurações operadas no Renascimento, regressões etimológicas que não foram apenas efémeras grafias artificiais, e que, tendo provàvelmente passado da grafia para a pronúncia da gente culta, entraram realmente na língua viva (ou já no tempo de Camões ou posteriormente).

Abundar, contrário, fruto, inimigo, quasi, iniquo, são, em face das formas arcaicas suplantadas *avondar, contrairo, fruito, imigo, casi, inico* (quási tôdas registadas nos *Lus.*), *latinismos fonéticos* da língua de Camões ([1]).

Latinismos de grafia são, pelo contrário, as formas artificiais, grafias eruditas que a nada correspondiam na língua viva e que, nunca tendo conseguido actuar na pronúncia, morreram quando baixou a febre de latinização do Renascimento.

Nos *Lusíadas* registam-se vários ex., v. g.:

doctrina, IX, 27, 6 (E. D.) ([2]).
facultade, VII, 51, 2.
preceptos, VII, 13, 4; (em face de *preceitos*, VII, 40, 3; cfr. E. D.) ([3]).

([1]) *Defensa* parece não estar no mesmo caso, pois não perdurou, subsistindo pelo contrário a forma popular *defesa*. Será então um mero *latinismo de grafia?* O vocábulo isolado é possível que o seja. O fenómeno mais geral de que êle é um exemplo é um verdadeiro *latinismo fonético;* cfr. as formas alotrópicas *tenso* e *teso*, que subsistem ambas; cfr. ainda o vocábulo *ofensa*, mòrficamente paralelo a *defensa* e que até penetrou na língua popular. — *Insula* teve vida efémera, mas perduram os derivados *insulano, insular* e o composto *península*.

([2]) 2.ª ed., t. II, pág. 97.

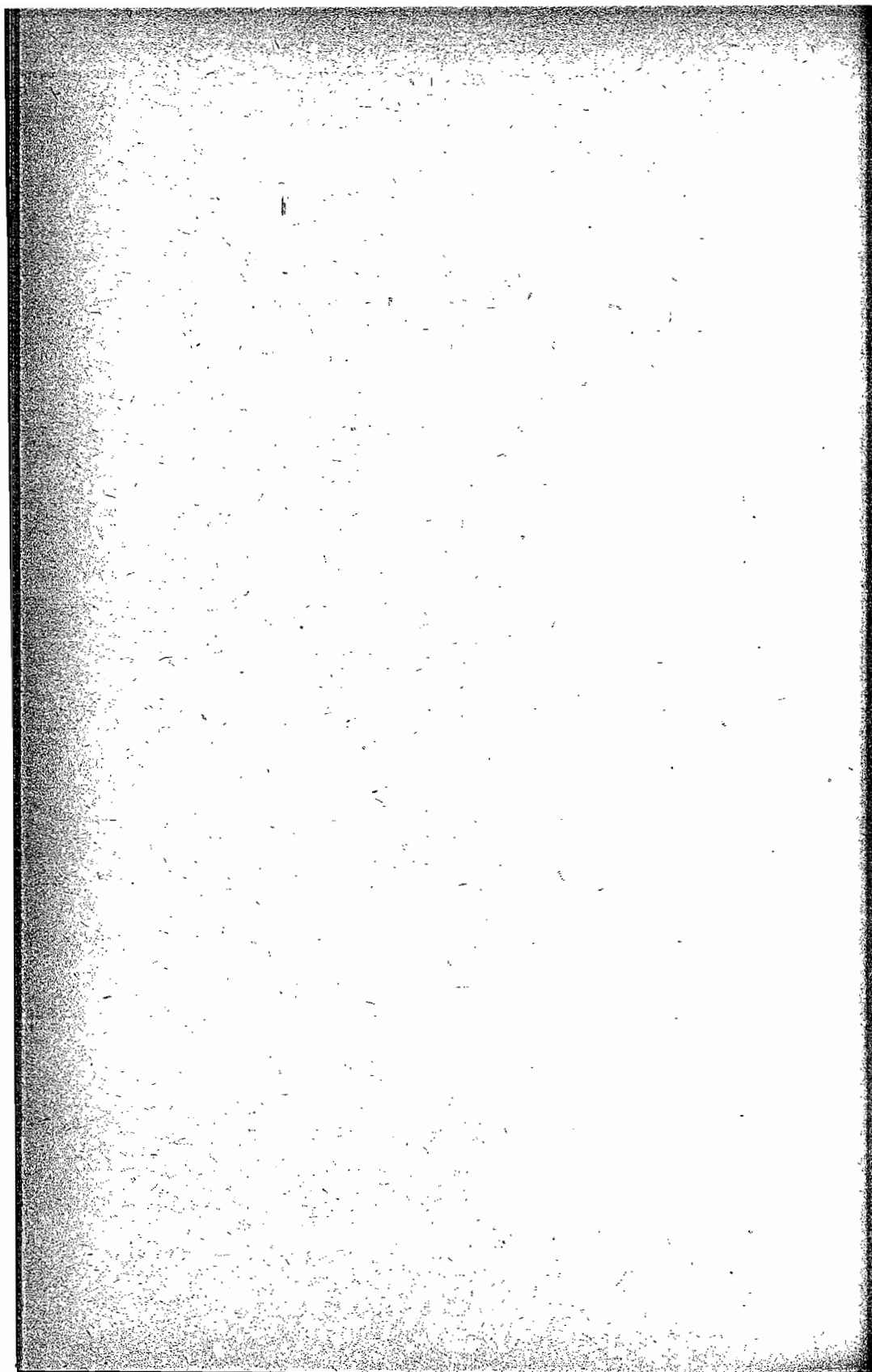
([3]) Tôdas as vezes que as iniciais E. D. ou J. M. R. aparecem sem outras indicações, subentender-se-há: *no comentário à estância indicada expressamente no contexto.*

octavo, título do c. VIII (E. D.) (1).
Martio, (jogo) x, 19, 5.

Tôdas estas formas são artificiais. Nenhuma conseguiu passar para a língua viva. Nenhuma conseguiu suplantar as formas fonèticamente normais *doutrina*, *faculdade*, *preceito*, *oitavo* (2).

---

(1) 2.ª ed., t. II, pág. 97.

(2) Embora apenas como *latinismo de grafia*, mera forma artificial, *doctrina* aparece ainda no meado do século XIX, num texto de Sylva Tullio (in *Revista Universal Lisbonense*, t. III, pág. 407).

PARTE II

Morfologia

O capítulo dos *latinismos morfológicos* dos *Lusíadas* tem importância quási nula. O sistema mórfico foi o que maior resistência ofereceu à latinização da língua.

Apenas registei os habitualmente chamados *superlativos eruditos*, que não ascendem evidentemente à língua popular e fonèticamente normal e que devem ter surgido no Renascimento.

Ex.

Aspérrimo.

asperrimo, III, 34, 8; *asperrima*, V, 12, 3; *asperrimos*, V, 51, 1; VIII, 10, 5 (mas em III, 116, 5 *asperissimo*, forma semi-popular hoje inusitada).

Misérrimo.

miserrima, V, 48, 8.

Humílimo.

humilima, IV, 54, 4.

E a par dêstes superlativos de então para cá correntes na língua literária (pelo menos na poesia, cfr. Garção, «A *miserrima* Dido»), registam-se no poema dois outros superlativos eruditos hoje completamente mortos.

Belacíssimo.

belacissimos, II, 46, 3 (o próprio positivo, não registado na nossa língua, se existisse, seria *um latinismo lexical*).

Superbissimo.

VII, 4, 7 (mas em X, 64, 1 *soberbissimo*).

UM CASO DUBITATIVO

No domínio da flexão verbal, supus de comêço encontrar um latinismo mórfico no imperativo *fuge*, insólito em relação à língua de hoje e que aparece no poema:

Quando Mercurio em sonhos lhe apareçe,
Dizendo, *fuge, fuge*, Lusitano,
. . . .
Fuge, que o Vento & o Ceo te fauoreçe
II, 61.

O que mais favorece a hipótese dum latinismo mórfico é a semelhança entre êste passo e estoutro de Vergílio, o poeta querido de Luís Vaz:

Heu! *fuge*, nate dea, teque his, ait, eripe flammis,
(Verg. *En.* II, 289).

Para mais o momento psicológico é semelhante nos dois poemas: Heitor *aparece em sonhos* a Eneias a dizer-lhe que fuja da morte que o espera, a êle e a todos os Troianos, no *Trojae supremus labor*; Mercúrio *aparece em sonhos* a Vasco da Gama a dizer-lhe que fuja «da cilada que o rei malvado tece» em Mombaça para deitar a perder os Portugueses. — Não estaria então Camões a lembrar-se dêste passo do Mantuano?

Opõem-se a esta hipótese (no aspecto filológico, i. é, o considerar *fuge* como um latinismo mórfico) dois argumentos:

a) o aparecerem nos *Lusíadas* dois outros imperativos apofónicos e insólitos em relação à língua de hoje, mas *insuspeitos de latinização mórfica*, portanto populares:

acude, III, 105, 7.
sigue, X, 76, 5.

b) o aparecer a própria forma *fuge* e paralelamente *fugem* (3.ª p. pl. do ind. pr.) em passos de outros autores:

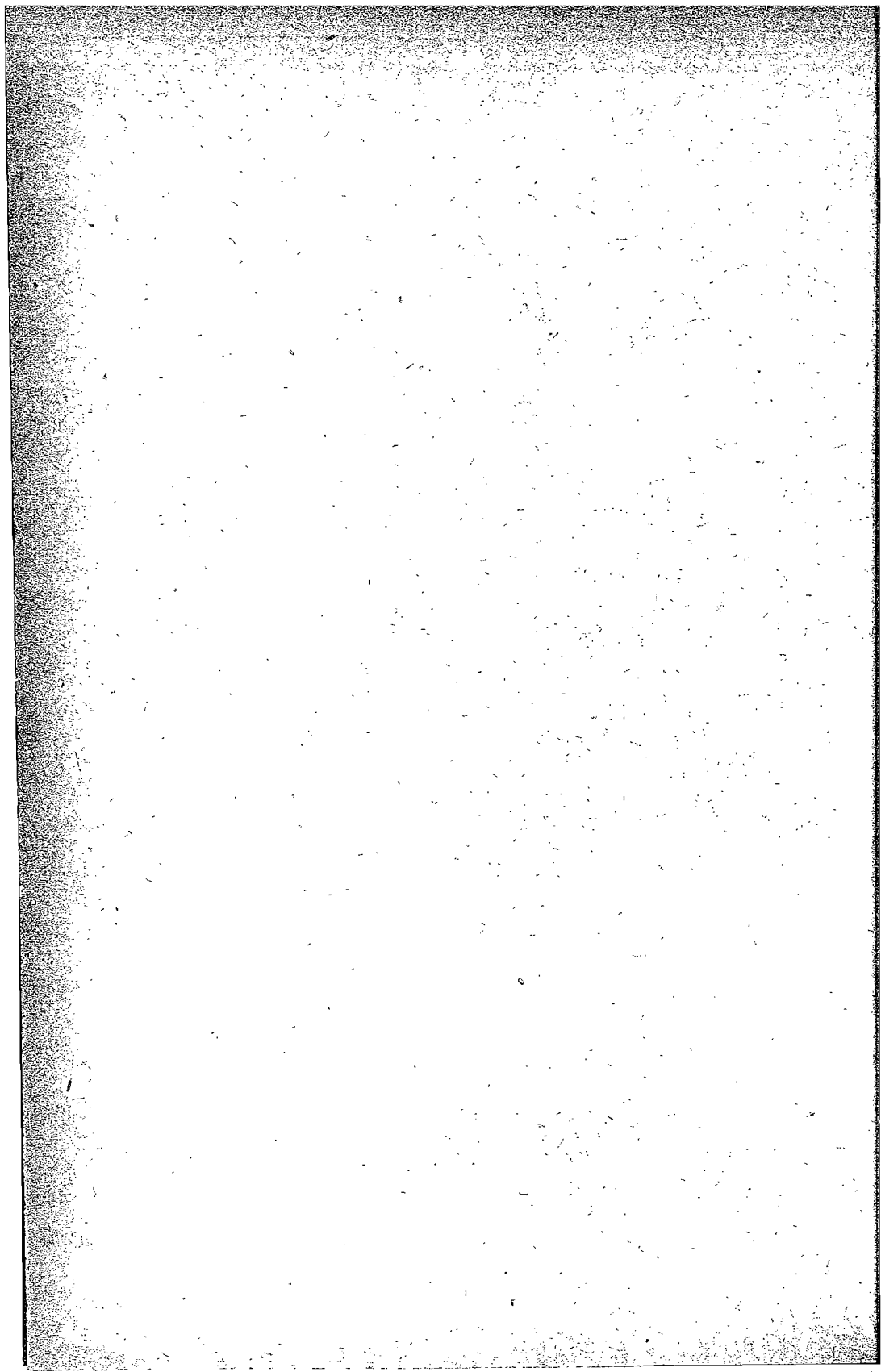
«*Fuge* de ti que em ti tens mór imigo»

(António Ferreira) (1)

«todos os escreuedores e ditadores se pagam dos hermos e dos matos, e *fugeem* das çidades.. » (*Boosco delleytóso*) (2).

---

(1) *Poemas lusitanos do Doutor Antonio Ferreira*, Lisboa, 1771, t. II, pág. 92.

(2) Apud J. L. de V., *T. arc.*, 3.ª ed., pág. 66. O *Boosco delleytoso*, — no entender de J. L. de V., — «ainda que impresso no primeiro quartel do século XVI, representa uma fase lingüística muito mais antiga, dos comêços do século XV ou ainda dos fins do século XIV». (*Lições de filologia portuguesa*, 2.ª ed., pág. 136).

PARTE III

Sintaxe

GENERALIDADES

Eis-nos enfim chegados ao âmago dêste ensaio: *a sintaxe*.

O sistema mòrficò-sintáctico é o *quid proprium* duma língua. Nesse escolho esbarraram e esbarrarão sempre os criadores de línguas artificiais. O léxico (e, em menor escala, a semântica) flutua indeciso, evolui constantemente e, hoje mais do que nunca, recebe na maré cheia inúmeros estranjeirismos. O sistêma mòrficò-sintáctico também evolui, mas muito mais lentamente, e oferece maior resistência aos estranjeirismos, pois, para se dar o assalto, é preciso haver uma assimilação muito profunda duma língua por outra.

Assim no-lo ensina a história das línguas.

A helenização do latim não se fêz em todos os domínios ao mesmo tempo. O léxico primeiro, a sintaxe depois. Helenismos lexicais havia os já na Roma culta do século III antes de Cristo, na língua de Plauto, revolucionária por êsse lado, mas conservadora sob o aspècto dos arcaismos fonéticos (¹). Mas a helenização da sintaxe, à qual ainda soube resistir, já no fim da República, o eloqüente e erudito amigo de Tito Pompónio Ático, aliás pródigo em helenismos lexicais, foi sobretudo característica dos poetas do século de Augusto (²).

Evolução paralela teve a «galicização» do português. Es-

(¹) Cfr. Niedermann, *Historische Lautlehre des Lateinischen*, 2.ª ed., Heidelberg, 1925, *passim* e pág. 112.

(²) Cfr. Riemann, *Syntaxe latine*, 7.ª ed., Paris, 1927, *passim*, v. g. pág. 124.

tranjeirismos lexicais, afins dos galicismos, penetraram na nossa língua já nos remotos tempos dos trovadores provençais: *nulha ren, nulha sazon, prez* (1). Se êsses morreram, galicismos há que já estão há séculos de pedra e cal dentro da língua popular: *chefe, chapéu, chaminé, charrua, assembleia.* Mas a «galicização» da sintaxe portuguesa é mais recente: tomou sobretudo incremento com a geração literária de Eça de Queiroz e com a expansão do jornalismo cosmopolita, i. é, de há meio século para cá (2).

Estes exemplos põem em realce a importância especial que tem o estudo dos latinismos sintácticos dos *Lusíadas.*

Dada a resistência que no Renascimento o sistema mórfico oferece à «neo-latinização» da língua, *é por estes latinismos sintácticos que melhor se pode aferir o grau de latinidade da língua de Camões.*

*

Uma vez dentro dêste campo e em face duma boa colheita de regras, forçoso era *ordenar os assuntos.* Evidentemente não era lícito pôr os exemplos que atestam a sobrevivência

(1) Cfr. J. L. de V., *T. arc.*, 3.ª ed., págs. 183 e 188.

(2) Cfr. p. ex. o emprêgo do *gerúndio* como determinação dum substantivo (v. g., «o decreto *remodelando* a legislação»), à imitação do francês, em que o mesmo acontece, *mas com o participio presente.* O assunto foi estudado por Júlio Moreira, *Estudos da língua portuguesa*, 1.ª parte, Lisboa, 1907, págs. 92-97; cita vários ex. de Eça de Queiroz, que provam como êsse escritor contribuíu para dar direito de cidade na nossa língua a êsse galicismo sintáctico, v. g.: «Uma vasta assembleia *tendo* por fim estudar»... (*Cartas de Inglaterra*, pág. 18), e «Um ninho *balouçando-se* no ramo de um ulmeiro»... (*Ecos de Paris*, pág. 1); frisa que em bom português se deve dizer «Uma vasta assembleia *que tem* por fim estudar»... ou «*com* o fim de estudar»... e «Um ninho *a balouçar-se* nos ramos de um ulmeiro» . ; e insiste em que tais galicismos sintácticos invadem a língua dos cultos e semi-cultos, mas não a língua pròpriamente popular.

(ou o reaparecimento) da regra *impedio ne...* a par dos da regra *Urbs Roma*. E porque não? Porque esta última pertence ao estudo *da ligação das palavras na oração*, e a primeira ao estudo *da ligação das orações*.

Forçado a adoptar um plano, adoptei *nas suas linhas gerais* o de Epifânio Dias na sua *Sintaxe histórica portuguesa*. Por outras palavras: aproveitei as grandes divisões e, das sub-divisões, aquelas em cujo âmbito registara exemplos de sintaxe alatinada. E assim cheguei ao seguinte esquema, no qual já vão incluídas as regras aqui estudadas como latinismos sintácticos.

PLANO

1.ª DIVISÃO

Da ligação das palavras na oração

SECÇÃO I

Sintaxe de concordância

Assuntos: { *Incongruências na sintaxe de concordância*
Atracção sintáctica

SECÇÃO II

(sem título) (1)

Capítulo I

Das palavras nominais

1) Do substantivo:

Assuntos: — *Cidade Beja* (*Urbs Roma*)

2) Do adjectivo:

Assuntos: — *Trajectio epithetorum*

---

(1) Assim vem na edição da «Sintaxe histórica», que, como é sabido, é póstuma e, no seu conjunto, não chegou a ser revista pelo autor. O título que mais convém a esta secção parece-me ser: *Das relações sintácticas das categorias morfológicas*.

3) Dos pronomes:
Pronome indefinido:

Assuntos: — *Hũs... hũs... (alii... alii...)*

Capitulo II
Preposições que substituem casos latinos

Assuntos: — *Pela Arabica lingoa perguntavão.* (*Græca lingua loquentes*).

Capitulo III
Da conjunção

Assuntos: *Mas porem* (*sed tamen*)
Quasi (*quasi, tamquam*).

APÊNDICE
Da negação

Assuntos: — *Negação mitigada*

CASOS DUBITATIVOS

Assuntos:
Acusativo do objecto interno ou figura etimológica
Adjectivo com função adverbial
(*Qual* = *como*)
Que tantos...? (*quæ tanta...?*)
He de vassallos o exercicio (*Est regis tueri subditos*)
Hysteron — próteron
Hendiadis
Quiasmo

2.ª DIVISÃO

Do emprêgo dos modos e tempos e da ligação das orações

SECÇÃO I

Do emprêgo dos modos e tempos

Capitulo único
Do participio

Assuntos: — *Reaparecimento do participio futuro activo*

SECÇÃO II

Da ligação das orações

Capítulo único

Da subordinação

Assuntos:
- *Qual... tal...* (*qualis... talis...*)
- *Orações simultâneamente relativas e conjuncionais*
- *O qual como...* (*qui cum...*)
- *Estorvar que não...* (*impedire ne...*)
- *Já... quando...* (*jam... cum...*)
- *Não de outra sorte... que...* (*non aliter... quam...*)

SECÇÃO III

Da colocação

Assuntos:
- *Prolepse pròpriamente dita*
- *Prolepse do sujeito ou complemento da oração integrante para a subordinante sob a forma de complemento introduzido pela preposição «de»*
- *Transposição de adjectivos da oração subordinante para a subordinada relativa*
- *«O», apôsto explicativo, condensando em si uma oração integrante expressa na seqüência.*

CASOS DUBITATIVOS

Assuntos:
- *Nome + particípio = nome + genitivo objectivo*
- *Vestígios possíveis da oração relativa final.*

Assacar-me-hão possìvelmente o eu ter-me cingido ao plano de Epifânio Dias e o terem sido registadas por êle a maior parte das regras aqui estudadas. Evidentemente eu não podia nem devia fazer tábua rasa dos ensinamentos da «Sintaxe histórica portuguesa», livro *sui generis* na nossa bibliografia filológica, nem dos da edição dos *Lusíadas* do

mesmo Epifânio. Mas uma cousa é aproveitar e coordenar os materiais coligidos por um homem de sciência, outra cousa é plagiá-lo sem discernimento ([1]).

Cumpre-me responder de antemão que:

1.º — a par dos latinismos sintácticos já anteriormente registados por E. D. ou por outros camonistas e filólogos, figuram outros, em menor número, descobertos *meo labore;*

2.º — divergi de E. D. em vários pontos ([2]);

3.º — mesmo nas regras já registadas por E. D. ou por qualquer outro filólogo, quis dar um cunho pessoal ao meu trabalho e por isso me esforcei, sempre que pude, ao fazer o paralelo entre o português de Camões e o latim clássico, por aduzir exemplos de autores latinos achados nas minhas *leituras pessoais* ([3]).

([1]) Cfr. sôbre o senso comum que me assiste estas palavras bem oportunas do pensador francês Charles Wagner: «Toutes les expériences, dures quelquefois, du passé constituent pour nous un trésor dont personne ne pourrait se rendre maître par ses seules forces. Il n'est donné à aucun homme de recommencer à vivre comme s'il vivait le premier». E mais adiante: «Un homme qui méconnaîtrait ce rôle de la tradition dans le développement commettrait la faute la plus grossière et se priverait, de propos délibéré, de ce qu'il y a de meilleur. Cela n'empêche pas chaque individu et chaque nouvelle génération d'examiner le patrimoine que lui lèguent les anciens». (C. Wagner, *Vaillance,* 23.ª ed., págs. 42-43).

([2]) Mais adiante se verificará pormenorizadamente a verdade desta afirmação. Quanto à sintaxe, cfr. p. ex. a interpretação diversa que um e outro damos à sintaxe de v, 60, 8: onde êle vê uma transposição de adjectivo duma oração para outra, vejo um interessante caso de reaparecimento artificial do particípio futuro. Cfr. ainda as interpretações diversas de IX, 26, 1-4; onde E. D. parece ver uma prolepse, vejo apenas uma vulgar oração consecutiva. Divergências em outros domínios já foram acentuadas na *Introdução,* a propósito do valor dos confrontos de F. e S. (v. págs. 7-9), e na *Fonética,* a propósito dos vocábulos do tipo «quasi», «iniquo» (v. págs. 30-31).

([3]) Dessas leituras pessoais em que colhi construções similares às

1.ª DIVISÃO

Da ligação das palavras na oração

SECÇÃO I

Sintaxe de concordância

1) *Incongruências na sintaxe de concordância.*

a) *Concordância do predicado não com o sujeito, mas com um apôsto ao sujeito.*

> Quando *os Deoses* por ordem respondendo,
> Na sentença *hum* do outro *difiria*,
>
> *Lus.* I, 30, 2-3.
>
> Vedelos *Alemães, soberbo gado,*
> Que por tam largos campos se apacenta,
> Do sucessor de Pedro rebelado,
> Nouo pastor, & noua ceita *inuenta:*
>
> VII, 4, 1-4.

Já E. D. pusera o dedo em ambos estes ex., que registara como latinismos sintácticos. Na «Sintaxe histórica portuguesa (1)» chama a esta construção *liberdade poética e imitação do latim.*

O fenómeno em questão, dentro da sintaxe latina, foi estudado por Madvig (2) e Riemann (3).

---

dos *Lusíadas* destacam-se em primeiro lugar as obras com que mais estou familiarizado: na poesia a *Eneida*, e na prosa o *Brutus*, de Cícero. Vêem depois, na poesia, os *Fastos* de Ovídio; e, na prosa, outras obras de Cícero, a 2.ª *Catilinária*, o *De oratore;* a *Vida de Agricola*, de Tácito; excertos de Tito Lívio e de Cornélio Nepos.

(1) § 21.

(2) Madvig, *Gramática latina*, trad. de E. D., Pôrto, 1872, § 217 e obs. 1.ª.

(3) Riemann, *Syntaxe latine d'après les principes de la méthode historique*, 7.ª ed., Paris, 1927, c. IV, § 25, b. Considera o caso como uma particularidade do fenómeno de ordem geral a que chama *accord d'après le voisinage*, independentemente da categoria *apôsto*.

Afora os ex. desta construção (em latim) citados por E. D. [1], registei nas minhas leituras pessoais dois exemplos paralelos:

> «Hunc qui audierant *prudentes homines*, in quibus *familiaris noster L. Gellius*... canorum oratorem, et volubilem et satis acrem, atque eundem et vehementem et valde dulcem et perfacetum *dicebat*».
>
> Cic. *Br.* XXVII.

> «Nam illorum *urbem* ut *propugnaculum oppositum* esse barbaris, apud quam jam bis classes regias fecisse naufragium».
>
> C. Nepos, *Them.* 7, 5.

O primeiro ex. é análogo aos dos *Lus.* O segundo tem uma variante: é na categoria do *género*, e não na do *número*, que se verifica a concordância do predicado com o apôsto ao sujeito.

Em grego registei um ex. análogo a êste último:

> ‘Ὡς οὐδέν ἐστιν οὔτε πύργος οὔτε ναῦς,
> ἔρημος ἀνδρῶν μὴ ξυνοικούντων ἔσω.
>
> Sófocles, *Rei Edipo*, vv. 56-57.

b) *Apôsto no plural, ligado a dois sujeitos no singular, que têm o verbo no singular.*

> *Tentou Perítho & Theseu*, de *ignorantes*,
> O Reino de Plutão horrendo & escuro,
>
> II, 112, 3-4.

> Que *o Ibero* o *vio*, *& o Tejo*, *amedrontados*.
>
> III, 60, 6.

(No 1.º ex. o verbo está colocado antes dos dois sujeitos, no 2.º está intercalado entre ambos).

Já E. D. pusera o dedo nesta construção, apontando-a como «sintaxe estranha presentemente» mas com «exemplos

---

(1) Tácito, *Annales*, XIII, 37; Cic. *Br.*, LV.

nos escritores latinos»; e citara a propósito o ex. de Cícero, *In Verr.*, I, 4, 92: «*Dixit* hoc apud vos *Zosippus et Ismenias, homines nobilissimi*» (1).

c) *Determinação ou apôsto no plural, ligado a um nome no singular (mas colectivo), com verbo no singular.*

> Logo *todo o restante* se *partio*
> De Lusitania, *postos em fugida,*
>
> III, 82, 1-2.

> *A gente* da cidade aquelle dia
> (*Hũs* por amigos, *outros* por parentes,
> *Outros* por ver somente) *concorria*
> *Saudosos* na vista & descontentes:
>
> IV, 88, 1-4.

Já E. D. pusera o dedo nestes ex. e aduzira como paralelo o passo de Tito Lívio, XXI, 27: *pars magna nantes.*

*

2) *Atracção sintáctica.*

> *Esta* he a ditosa *patria* minha amada
>
> III, 21, 1.

J. L. de V. registou êste latinismo sintáctico (2); diz êle: «a ideia contida no pronome *esta* substitui, como creio, a de «isto» por «êste reino» (estância 20); o género de *pátria* atraíu o do pronome neutro».

É o fenómeno da *atracção* (3), vulgar na sintaxe latina: o

---

(1) Madvig, *op. cit.*, § 213, obs., explica o emprêgo do verbo no singular pela sua posição na frase, antes dos sujeitos. Riemann, *op. cit.*, § 23, b, considera o fenómeno como um caso de concordância do verbo com o sujeito mais próximo *e tambem não se refere ao apôsto.*

(2) *Lições de filologia portuguesa*, 2.ª ed., pág. 313.

(3) Atracção em sentido lato é afinal também o caso estudado em

pronome demonstrativo sujeito (que lògicamente deve estar no género neutro, ou aqui possìvelmente no género masculino, que em geral substitui em português o neutro) *é atraído ao género do substantivo nome predicativo* (aqui: feminino).

Considerado dentro da sintaxe latina, o fenómeno é elementar e como tal vem nas gramáticas elementares ([1]).

Nas minhas leituras pessoais tomei nota de vários exemplos análogos, em que a atracção sintáctica se verifica em latim, quer com o pronome demonstrativo (como aqui), quer com o relativo:

> «Tum Brutus, Mihi quidem, inquit, nec iste notus est, nec illi, sed *hæc* mea *culpa* est».
>
> Cic. *Br.* XXXV.

> «At si quis est talis, quales esse omnes oportebat, qui in hoc ipso, in quo exsultat et triumphat oratio mea, me vehementer accuset, quod tam capitalem hostem non comprehenderim potius quam emiserim, non est *ista* mea *culpa*, sed temporum».
>
> Cic. 2.ª *Catilinária*, II.

> «Exstat ejus peroratio, *qui epilogus* dicitur».
>
> Cic. *Br.* XXXIII, 127.

> «Ante hunc (Isocratem) enim verborum quasi structura et quædam ad numerum conclusio nulla erat, aut, si quando erat,

---

1) *a*) é considerado por Riemann, à semelhança dêste, como um caso de «accord d'après le voisinage». *Aí é o aposto que atrai o predicado*, impedindo-o de concordar com o sujeito; aqui *é o nome predicativo que atrai o sujeito*, impedindo-o de conservar o género que lògicamente deveria ter.

([1]) Cfr. v. g., Paul Crouzet, *Grammaire latine simple et complète*, pág. 84. Cfr. ainda Madvig, *op. cit.*, § 313, e Riemann, *op. cit.*, § 25, *d*. É característico da sintaxe ciceroniana; cfr. Beauchot, *Cicéron — Oeuvres choisies*, «Notes grammaticales», pág. 819 (7.ª ed.).

non apparebat eam dedita opera esse quæsitam — *quæ* forsitan *laus* sit».

Cic. *Br.* VIII, 33.

«Gnæus Iulius Agricola. . utrumque avum procuratorem Cæsarum habuit, *quæ* equestris *nobilitas* est».

Tac. *Agricola*, IV.

SECÇÃO II

Das relações sintácticas das categorias morfológicas

Capitulo I

Das palavras nominais

1) *Do substantivo.*

Cidade Beja... (*Urbs Roma...*)

Camões escreve:

> Ia tinha vindo Anrique da conquista
> Da *cidade Hyerosolima* sagrada,
>
> III, 27, 1-2.

> Ia na *Cidade Beja* vay tomar
> Vingança de Trancoso destruida
>
> III, 61, 1-2.

> Guardalhe por entanto hum falso rei,
> A *cidade Hierosolima* terreste
> Em quanto elle não guarda a sancta lei,
> Da *cidade Hierosolima* celeste:
>
> VII, 6, 1-4.

> Não longe o porto jaz da nomeada
> *Cidade Meca*,
>
> IX, 2, 5-6.

> Destroirâ a *cidade Repelim*
>
> X, 65, 1.

> Que da *cidade Armuza*, que ali esteue
>
> X, 103, 7.

mas a par disto:

A *cidade de Silves* tem cercado,
III, 86, 3.

Do mesmo modo, aparece nos *Lus.* com *ilha* a mesma dualidade de construção:

.... com *Ceilão insula* confronta,
VII, 19, 4.

A noua *ilha Maluco*,...
IX, 14, 7.

A nobre *Ilha Samatra*,...
X, 124, 3.

e a par destas expressões:

Ilha de sam Lourenço,..
I, 42, 6.

Passamos a grande *Ilha da Madeira*
V, 5, 1.

Com *reino* a mesma dualidade:

Onde o *Reino Melinde* ja se via,
II, 73, 2

Começa o *Reyno Ormuz*, que todo se anda
X, 101, 5.

mas, em compensação:

Se faz temer ao *Reino de Granada*.
III, 112, 8.

Tambem vem la do *Reino de Toledo*,
IV, 10, 1.

Sobre o potente *Reino de Castella*,
IV, 57, 4 (1).

---

(1) O tipo *cidade Beja* aparece ainda, com *forte Baçaim*, em X, 61, 5. Regista-se a construção hoje normal, com outros vocábulos, em III, 42, 5; X, 106, 1 e 5.

Serão *latinismos sintácticos?* Será o reaparecimento da regra *Urbs Roma, terra Hispania*[1]? Ou o emprêgo e a elipse da preposição «*de*» dependerão apenas de necessidades métricas?

E. D. não se pronunciou sôbre a látinidade desta construção; registou o paralelo com a construção latina no com. a III, 27, 1-2, e apenas observou ser «sintaxe usada antigamente na própria prosa».

Até ver as provas de que se trata duma construção transmitida pela herança da língua popular, creio na latinidade dêste esquema. É preciso no entanto observar que, no caso de se tratar dum autêntico latinismo, *não é em Camões um latinismo de primeira mão*, pois já aparece em quinhentistas anteriores a êle, cfr.:

> «O estado do *Reyno Ormuz* está em estas duas costas,...»
>
> Barros, II, 2, 2 [2].

> «E da nossa banda temos já a *cidade Babilonia* que he muy forte».
>
> Jorge Ferreira de Vasconcellos [3].

Objectar-se-há que formas similares aparecem na língua popular e são atestadas pela toponímia; cfr. v. g.: Varatojo, Matacães, Ponterol [4].

Evidentemente estas formas ascendem a Vara-*de*-tojo,

---

(1) Regra tão elementar da sintaxe latina que sôbre ela é inútil insistir. Só vale a pena registar que houve infracções, cfr.:

> ... quis *Trojae* nesciat *urbem*?
>
> Verg. *En.*, I, 565.

(2) Citado por E. D. no com. a X, 101.

(3) *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda*, cap. 16, pág. 82, da edição de 1867. A 1.ª ed é de *1567*. Êste ex. foi-me comunicado pelo Sr. Dr. José Maria Rodrigues.

(4) Nomes de povoações rurais no concelho de Torres Vedras.

Mata-*de*-cães, Ponte-*de*-rol [1]. Como nos ex. citados, deu-se a elipse da preposição «de» em compostos.

Mas é preciso levar em conta que:

a) tais formas não são a regra geral na toponímia popular, pois são em maior número aquelas em que subsiste a preposição «*de*»: Ponte *de* Lima, Vila *de* Rei, Castelo *de* Paiva, Cabeço *de* Vide, Oliveira *de* Frades, Rio *de* Galinhas, etc.

b) tais formas da toponímia não podem ser postas em paralelo com os ex. registados nos *Lusíadas*, porquanto em *cidade Beja*, *reino Melinde*, há bem no espírito uma dualidade de ideias, combinadas «per accidens», ao passo que as formas do tipo *Varatojo* correspondem a uma só noção nominal, que, devido a uma perda de consciência glótica, já se não pode decompor e que designa uma única coisa [2].

c) os ex. dos *Lusíadas*, *do mesmo modo que os da língua latina*, limitam-se a termos topográficos: *cidade*, *ilha*, *reino*, etc. (cfr. *urbs*, *terra*, etc.).

*

2) *Do adjectivo.*

Trajectio epithetorum.

E. D. escreve [3]:

«Ainda que é ponto que pertence pròpriamente à estilística, observar-se-há neste lugar que a literatura clássica, *imitando o latim*, quando um adjectivo pertence para um de

---

[1] Para Matacães há outra hipótese menos provável: Mata-cães, à semelhança de Tira-dentes.

[2] Esta perda de consciência glótica é tão evidente que o povo da região diz *em Varatojo*, ao passo que os de fora dizem *no Varatojo*, provàvelmente porque associam sempre a êste nome a ideia de *convento*, palavra do género masculino.

[3] *Sintaxe histórica portuguesa*, § 52, *b*.

dois substantivos ligados pela preposição *de*, concorda às vezes o adjectivo com o outro substantivo:

> Vem arneses, & peitos reluzentes,
> Malhas finas, & laminas seguras,
> Escudos de pinturas differentes,
> Pilouros, *espingardas de aço puras*,
>
> *Lus.* I, 67.»

(cita ex. similares em latim: Tito Livio, XXXV, 27; Tac. *Germ.* 27).

Nos *Lusíadas* registam-se:

a) a «trajectio epithetorum» *patente*, i. é., nas condições indicadas por E. D. (dois substantivos ligados pela preposição «de», e um adjectivo que pertence lògicamente para um dêles concorda gramaticalmente com o outro).

ex.: *Lus.* I, 67 (já transcrito)

> Começa a descobrir *do peito oculto*,
> *A causa* o Tyoneo de seus tormentos:
>
> VI, 26, 3-4.

(= começa a descobrir *do peito a causa oculta*)

> Nauarra, cos *altissimos perigos*
> *Do Perineo*, que Espanha & Galia parte:
>
> VI, 56, 5-6.

(= cos *perigos do altissimo Perineo*)

> Ali em cadeiras ricas cristalinas,
> Se assentam, dous & dous, amante e dama,
> *Noutras* aa cabeceira *douro finas*,
> Esta coa bella Deosa o claro Gama:
>
> X, 3, 1-4 [1].

(= *noutras cadeiras de ouro fino*).

---

[1] Todos êstes ex. foram registados por E. D. excepto VI, 26, 3-4. E. D. regista ainda outros ex. em III, 7, 6 e em VII, 57, 5-6. (Êste último, afora não estar bem nas mesmas condições, é duvidoso e pouco claro).

b) a «trajectio epithetorum» *latente* (o adjectivo que concorda gramaticalmente com o substantivo pertence lògicamente para outro substantivo, não expresso, mas que o contexto deixa entrever). Cfr.

> Dos *frios pouos Sciticos* ousados:
> III, 60, 4.

(= dos povos ousados *da Scitia fria*) [1].

> A *palida* doença lhe tocaua,
> III, 83, 5.

> Do *negro Sanagâ* a corrente fria,
> V, 7, 6.

> Aa *costa negra* de Africa,
> V, 65, 2.

> Decer aas *sombras* nuas *ja passadas:*
> V, 89, 4.

(= às sombras sem corpo *dos que já passaram*)

> Não nos leitos dourados, entre *os finos*
> *Animais* de Moscouia Zebellinos.
> VI, 95, 7-8 [2].

(= entre *as peles finas* dos animais. . .)

Em latim, afora os ex. citados por E. D., registei um de *a*):

> «Gens effrena virum. . » (= *gens effrenorum virum*).
> Verg. *Georg.* III, 382.

E em grego registei também dois ex., em leituras pessoais:

> Ἄρτεμιν, ἃ κυκλόεντ' ἀγορᾶς θρόνον εὐκλέα θάσσει,
> Sófocles, *Rei Edipo*, v. 161.

---

(1) Cfr. III, 128, 7: «*Nâ Scitia fria* ou la na Lybia ardente».

(2) Todos êstes ex. foram registados por E. D. excepto III, 60, 4; 83, 5; mas em nenhum dêles, afora VI, 95, 7-8, disse claramente tratar-se da «trajectio epithetorum» e não os correlacionou com os ex. anteriores

τὰ μεσόμφαλα γᾶς ἀπονοσφίζων
μαντεῖα.

id. ibid., vv. 480-81.

*

3) *Dos pronomes.*

Pronomes indefinidos

hũs... hũs... (*alii... alii...*)

Ocorre nos *Lusíadas:*

> *Hũs* vão nas almádias carregadas,
> *Hum* corta o mar a nado diligente,
>
> I, 92, 1-2.
>
> Das gentes populares, *hũs* aprouão
> A guerra com que a patria se sostinha,
> *Hũs* as armas alimpão & renouão,
>
> IV, 22, 1-3 (1).

e, construção paralela:

> ... *algũs* o vicioso
> Mahoma, *algũs* os Idolos adorão,
> *Algũs* os animais, que entre elles morão.
>
> VII, 17, 6-8.

Mas a construção normal ocorre em: IV, 30, 3-4 (*hũs... outros...*); IV, 44, 1-4 (*algũs... outros...*); IV, 88, 2-3 (*hũs... outros... outros...*); VII, 48, 1-3 (*hum... outro...*).

Como anotou J. M. R., *hũs... hũs...* é latinismo sintáctico, pois representa o latim *alii... alii...* (2), mas *não é latinismo de primeira mão,* pois já ocorre em António Ferreira (3).

---

(1) Ex. registado por J. M. R. como latinismo.

(2) Cfr. v. g.: «Huic *alii* parem esse dicebant, *alii* anteponebant L. Crassum», (Cic. *Br.* XXXVIII, 143).

(3) J. M. R. cita o seguinte ex. de António Ferreira, *Elegia 3.ª*: «*Huns* s'ouvem, *huns* nos troncos ficam escritos».

Capítulo II

Preposições que substituem casos latinos

Pela Arabica lingoa perguntavão (*Graecā linguā loquentes*).

E. D. [1] escreve: «O *ablativo* foi substituído pelas preposições *de, em, com, por...*»; mais adiante [2], enumera, com exemplos, as várias funções sintácticas da preposição «por», citando textos vários de português arcaico e clássico, construções hoje desusadas e até um «latinismo insólito». Não lhe ocorreu todavia um emprêgo especial da preposição «por», hoje completamente fora de uso, num caso em que ela substitui o ablativo latino e em que se trata mui provàvelmente duma reviviscência humanística.

É o seguinte:

> Comendo alegremente *perguntauão*,
> *Pela arabica lingoa*, donde vinhão,
>
> I, 50, 1-2.

> *Pella Arabica lingoa* que mal falão,
> E que Fernão martinz muy bem entende
> *Dizem*, que por nós, que em grãdeza ygoal
> As nossas, o seu mar se corta & fende.
>
> V, 77, 1-4.

É o ablativo latino, representante do *instrumental* indo-europeu, após os verbos do tipo «*loqui*». Encontrei em Cornélio Nepos um ex. paralelo:

> «Sic enim facilime putavit se *Græca lingua loquentes*, qui Asiam incolerent, sub sua retenturum potestate».
>
> C. Nepos, *Miltiad*, 3, 2 [3].

---

(1) *Sintaxe historica portuguesa*, § 165.

(2) *Ibidem*, § 194-207.

(3) Cumpre-me dizer que, embora êste ex. de C. Nepos tivesse sido achado nas minhas leituras pessoais e nunca tivesse encontrado êste

Capitulo III
Da conjunção

Mas porem... (*Sed tamen* ..)

> *Mas porem* quando as gentes Mauritanas,
> A possuir o Esperico terreno,
> Entrarão pelas terras de Castella,
>
> III, 99, 5 7.

> *Mas porem* de pequenos animais
> Do mar, todos cubertos cento & cento:
>
> VI, 18, 3-4.

E. D. registou no comentário ao primeiro dêstes passos a revivescência de *sed tamen*.

A mesma construção ocorre ainda em:

> *Mas com tudo* este so o farâ confuso:
>
> X, 18, 4.

> *Mas com tudo* não nego que Sampayo
> Serâ no esforço illustre, & asinalado,
>
> X, 59, 1-2

Sed autem encontrava Camões no seu autor predilecto:

> *Sed* quid ego hæc *autem* nequicquam ingrata revolvo?
>
> Verg. *En.* II, 101.

*

Quasi = por assim dizer, como que
(*quasi, tamquam*)

---

latinismo em livro algum, quem primeiro me chamou a atenção para a «latinidade» destas frases foi o sr. Dr. João da Silva Correia, digno assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, numa conversa sôbre o assunto da minha dissertação final.

É êste o significado de «quasi» nos seguintes passos:

Eis aqui *quasi* cume da cabeça,
De Europa toda, o Reino Lusitano,
III, 20, 1-2.

Nobres villas de nouo edificou,
Fortalezas, castellos muy seguros,
E *quasi* o Reino todo reformou,
Com edificios grandes & altos muros:
III, 98, 1-4.

Estão de Agar os netos *casi* rindo,
III, 110, 1.

Os montes de mais perto respondião
Quasi mouidos de alta piedade,
IV, 92, 5-6.

Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual *quasi* afogada empago morre.
VIII, 97, 7-8.

Mas ah, que desta prospera vitoria,
Com que despois virâ ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubarâ a famosa gloria
Hum successo que triste & negro vejo,
X, 37, 1-4 [1].

É o emprêgo habitual de «*quasi*» em latim; cfr. v. g.:

« .. cum forum populi Romani, quod fuisset *quasi* theatrum illius ingenii, voce erudita et Romanis Græcisque auribus digna spoliatum atque orbatum videret».
Cic. *Br.* II, 5.

«... quamquam Timæus eum (Lysiam) *quasi* Licinia et Mucia lege repetit Syracusas».
id., *ibid.*, XVI, 63.

[1] III, 20, 1; IV, 92, 6; VIII, 97, 8 foram registados por E. D.

Em outros passos dos *Lus.* (v. g. I, 10, 2; 79, 3) *quasi* está empregado num sentido ambíguo; em outros (v. g. I, 77, 1; IV, 20, 3; 26, 2; V, 57, 5; VI, 6, 4; 75, 3; VII, 19, 3; X, 92, 8) parece ter o seu sentido actual (*paene*) (1).

APÊNDICE

Da negação

A negação mitigada.

Nos *Lusíadas* ocorre:

a) *a negação mitigada*

> *Nunca* com Semirâmis, *gente tanta*
> Veio ôs campos Ydaspicos enchendo,
>
> III, 100, 1 2.

> Assi fomos abrindo aquelles mares
> Que geração *algũa não* abrio,
>
> V, 4, 1-2.

> De quem *nenhum* milhor conhecimento
> *Podemos ter* da India desejada
> Que estarmos inda muito longe della.
>
> V, 34, 5-7.

> Mas como *nunca* emfim meus companheiros
> Palaura sua *algũa* lhe alcançarão
>
> V, 64, 5-6.

> Ali sublime o Fogo estaua encima,
> Que em *nenhũa* materia *se sustinha,*
>
> VI, 11, 1-2.

---

(1) E. D. na sua «Sintaxe histórica» inclui *apenas aparentemente* a conjunção na parte I (Da ligação das palavras na oração). Quando chega ao capítulo respectivo, diz: «Das conjunções tratar-se há na parte II» (Do emprêgo dos modos e tempos e da ligação das orações). Divergindo da sua orientação, inclui êstes dois assuntos nesta parte do trabalho por entender que dizem respeito ao estudo da conjunção em si e não ao da ligação das orações.

Vos, a quem *não* somente *algum* perigo
Estorua conquistar o pouo inmundo:
Mas *nem* cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos çeos està em essencia.

vii, 2, 5-8.

Nũa camilha jaz, que *nam* se igoala
De outra *algũa* no preço & no lauor:

vii, 57, 3-4 (¹).

b) *a negação reforçada*

Que desque Adão peccou aos nossos annos
Não as romperão *nunca* pês humanos.

iv, 70, 7-8.

As naos prestes estão, & *não* refrea
Temor *nenhum* o iuuenil despejo,

iv, 81, 5-6.

Nem se sabe inda *não*, te afirmo & assello
Pera estes Anibais *nenhum* Marcello.

vii, 71, 7-8.

... do certo & fido amigo
He *nam* temer do seu *nenhum* perigo.

viii, 85, 7-8.

Que *não* ha *nenhum* delles, que não saya

ix, 66, 3.

Ambas estas construções pertencem ou não à língua popular?

A *negação reforçada* pertence evidentemente; cfr. as frases da língua popular «*não* lhe liga *nenhuma*», «*não* sei *nada*», «*não* posso de maneira *nenhuma*»; cfr. ainda o ela

---

(¹) Cfr. ainda em vi, 11, 7-8 um ex. mais obscuro, mas na essência idêntico. Quanto a ix, 79, 3, a negação é só aparente, pois é destruída pelo verso imediato; cfr. E. D.

(como tal, como negação), ser característica do latim *vulgar*, antepassado directo do romanço ([1]).

E quanto à *negação mitigada?*

Embora esteja já inveterada na língua dos cultos, suponho tratar se dum latinismo sintáctico, pelo menos nos casos em que aparece «*algum*», «*alguma*», (*ullus, ulla*), como em *Lus.* v, 4, 2; 64, 5-6; vii, 2, 5-8; 57, 3-4. E suponho por dois motivos:

a) *a negação mitigada* pertence apenas à língua dos cultos e semi cultos, (excepto certos casos como «*ninguém viu*»), havendo no povo e nas crianças a tendência para empregar a *negação reforçada:* v. g. os cultos dizem «*nada* sei», o povo «*não* sei *nada*»; os cultos dizem «*não* posso de forma *alguma*», o povo «*não* posso de maneira *nenhuma*»;

b) ao passo que em latim vulgar a negação reforçada não perdia a fôrça lógica negativa, *em latim clássico a negação mitigada era a única corrente,* equivalendo a negação reforçada a uma afirmação.

Cfr.:

> «*Noli* enim putare *quemquam,* Brute, pleniorem et uberiorem ad dicendum fuisse».
>
> Cic. *Br.* xxxiii, 125.

> «*Noli,* inquam, Brute, existimare, his duobus *quidquam* fuisse in nostra civitate præstantius».
>
> Cic. *Br.* xl.

> «Barbarus hic ego sum quia *non* intelligor *ulli*»
>
> Ovídio ([2]).

Quanto a equivaler em latim *clássico* a negação refor-

([1]) Riemann, *op cit.*, pág. 547, nota 2.

([2]) Suponho que é dos *Tristes.* Encontrei êste verso transcrito num texto de Castilho, sem outra referência.

çada a uma afirmação, cfr. as expressões correntes *nonnulli* = *alguns*, *nonnumquam* = *algumas vezes;* cfr. ainda êste ex. do «Brutus»:

> «.. sed tamen Antonius in verbis et eligendis... et collocandis et comprehensione devinciendis *nihil non* ad rationem et tamquam ad artem dirigebat».
>
> Cic. *Br.* XXXVII, 140.

nihil non = *omnia* (¹).

CASOS DUBITATIVOS

Acusativo do objecto interno ou figura etimológica.

Nos *Lusíadas* registam-se vários casos:

> Pelos illustres *feitos* que esta gente
> Ha de *fazer* nas partes do Oriente.
>
> II, 44, 7-8.
>
> *Feitos* de armas grandissimos *fazendo*
>
> II, 50, 4.
>
> ... os grandes *feitos* que *fizerão*
>
> II, 103, 2.
>
> *Fazem* mil vezes *feitos* sublimados,
>
> V, 92, 6.
>
> A *fazer feitos* grandes de alta proua,
>
> VI, 42, 6.

(¹) Êste assunto foi estudado por Riemann com agudeza (*op. cit.*, págs. 546-548). Destrinça os vários casos: *a*) uma negação composta é destruída por uma simples que vem depois (é o caso de *Brutus*, XXXVII); *b*) uma negação composta é destruída por uma simples que a precede, mas o sentido é diverso de *a*) (é o caso de nonnulli, nonnumquam); *c*) duas negações compostas, numa mesma oração, destroem-se; *d*) casos excepcionais em que a negação reforçada não equivale a afirmação, (lat. vulgar).

Será um latinismo sintáctico?

Por um lado, esta construção não é muito própria da língua popular (1), e, por outro lado, ela existia em latim clássico (2).

Todavia, mesmo no caso de ser realmente um latinismo sintáctico, *não é um de primeira mão;* já Garcia de Rèsende escrevera:

> que triste *morte morreo*
> ho principe em hũo soo dia (3).

Riemann (4) e Kaegi (5) distinguem entre o caso em que há *afinidade etimológica* entre o verbo e o seu complemento directo e o caso em que há *afinidade puramente semântica.* O primeiro caso é a «figura etimológica», que acaba de ser tratada (6). O segundo caso, do qual não registei ex. nos *Lusíadas,* perdura na língua literária moderna, cfr.:

> «... há muito não *choro lágrimas* que me dêem um alvorôço tão grande».
>
> Júlio Dinis (7).

(1) No entanto ouvi a uma criança *comprar compras;* e a frase popular «*morrer* de *morte* macaca» é possìvelmente para correlacionar com o ex. que cito de Garcia de Rèsende.

(2) Cfr. Riemann, *Syntaxe latine,* § 35, *a.* Observa que a figura etimológica é menos freqüente em latim do que em grego.

(3) *Miscelânea,* st. 31, (ed. de Coimbra, 1917, pág. 14).

(4) *Loc. cit.*

(5) *Griechische Schulgrammatik,* 3.ª ed., Berlim, Weidmann, 1892, § 149, 1. Considera o fenómeno dentro da língua grega, mas, para a figura etimológica, juxtapõe um ex. latino.

(6) Perdura na língua literária; cfr.: «Este Henrique de Souzellas atingira a idade dos vinte e sete anos *vivendo,* como dissemos, *aquela* elanguescedora *vida* da capital...» (Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais,* 19.ª ed., t. I, pág. 8).

(7) *Os Fidalgos da Casa Mourisca,* 4.ª ed., t. II, pág. 55.

«Gessner envelheceu; Florian *dorme o sono* dos inofensivos».

Júlio Dinís (1).

«*Dorme o teu sono*, coração liberto».

Antero de Quental (2).

«*Chorou lágrimas* em vão».

António Correia de Oliveira (3).

e possìvelmente pertence mesmo à língua popular, cfr. «o fado da Severa»:

E o conde de Vimioso
Muita *lágrima chorou* (4).

*

Adjectivo com função adverbial.

São freqüentes no poema os ex.

Abstraindo de *só* (adjectivo que será estudado à parte por um motivo especial), o mais freqüente e o mais suspeito de «latinidade» é o numeral ordinal *primeiro*, que, para o estudo desta função sintáctica, pode enfileirar ao lado dos adjectivos (5).

---

(1) *Uma família inglesa*, 19.ª ed., pág. 183.

(2) Soneto célebre *Na mão de Deus, na sua mão direita*, in *Os sonetos completos de Antero de Quental*, 4.ª ed., pág. 155.

(3) *Raiz*, Coimbra, 1903, pág. 78.

(4) Note-se igualmente que os dois exemplos colhidos em Júlio Dinís são ambos do discurso directo, embora postos na bôca de personagens cultos.

(5) É aliás o que faz Madvig (*op. cit.*, § 300 *b.*) que inclui o estudo desta função sintáctica dos numerais ordinais em latim no capítulo sôbre adjectivos e advérbios.

Cfr.:

Fez primeiro em Coimbra exercitarse,
O valeroso officio de Minerva,
III, 97, 1-2.

(fez primeiro = foi o primeiro que fez) (1).

Logo o grande Pereira em quem se encerra
Todo o valor, *primeiro se assinalá*
IV, 30, 5-6.

(primeiro se assinala = é o primeiro que se assinala).

Que entre as lanças & sêtas, & os arneses
Dos inimigos corro, & *vou primeiro*
IV, 38, 2-3.

(vou primeiro = sou o primeiro a ir, vou em primeiro lugar).

Na Fatidiça nao, que *ousou primeira*
Tentar o mar Euxinio, auentureira.
IV, 83, 7-8.

(ousou primeira = foi a primeira a ousar).

Dhum, que *primeiro pos nome* aa ciencia:
VII, 40, 4.

(= dum que foi o primeiro a pôr nome à sciência).

& veras a segurança
Da figura nos muros, que *primeira*
Subindo *ergueo* das Quinas a bandeira.
VIII, 19, 6-8.

(primeira ergueu = foi a primeira a erguer).

(1) Já registado por F. e S.

> *Primeiro entrando* as portas da cidade.
>
> VIII, 37, 8.

(primeiro entrando = sendo o primeiro a entrar).

> Conceito digno foi do ramo claro
> Do venturoso Rei, que *arou primeiro*
> O mar,...
>
> VIII, 71, 1-3.

(arou primeiro = foi o primeiro a arar).

> O muro de Dâmão soberbo & armado,
> Escala, & *primeiro entra* a porta aberta
>
> X, 63, 6-7.

(primeiro entra = é o primeiro a entrar) (1).

Outros adjectivos, em menor escala, são igualmente empregados com esta função adverbial; cfr.:

> E quando dece o *deixa derradeiro*,
>
> I, 8, 4.

(o deixa derradeiro = o deixa em último lugar).

> Isto feito *se parte diligente*,
>
> VII, 36, 3 (2).

(se parte diligente = parte-se com presteza).

> ... *decia diligente:*
>
> IX, 36, 4.

> Despois que *os olhos longos estendera*,
>
> IV, 69, 6.

(= depois que estendera longamente os olhos) (3).

---

(1) Registado por E. D.

(2) Ex. análogo em II, 109, 2.

(3) Ex. curioso; difere dos outros em que o adjectivo com função adverbial *está referido ao complemento directo* e não ao sujeito.

> ... em quanto *fortes sostiuerão*
> A sancta Fe, nas terras Mauritanas.
>
> VI, 83, 3-4.

> *Disse alegre* o Piloto Melindano,
>
> VI, 92, 7.

(disse alegre = disse com alegria).

Será um latinismo sintáctico?

À primeira vista assim parece, se se levar em conta:

a) o insólito que tal construção representa para o falar de todos os dias (¹).

b) o ser ela em latim clássico perfeitamente normal e freqüentíssima (²). Cfr.:

> Et molem mirantur equi, *primusque* Thymœtes
> Duci intra muros *hortatur* et arce locari.
>
> Verg. *En.* II, 32-33.

(¹) Tanto assim é que hoje os escritores *vernáculos* se distinguem pelo emprêgo desta construção, corrente em português clássico, insólita hoje. Assim recordo-me de ter lido num texto do sr. Dr. Ricardo Jorge: «... que *rápido corre*». (Hoje tôda a gente diria e escreveria mesmo: «... que corre *com rapidez*»). No século XIX esta construção ainda tinha mais vida na língua literária, cfr.: «*Corria branda* a noite». (Tomás Ribeiro — «Sons que passam» — «A Judia»); — «A imaginação é o orgulho exercem grande poder e *correm* mais *fogosos* do que pensas». (Rebêlo da Silva — *Mocidade de D. João V*, tôm. 3.º pág. 115, cit. de E. D.); — «e a contrastar com esta serena imagem esboçava-se a do inquieto, vivo e estouvado Maurício, criança pronta nos risos e no chôro, violenta nas expansões, tão amorável como colérica, e em cujo coração infantil *ferviam* já *nascentes* as paixões do homem». (Júlio Dinis — *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, 4.ª ed., v. I, pág. 102);... «os senhores da propriedade *perseguiam implacáveis* as lebres e perdizes que ali se acoutavam», (id., *ibid.*, pág. 178).

(¹) Note-se que em latim também é *primus* que mais ocorre nestes ex. Em grego há a mesma construção e até com adjectivos com os quais ela não tem lugar em latim; cfr.:

> χθιζὸς ἐεικοστῷ φύγον ἤματι οἴνοπα πόντον
>
> *Od.*, VI, 170.

Em latim não soa bem: «*hesternus vagabar*»...

«Sed tum fere Pericles... *primus adhibuit* doctrinam».
Cic. *Br.* XI.

«Hæc igitur ætas *prima* Athenis oratorem prope perfectum *tulit*».
Cic. *Br.* XII.

«Atque hic Livius *primus* fabulam... *docuit*».
Cic. *Br.* XVIII.

«*Ultima* de superis illa *reliquit* humum».
Ov. *Fast.* I, 250.

«etiam sapientibus cupido gloriæ *novissima exuitur*».
Tac. *Histor.* IV, 6

«*sublimis abiit*» (foi-se pelos ares).
T. Liv. (apud. Quich. s. v.)

Opõe-se até certo ponto a esta hipótese o aparecer esta construção em francês como filha legítima da língua popular, registando-se quer em provérbios («Rira bien qui *rira le dernier*»), quer em frases populares da gema («Je *suis arrivé le premier*»).

Como desatar o nó górdio?

Evidentemente êste problema só se poderá esclarecer com exactidão no dia em que no campo da sintaxe a língua literária estiver suficientemente delimitada da popular [1].

---

[1] É curioso observar que o pensamento de E. D. sôbre êste assunto está mal definido. Na sua edição dos *Lusíadas* não anotou nenhum dos ex. mencionados por mim, excepto III, 97, I e X, 63, 7; nêste último pôs esta nota significativa: «primeiro entra (*à latina*) = é o primeiro a entrar». — Na *Sintaxe histórica portuguesa* (§ 52 *a*), menciona esta função sinctáctica do adjectivo, a par das de atributo e nome predicativo, e chama-lhe *apôsto;* põe em paralelo frases latinas similares sem se pronunciar sôbre a latinidade da construção e recambia para Madvig, § 300. — Com efeito, na tradução da *Gramática latina* de Madvig (§ 300, que foi evidentemente alterado com referências aos factos do português

No entanto, parece fora de dúvida que o emprêgo do ordinal *primeiro* com função adverbial é um latinismo sintáctico ([1]).

Quanto ao *adjectivo com função adverbial* (qualquer adjectivo), mesmo no caso de ser um autêntico latinismo, não é em todo o caso nos *Lusíadas* um latinismo de primeira mão; já João de Barros, pelo menos, o empregara: «A maior parte do qual (Gambea) *corre tortuoso*, em voltas meudas». (I, 3, 8) ([2]).

*

A êste assunto do *adjectivo com função adverbial* prende-se um caso especial que merece ser tratado à parte:

«só» adjectivo variável — em casos em que hoje se usa «só» advérbio invariável ou um circunlóquio.

Nos *Lusíadas* ocorre:

Da proa as vellas *sos* ao vento dando,
II, 18, 3.

moderno), é que E. D. é mais explícito, salientando, sobretudo em § 300 *b*, *a diferença neste ponto entre a sintaxe latina e a portuguesa:*

a) Um adjectivo... ou se emprega como aposição e *designa, em relação ao verbo, o modo de ser do substantivo no tempo da acção*, v. g. «Multi eos, quos *vivos* coluerunt, *mortuos* contumelia afficiunt», (*em vida — depois da morte*), etc.

b) Em particular *empregam os latinos freqüentes vezes os adjectivos que designam ordem ou seguimento*, como aposição, *onde a língua portuguesa emprega um advérbio (referido ao verbo) ou um circunlóquio com uma oração relativa:* «Hispania *postrema* omnium provinciarum perdomita est». (Liv., 28). a Espanha *foi* de tôdas as províncias *a última que* foi reduzida à obediência; etc.

([1]) Cfr. por um lado o texto citado de Madvig (*Gram. lat.*, trad. de E. D., § 300, *b*), e por outro lado a escassez de ex. similares mesmo na prosa literária moderna.

([2]) Citado por E. D., *Sintaxe histórica portuguesa*, § 55.

E acolhendo se ao couto que conhecem,
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

II, 27, 7-8.

Ó tu que *so* tiueste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,

II, 104, 1-2 [1].

Ves aqui as mãos, & a lingoa delinquentes:
Nellas *sos* exprimenta, toda sorte
De tormentos, de mortes...

III, 39, 5-7.

... não te espante
Se o campo Emathio *so* te vio vencido,

III, 73, 3-4 [2].

E se tu tantas almas *so* podeste,
Mandar ao reino escuro de Cocito,

III, 117, 1-2 [3].

Crendo co sangue *sô* da morte indina,
Matar do firme amor o fogo aceso:

III, 123, 3-4 [4].

Bem como entre os mançebos recolhidos,
Em Camisio, reliquias *sos* de Canas,

IV, 20, 1-2.

... O filho a quem eu tinha
So pera refrigerio, & doce emparo

IV, 90, 1-2 [5].

---

(1) = ó tu que foste o único a ter piedade... Cfr. o passo similar registado por F. e S.:

O *sola* infandos Trojæ miserata labores

Verg. *En.*, I, 597.

(2) = si *solus* campus Emathius...

(3) = si *solus* potuisti...

(4) = *solo* sanguine... (no pensar de D. Afonso IV bastaria a morte de D. Inês para extinguir a paixão de D. Pedro).

(5) = Fili, qui *solus* mihi eras solatio...

No gram diluuio, donde *sos* viuerão
Os dous que em gente as pedras conuerterão.
vi, 78, 7-8.

Os Naires *sos* sam dados ao perigo
Das armas, *sos* defendem da contraria
Banda o seu Rei,
vii, 39, 5-7.

Aquelles *sos* direy que auenturârão
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida
vii, 87, 1-2.

A Castella, onde o preço *sos* leuârão
Dos jogos de Belona verdadeiros,
viii, 27, 2-3.

A quieta inocencia em *so* Deos pronta.
viii, 55, 8 (1).

Leis em fauor do Rei se estabelecem,
As em fauor do pouo *so* perecem.
ix, 28, 7-8 (2).

E das injurias *sos* do mar undoso,
Poderão mais ser mortos que cansados:
ix, 39, 3-4.

O que esta sua naçam *so* merecia.
ix, 86, 8 (3).

E rudos paos tostados *sos* farão,
O que arcos & pelouros não fizerão,
x, 38, 3-4 (4).

---

(1) = *soli Deo* indulgens.

(2) = pro *solo* populo...

(3) = quod hæc natio, a se dilecta, *sola* merebat.

(4) Em compensação, «*só*» *é advérbio invariável* (exactamente como hoje) em muitos outros passos do poema, v. g. i, 52, 4; ii, 32, 3-4 e 8; 60, 4; 93, 2; iii, 111, 4; 124, 6; iv, 12, 7; 86, 6; v, 17, 4 e 6 7; 66, 4; vi, 27, 8; 50, 5; vi, 26, 5-6; 29, 6; viii, 99, 5; x, 11, 3-4; 24, 6; 30, 2; 55, 3-4; 82, 1-2; 127, 3 (ex. curioso, cfr. E. D. e J. M. R.); 132, 7 8; 148, 5; 152, 5. Ex. duvidosos em ii, 65, 4; iv, 52, 5-6; vi, 82, 8; x, 146, 8.

Por mais insólita que esta construção hoje nos pareça, ela perdurou na língua literária até o meado do século XIX, pelo menos, cfr.:

> «Com *sós* 27 anos de idade, desmentidos pelo frescor da sua formosura, e muito mais pela candura e inocência de sua índole, já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade».
>
> Castilho (¹).

> (Frei Tomé de Jesus) «sucumbiu neste dia com *sós* cincoenta anos de idade».
>
> Sylva Tullio (²).

Será um latinismo sintáctico? eis o que nos interessa.

É — foi a opinião do eminente filólogo e meu antigo professor dr. José Leite de Vasconcellos, quando, na cadeira de Filologia portuguesa, 2.º ano, lhe pedi uma vez a interpretação de III, 39, 5-7 (³).

Então também assim me pareceu. Hoje vejo prós e contras.

A favor da hipótese *latinismo sintáctico* milita a analogia com a construção latina, analogia que já foi posta em realce com a tradução para latim de algumas das frases portuguesas e que é comprovada pelos seguintes ex. colhidos na prosa clássica:

> «omnis aditus qui pæne nobis *solis* patuit obstructus est».
>
> Cic. *Br.* IV, 15.

> «Sic prorsus existimo, atque istum de superioribus pæne *solum* lego».
>
> Id. *ibid.* XXXIII, 125 (⁴).

(¹) In *Revista Universal Lisbonense,* n.º de 24 de Março de 1842.

(²) *Ibidem*, tôm. III, pág. 407.

(³) Um dos ex. mais típicos atrás mencionados.

(⁴) Para ver a diferença que há entre a construção corrente em latim e em português clássico, por um lado, e a hoje normal, por outro lado, é interessante comparar esta frase de Cícero com estoutra de Eça de Queiroz: «Do passado *apenas* acreditávamos em Camões e João de Barros». (Carta a Carlos Mayer).

«... id vero desinant dicere, qui subtiliter dicant, eos *solos* Attice dicere».

Cic. *De optimo genere oratorum*, IV, 12 (1).

Contra esta hipótese há vários argumentos:

A) o aparecer esta mesma construção em francês, como provável herança da língua popular, registada em autores de séculos diversos:

«Et en toutes vos affaires, appuyez-vous totalement sur la providence de Dieu, par laquelle *seule* tous vos desseins doivent réussir».

S. Francisco de Sales (2).

«La littérature émigrée avait *seule* la voix».

Lamartine (3).

«... ceux-là *seuls* qui l'ont connu peuvent se le figurer».

J. Maritain (4).

B) o aparecer também esta construção no latim *infimæ latinitatis* da Idade Média, que estava em contacto directo com o romanço:

«Per *solam* fugam non possumus vincere».

Imit. de Cristo (5).

---

(1) A mesma construção ocorre em grego, cfr.:

οἴη δ'ἄμμορός ἐστι λοετρῶν 'Ωκεανοῖο.

Il., XVIII, 489.

οἴη δ'Ἀλκινόου θυγάτηρ μένε 'τῇ γάρ 'Αθήνη

Od., VI, 139.

(2) *Introduction à la vie dévote*, parte III, cap. X.

(3) *Cours familier de littérature*, entretien X.

(4) J. Maritain, prefácio do livro *Ernest Psichari* de A. M. Goichon, 7 a ed., pág. 12.

(5) Liv. I, cap. 13, v. 12. Quanto a ser *infimæ latinitatis* o latim da Imitação de Cristo, cfr. os seguintes passos: «quia in nobis est unde

C) um conjunto de factos dentro da nossa própria língua:

a) «*só*» ainda hoje é *adjectivo variável* (na língua popular e na literária) quando é nome predicativo do sujeito ou do complemento directo, cfr.: estão *sós*, acharam-se *sós*, «Aninhas! ficamos sós!» (Tomás Ribeiro) (¹).

b) «*só*» (no singular) ainda hoje é usado em certos casos como adjectivo atributo ou apôsto, quando não há confusão possível com o advérbio «só», v. g. *num só dia*, *um homem só contra tanta gente*; no plural tem de se recorrer ao advérbio, v. g. *só em dois dias* (²).

c) «*só*», adjectivo, deu origem ao diminuitivo «*sòzinho*», hoje quási só usado como n. pred. (à semelhança de «só» flexível), mas que ainda aparece na língua literária como aposto, cfr.:

> «Lá vai Dom Jayme!... é elle! tão *sòzinho*
> assim por noite escura»!
>
> Tomás Ribeiro (³).

Não haverá uma conexão entre todos estes factos? Não serão fragmentos dum conjunto hoje difícil de reconstituir? Não terá havido na língua popular arcaica uma vasta flexão de «só», adjectivo, com singular e plural, flexível já como nome predicativo, já como atributo ou apôsto?

Parece-me o mais provável.

Mesmo no caso de ser um latinismo sintáctico inconcusso,

---

tentamur» (liv. I, cap. 13, v. 9); «Quod sacra communio *de facili* non est relinquenda» (liv. IV, título do cap. 10); «qui sacram Communionem tam *faciliter* postponunt» (liv. IV, cap. 10, v. 18).

(¹) *Dom Jayme*, 11.ª ed., pág. 60.

(²) Nos Lusíadas ocorre «*só*», atributo, neste emprêgo não desusado, em X, 57, 3; 60, 3; 78, 4. Na essência, é também esta a sintaxe de IX, 28, 8. Como n. pred. do c. dir. (outro emprêgo não desusado), ocorre no plural em X, 122, 4.

(³) *Dom Jayme*, 11.ª ed., pág. 111.

êste emprêgo do adjectivo «*só*» *não era todavia no poema latinismo de primeira mão.* Aparece em quinhentistas anteriores a Camões:

«movido comtudo por *sos* dous respeitos».

Damião de Goes (1).

«se vossa ira ouver por mayor minha culpa que ha vingança do meu corpo *soo*».

Duarte Galvão (2).

*

qual = como (*sem estar em correlação com «tal»*)

Embora E. D. (3) o inclua no estudo «da ligação das palavras na oração», êste assunto será tratado na 2.ª Divisão (Do emprêgo dos modos e tempos e da ligação das orações) por estar em íntima conexão com o parágrafo «*qual... tal... (qualis... talis...)*».

*

Que tantos...? (*quae tanta...?*)

Vem nos *Lusiadas:*

Quem he, me dize estoutro que me espanta,
Pergunta o Malabar marauilhado,
Que tantos esquadrões, *que* gente *tanta,*
Com tam pouca, tem roto & destroçado:
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas da nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pês derribadas, & estandartes?

VIII, 10.

(1) *Crónica de D. Manuel,* Prólogo.
(2) Apud E. D., com. a *Lus.* III, 39.
(3) *Sintaxe histórica portuguesa,* § 93 *b.*

A sintaxe desta estância é bem emaranhada. Não é provável que o «*que*» repetido do 3.º v. seja um pronome relativo, cujo antecedente seria «estoutro», quer porque nesse caso haveria pelo menos três orações relativas a seguir, tôdas referidas ao mesmo antecedente, o que não é corrente, quer porque então as orações dos vv. 5 8 apareceriam ainda mais desgarradas (a não ser que se supusesse o «que» do 3.º v. como sujeito de tôdas elas). Por isso parece-me antes preferível decompor a estância dêste modo: 1-2, 3-4, 5-8. O ponto de interrogação (¹) do v. 8 incidiria também sôbre os vv. 1-2 e 3-4. A interrogação do v. 1 seguir-se-hia uma *interrogação exclamativa:*

O *que* são êstes esquadrões *tão* compactos, o *que* é esta gente *tão* cerrada que êle rompeu e destroçou com tão pouca?

Esta construção (pron. interrogativo ligado a um pronome indefinido), Camões encontrava-a, em latim, no seu autor predilecto:

«O miseri, *quæ tanta* (²) insania, cives»?
Verg. *En.* II, 42.

*

He de vassalos o exercício (*Est regis tueri subditos*).

(¹) É verdade que, tomado ao pé da letra, êste ponto de interrogação do v. 8 é um argumento a favor da hipótese da unidade da estância pela sucessão das orações relativas. Mas quanto à pontuação nos exemplares de *Ee.*, cfr. J. M. R. Introdução, págs. XXVI-XXVII.

(²) O pron. interrog. conjunto com *tanta* tem valor exclamativo, como o pron. relativo só, nestes lugares: «*quem* virum, di boni! (Cic. *Br.*, XVII, 65); «*qua* pulchritudine urbem, *quibus* autem opibus præditam servitute oppressam tenuit civitatem!» (id, *Tusc.* I, 57); cfr. igualmente:

Ego, quia non rediit filius, *quae* cogito!
Quibus nunc sollicitor rebus!
Terêncio, *Adelphœ*, vv. 35-36.

Nos *Lusiadas* temos:

> E porque *he de vassalos, o exercicio,*
> Que os membros tem regidos da cabeça
>
> II, 84, 1-2.
>
> Porque não *he das forças Lusitanas,*
> *Temer* poder maior, por mais pequeno
>
> III, 99, 3-4.
>
> Se *de humano* (1) *he, matar* hũa donzella
>
> III, 127, 2.
>
> ... porque *do certo & fido amigo*
> *He* nam *temer* do seu nenhum perigo.
>
> VIII, 85, 7-8.

e, emfim, ex. análogos, mas com o verbo «parecer»:

> *Parece de seluaticas brutezas,*
> *De peitos inhumanos & insolentes;*
> *Dar* extremo suplicio pella culpa
> Que a fraca humanidade & Amor desculpa.
>
> X, 46, 5-8.

Será latinismo sintáctico?

Por um lado, a tendência da língua moderna é para empregar não esta construção, mas sim «*é bem*»: é bem dêles! isso é bem Ribeira (2)! ou então os cultos e semi-cultos recorrem a *é próprio de.*

Por outro lado, era freqüentíssimo em latim o emprêgo do verbo «*esse*» *com um genitivo* na acepção de «*ser próprio de*» (3).

---

(1) Humano = ser humano (E. D.).

(2) Será galicismo sintáctico ou mera coincidência? Cfr.: «*Cela est bien de lui.* Misérable, émigré, en face de la Révolution triomphante, de Voltaire et Rousseau passés dieux, il prend corps à corps le XVIII^e siècle et veut le convaincre de puérilité». (E. Faguet, XIX^e *siècle*, cap. Chateaubriand).

(3) Visto dentro da sintaxe latina, o assunto é estudado por Madvig, *Gramática latina*, § 282; cita abundantes ex. e muitos de Cícero; em

Visto dentro da sintaxe portuguesa, o assunto é tratado por E. D. [1]. Escreve: «Diz-se: *ser* (*ser julgado* etc.) *de alguem,* no sentido de: *próprio de alguém*»; cita um ex. da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos [2], outro da língua popular, juxtapõe-lhes um ex. de Cícero que colheu em Madvig, *mas não se pronuncia sôbre a latinidade da construção.*

Será ou não latinismo sintáctico? É possível. Provável? Não ouso afirmar, tanto mais que a expressão da língua popular «preços do costume» (próprios do costume), aduzida por E. D., invalidaria esta hipótese no caso de ser um fragmento dum conjunto hoje difícil de reconstituir. As futuras excavações na língua dos escritores anteriores a Camões dirão alguma cousa; e desde já precisamos não querer ver em tudo latinismos devidos à cultura humanística do Renascimento para não cairmos no êrro de negar à língua popular o recurso de exprimir as mais simples modalidades do pensamento.

*

Restam agora três casos duvidosos que pertencem pròpriamente à estilística [3] mas que não deixam de ter cabimento no estudo da sintaxe: o *hysteron—próteron,* a *hendíadis* e o *quiasmo.*

---

especial, o que êle diz ser próprio do latim, «ligar-se freqüentemente um genitivo por meio de *sum* a um infinitivo como sujeito, para designar o que está na condição de alguém que lhe aconteça, o que é acto próprio de alguém», etc. é o que se verifica em todos os ex. mencionados dos *Lus.* excepto II, 84, 1-2. Cfr. também sôbre o assunto P. Crouzet, *Grammaire latine simple et complète,* 19.ª ed. § 142, 3.º

[1] *Sintaxe histórica portuguesa,* § 174 *a.*

[2] Obra póstuma, publicada em 1618, e que portanto não pode ter actuado sôbre a língua de Camões.

[3] Quanto às relações entre a estilística e a sintaxe, cfr. J. L. de V., *Lições de filologia portuguesa,* 2.ª ed., pág. 6: «A Estilística, sem ser realmente parte da Gramática, está em íntima conexão com a sintaxe».

Nos *Lusíadas* registam-se vários ex.:

a) hysteron—próteron: II, 13, 5-8; III, 122, 1; IV, 40, 2 (1); 46, 4; VII, 36, 4 (2); X, 69, 7-8 (3);

b) hendíadis: I, 1, 1 (4); 38, 4 (5); III, 66, 3-4 (6); IV, 66, 2; 98, 2 (7); VI, 26, 2; 58, 7 (8); VIII, 14, 2 (9); 62, 5 (10); X, 144, 7 (11).

c) quiasmo: II, 12, 3-4 (12); III, 10, 2; 90, 4; X, 8, 3-4.

De todos estes fenómenos dou indicação sumária, quer porque pertencem mais pròpriamente à estilística do que à sintaxe, quer porque são *helenismos prováveis,* como se infere das designações.

No entanto têm um lugar, se bem que provisório, neste *ensaio,* porque é crível que tivessem chegado a Camões por via latina e *ainda hoje é por vezes difícil a delimitação entre factos da sintaxe latina pròpriamente dita e helenismos sintácticos do latim* (13).

---

(1) Ex. típico, porque neste caso o hysteron-próteron não é determinado pelas necessidades da rima como sucede v. g. em III, 122, 1; IV, 46, 4; VII, 36, 4.

(2) Registado por E. D.

(3) Idem.

(4) Registado por J. M. R.

(5) Registado por E. D.

(6) Registado por J. M. R.

(7) Registado por E. D.

(8) Registado por J. M. R.

(9) Registado por J. M. R. e E. D.

(10) Registado por E. D.

(11) Idem. E. D. pretende que também há hendíadis em X, 75, 5.

(12) Registado por E. D.

(13) Já frisei êste facto na Introdução, (v. pág. 15, nota 3), ao explicar o motivo por que excluíra do trabalho os helenismos lexicais e não um ou outro possível helenismo sintáctico. A afirmação não é gratuita. Eis um

O *hysteron próteron* encontrava-o Camões em Vergílio (1). Não era aliás uma inovação na nossa lingua literária, pois já fôra usado por António Ferreira (2).

A *hendíadis* também a encontrava Camões em Vergílio (3). Ocorre igualmente na prosa ciceroniana (4). Plessis (com. a *Georg.* II, 192) não a considera helenismo.

Enfim o *quiasmo*, que, em grego, é freqüente nos poemas homéricos, também ocorre em latim (5).

---

ex. típico em que divergem as opiniões de dois filólogos contemporâneos (e aliás os dois que têm revisto as edições póstumas da *Syntaxe latine* de Riemann): Paul Lejay e A. Ernout. É o *accusativus graecus*, o *freier Accusativ* dos gramáticos alemães (cfr. Kaegi, *Griechische Schulgrammatik*, 3.ª ed. § 151), *accusatif de relation* dos franceses (cfr. Laurand, III, 388, *b*). Êste emprêgo especial do acusativo, freqüentíssimo em grego, sobretudo com certos termos esteriotipados, v. g. ὄνομα, εὖρος, γένος, εἶδος, etc., ocorre também em latim, mòrmente nos poetas do século de Augusto e na prosa post-clássica; cfr.: «Nuda *genu*» (Verg. *En.* I, 320); «Qui *genus* (estis)?» (id. VIII, 114); «nudæ *brachia ac lacertos*» (Tac., *Germ.*, 17). Na edição Hachette das obras completas de Vergílio (1919) P. Lejay escreve no comentário a *En.* I, 320: «Cet accusatif a été *développé par les poètes à l'imitation du grec* et a pénétré en prose». E na nota 1 da pág. 223 da 7.ª ed. da *Syntaxe latine* de Riemann, o mesmo P. Lejay escreve: «L'accusatif de la partie est *poétique*» e justifica a sua afirmação; também Goelzer na edição Hachette da *Germania* (pág. 116) considera *construção poética* êste emprêgo do acusativo — Pelo contrário, tendo Riemann tratado do assunto *ex-professo* na *Syntaxe latine* (§ 40 *Accusatif de relation*), o revisor da 7.ª ed., A. Ernout, chega à seguinte conclusão: «il est difficile de dire *si elle* (cette construction) *représente le maintien d'un état ancien*, ou *si c'est une imitation du grec*, introduite d'abord par des poètes hellénisants».

(1) V. g. *En.* II, 353 (cit. por E. D. no comentário a *Lus.* X, 69).

(2) *Poemas Lusitanos*, Lisboa, 1598, fl. 200 v.: *Honrou as Musas, poetou e leo*, (apud J. L. de V., *Lições de filologia portuguesa*, 2.ª ed., pág. 107).

(3) V. g. *En.*, I, I (cit. por J. M. R. no comentário a *Lus.* I, 1); *Georg.* II, 192 (cit. por E. D. no com. a *Lus.* VIII, 14, 2).

(4) V. g. *De oratore*, liv. III, XLIV, 173; *Brutus*, XXII.

(5) V. g. Cic., *De oratore*, liv. III, XLIII, 171; Verg. *En.* II, 13.

2.ª DIVISÃO

Do emprêgo dos modos e tempos e da ligação das orações

SECÇÃO I

Do emprêgo dos modos e tempos

Capítulo único

Do particípio

Reaparecimento do particípio futuro activo.

Nos *Lus.* v, 60, 7-8, lê-se:

> A Deos pedi que remouesse os duros
> Casos, que Adamastor contou *futuros*.

E. D. considerou êste passo como sendo um caso de *transposição* dum têrmo «da oração demonstrativa para a relativa», semelhante aos que se registam em I, 26, 7-8; III, 7, 5-6; etc., e que serão estudados mais adiante (¹).

Nesse caso, a ordem lógica seria:

«Pedi a Deus que removesse *os duros casos futuros* que Adamastor contou».

Não me parece que assim se deva interpretar a sintaxe dêste lugar. A frase, que aliás é o remate de um longo episódio a que o próprio E. D. chamou «a concepção mais grandiosa dos *Lusíadas*» (²), fica mais perfeita, mais prontamente inteligível e até com mais colorido épico, (porque fica mais em realce a série de profecias trágicas postas momentos antes na bôca do gigante), se deixarmos as palavras na ordem em que estão e se admitirmos que, em vez duma transposição, temos o *reaparecimento artificial do particípio futuro activo* da conjugação latina.

Isto é: «*futuros*» está empregado neste passo com a

(¹) Na secção III (*Da colocação*).
(²) *Lus.* comentados por E. D., 2.ª ed., tôm. I, pág. XIV.

fôrça do particípio futuro do verbo «esse». E a frase poder-se-hia verter em latim dêste modo:

«Deum oravi ut a nobis illos infestos casus averteret, *quos Adamastor enarraverit futuros*».

Cfr. em latim clássico:

> «hi quid exspectant? næ illi vehementer errant, *si illam meam pristinam lenitatem perpetuam sperant futuram*».
>
> Cic. 2.ª *Catilinaria*, III.

Esta hipótese é arrojada, visto que o particípio futuro da conjugação latina não perdurou na língua popular nem sequer ressurgiu na língua literária [1]. Mas afigura-se-me a melhor interpretação do texto, e o que é insólito em relação à língua e à vida de hoje tem a sua explicação no ambiente humanístico do Renascimento [2].

SECÇÃO II

Da ligação das orações

Capitulo único

Da subordinação

Qual.. tal... (*qualis... talis...*).

Nos *Lusíadas* ocorre a construção *pura* em 11 ex.:

> *Qual* Austro fero, ou Boreas na espessura,
> De siluestre aruoredo abastecida,

---

(1) Já frisei noutro ponto a resistência que o sistema mórfico, no Renascimento, ofereceu à neo-latinização da língua. Note-se como curiosidade, a respeito da morte total do particípio futuro latino em português, que Júlio Moreira, querendo, numa exposição, inventar formas que fôssem ininteligíveis para quem não conhecesse a conjugação latina, se lembrou de *notaturo* e *enforcaturo* (*Estudos da lingua portuguesa*, tôm. I, pág. 160).

(2) Êste assunto em rigor pertence à morfologia, mas também tem cabimento no estudo da sintaxe, que considera as relações das palavras na frase.

Rompendo os ramos vão da mata escura,

. . . .

Tal andaua o tumulto leuantado,
Entre os Deoses no Olimpo consagrado.

I, 35.

Quaes perá a coua as prõuidas formigas,
Leuando o peso grande acomodado,
As forças exercitão, . . .

. . . .

Tais andauão as Nimphas estoruando
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

II, 23.

Qual diante do algoz o condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poem no çepo a garganta . . .

. . . .

Tal diante do Principe indinado,
Egas estaua a tudo offerecido:

III, 40, 1-6.

Qual cos gritos & vozes incitado,
Pola montanha o rabido Moloso,
Contra o Touro remete, . .

. . . .

Tal do Rei nouo, o estamago acendido,
Por Deos & polo pouo juntamente,
O barbaro comete apercebido,

III, 47-48.

Qual contra a linda moça Policena,

. . . .

Tais contra Inês os brutos matadores,

III, 131-132.

. . . *qual* pellos outeiros
De Ceita está o fortissimo lião

. . . .

Tal està o caualeiro que a verdura
Tinge co sangue alheyo, . .

IV, 34-35.

Qual parida Lioa fera & braua
. . . .
Corre raiuosa, & freme, . . .
. . . .
Tal Ioane com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode aa primeira ala:

iv, 36-37.

Qual roxa Sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria . . .
. . . .
Fartar co sangue alheyo a sede ardente:
. . . .
Tal a grande coluna, enchendo aumenta
A si, & a nuuem negra que sustenta.

v, 21.

Qual se ajuntaua em Rodope o aruoredo,
So por ouuir o amante da donzella
Euridiçe, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouuir o Mouro.

vii, 29, 5-8.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
. . . .
Tal o vago juyzo fluctuaua
Do Gama preso, . . .

viii, 87-88

Qual o Touro cioso, que se ensaya
Pera a crua pelleja, os cornos tenta
No tronco dhum Carualho, ou alta Faya
. . . .
Tal, antes que no seyo de Cambaya
Entre Francisco irado na opulenta
Cidade de Dabul, a espada afia,

x, 34.

e regista-se a mesma construção, *modificada*, em 3 ex.:

Qual no corro sanguino, o ledo amante,
. . . .
Eis nos bateis o fogo se leuanta,

i, 88-89.

Mas *qual* no mes de Maio o brauo Touro
. . . .
Saltea o descuidado caminhante.
. . . .
Desta arte Affonso subito mostrado,
Na gente da, que passa bem segura,

III, 66-67.

Qual o membrudo & barbaro Gigante,
. . . .
Despreza o fraco moço mal vestido:
. . . .
Desta arte o Mouro perfido despreza,
O poder dos Christãos, . . .

III, 111-112.

Trata-se evidentemente dum latinismo sintáctico.

A tendência da nossa língua popular é para *repetir* o pronome: *tal* pai, *tal* filho; *cada* cabeça, *cada* sentença; *quanto* ganham, *quanto* gastam (1).

Em latim pelo contrário era freqüente a correlação expressa por «*qualis*... *talis*...», «*quot*... *tot*...», «*quantum*... *tantum*...». As frases acima transcritas correspondem em latim: «*qualis* pater, *talis* filius»; «*quot* homines, *tot* sententiæ» (2). E assim por intermédio do latim clássico é que

---

(1) Até já ouvi: «*tudo* ganham, *tudo* gastam». Frase curiosa em que há contaminação de duas construções: «*quanto* ganham, *quanto* gastam» e «*tudo* quando ganham gastam».

(2) Neste ponto há analogia entre a sintaxe latina e a grega. Em grego também se dizia: οἷος ὁ πατήρ, τοιοῦτος καὶ ὁ υἱός, (ao passo que em francês a mesma repetição que em português: «*tel* père, *tel* fils;» e em alemão outra correlação: «*wie* der Vater, *so* der Sohn»). Cfr. sôbre êste assunto Leclair & Feuillet, *Grammaire de la langue grecque*, 30.ª ed., § 527 seg. Registei em leituras pessoais exemplos desta construção:

«... τοῖς θεοῖς εὔχομαι πᾶσι καὶ πάσαις, ὅσην εὔνοιαν ἔχων ἐγώ διατελῶ, ... τοσαύτην ὑπάρξαι μοι παρ' ὑμῶν εἰς τουτονὶ τὸν ἀγῶνα».

Dem., *De corona*, I, 1.

«Ὦ φίλε Κρίτων, ἡ προθυμία σου πολλοῦ ἀξία, εἰ μετά τινος ὀρθότητος εἴη· εἰ δὲ μή, ὅσῳ μείζων τοσούτῳ χαλεπωτέρα».

Plat., *Criton*, VI.

«δῆλος ἦν Κῦρος ὡς σπεύδων πᾶσαν τὴν ὁδὸν.. νομίζων σῷ μὲν θᾶττον ἔλθοι τοσούτῳ ἀπαρασκευαστοτέρῳ βασιλεῖ μαχεῖσθαι».

Xen., *Anábase*, I, 5, 9.

provàvelmente esta construção penetrou em português na língua dos cultos, mas só parcialmente, em frases como esta: «*quanto* maior é a desgraça, *tanto* mais firme é a atitude do estoico»; ninguém diz nem escreve: «*qual* pai, *tal* filho», ou «*quantos* homens, *tantas* sentenças».

Quanto ao caso especial de «*qualis*... *talis*...», de que vemos uma projecção na língua literária portuguesa do Renascimento, cfr. ainda estes dois ex. de latim clássico:

> *Qualis* in Eurotæ ripis aut per juga Cynthi
> Exercet Diana choros...
> ....
> *Talis* erat Dido, talem se læta ferebat.
>
> Verg. *En.*, I, 498-504.

> *Quali* enim te erga illum perspicio, *tali* illum in te voluntate judicióque cognovi.
>
> Cic. *Br.* XLII.

O primeiro dêstes ex. é decisivo. Foi quási certamente em Vergílio, seu autor predilecto, que Camões hauriu êste latinismo sintáctico, juntamente com o processo literário do símile (1).

*

Com êste assunto relacionam-se dois *casos dubitativos* que, pela afinidade que com êle têm, deixei para tratar nesta altura:

tal... qual...

---

(1) O símile em que o primeiro têrmo da comparação é muito mais longo do que o segundo (grego ὣς... ὣς ..; lat. *qualis* .. *talis*...; port. *qual*... *tal*...), Vergílio hauriu-o provàvelmente em Homero e Camões por seu turno em Vergílio. Confronte-se v. g. *Il.*, XVIII, 207-214; Verg., *En.*, I, 498-504; *Lus.*, IV, 34-35.

Nos *Lusíadas* ocorre:

> *Tal* o fermoso esmalte se notaua,
> Dos vestidos olhados juntamente:
> *Qual* aparece o arco rutilante,
> Da bella Nimpha filha de Thaumante.
>
> II, 99, 5 8.

cfr. em latim clássico:

> «Utinam in Ti. Graccho Gaioque Carbone *talis* mens ad rem publicam bene gerendam fuisset, *quale* ingenium ad bene dicendum fuit».
>
> Cic. *Br.* XXVII, 103.

Será latinismo à semelhança de *qual... tal...*? É duvidoso. É possível que se trate duma locução popular, com a qual ocorreu depois uma perda de consciência glótica, que explica o pleonasmo corrente *tal qual como*.

*

qual = como

(sem estar em correlação com «*tal*» (1)

Nos *Lusíadas* ocorre:

> Que ja se mostra, *qual* na inteira idade,
>
> I, 9, 3.

> Co vulto alegre, *qual* do Ceo subido,
>
> II, 42, 3.

(1) O assunto não foi bem tratado por E. D. (*Sintaxe histórica portuguesa,* § 93 *b*). Estabelece uma distinção artificial entre dois casos, na essência idênticos, de «*qual*» sem estar em correlação com «*tal*». Por outro lado, em vez de isolar êste «*qual*» desgarrado, como faz Beauchot («*Cicéron — Oeuvres choisies*», 7.ª ed., — Notes grammaticales, § 274) mistura o estudo dêste assunto com o de «*tal... qual..* ».

Destes arrenegados muitos sam,
No primeiro esquadrão, que se adianta,
Contra yrmãos & parentes (caso estranho)
Quaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno.
IV, 32, 5-8.

Fuy dos filhos asperrimos da terra
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
V, 51, 1-2.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,
. . . .
Outro fronte Canina tem de fora,
Qual Anubis Menfitico se adora.
VII, 48.

Mas antes descansar me deyxaria
No nunca descansado & fero gremio
Da madre Thetis, *qual* pirata inico
VIII, 74, 5-7.

Mas firme a fez & imobil, como vio
Que era dos nautas vista, & demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, & a Deosa aa caça vsada;
IX, 53, 1-4.

O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.
IX, 61, 7-8.

Musicos instrumentos não faltauão,
Quais no profundo reyno, os nus espritos
Fizerão descansar da eterna pena,
X, 5, 5-7.

Materia he de Coturno, & não de Soco
A que a Nimpha aprendeo no immenso lago:
Qual Yopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
X, 8, 1-4.

Olha delles a bruta multidão
Qual bando espesso & negro de Estorninhos,
Combaterà em Sofala a fortaleza,

x, 94, 5-7.

Tem as enchentes *quaes* o Nilo frio,

x, 127, 5.

Olhay que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompentes liões, & brauos touros,

x, 147, 1-2 [1].

Será latinismo?

Há argumentos pró:

1.º) Em latim há a construção idêntica, que parece ser duma analogia evidente com a nossa, nos casos em que, numa e noutra língua, «*qual*» está no plural [2]; cfr:

«Neque ego nunc de vulgari aut de mediocri (amicitia), quæ tamen ipsa et delectat et prodest, sed de vera et perfecta loquor, *qualis* eorum, qui pauci nominantur, fuit».

Cic., *De amicitia*, vi, 22.

«Eos imitemur, si possumus; si minus, illos potius qui incorrupta sanitate sunt, quod est proprium Atticorum, quam eos quorum vitiosa abundantia est, *quales* Asia multos tulit».

Cic., *De optimo genere oratorum*, iii, 8.

2.º) Por outro lado, o próprio E. D., (que aliás não se pronuncia sôbre a latinidade desta construção nem sequer aduz ex. paralelos de autores latinos, como muita vez faz),

---

[1] Ex. difícil de interpretar em vii, 47, 6. Em iv, 80, 2; viii, 74, 3 e ix, 66, 8 há um termo correlativo (*tamanhas*, *tão*).

[2] No singular, em português, *qual* tem por vezes valor conjuncional e a prova é que, embora E. D. (*loc. cit.*, o condene, pode construir-se invariável com um verbo no plural (cfr. a segunda das frases de Junqueiro transcritas na nota imediata).

frisa contudo que o emprêgo de «*qual = como*» (sem estar em correlação com «*tal*») *é um caso da linguagem literária*. E os autores em cujas obras êle colheu ex. tinham quási todos cultura humanística: João Franco Barreto, Gabriel Pereira de Castro, Garrett, Castilho, Herculano (1).

No entanto não é ponto assente o tratar-se dum latinismo.

Eis uma dificuldade: E. D. cita o seguinte ex. de *qual* sem estar em correlação com *tal*, ainda em sentido comparativo mas com o valor de *quanto*:

«ponhamlhe queente *quall* ho poder sofrer sobrela espadôa».

De quem é esta frase? Do *Livro de Alveitaria* de Mestre Geraldo, acabado de escrever em *1318* (2), de linguagem caracterizadamente arcaica e anterior ao humanismo do Renascimento.

Êste ex. é sintomático. Mais uma vez digo: *o desbravamento da selva que é ainda hoje a sintaxe do português arcaico pode trazer surpresas e restringir o âmbito dos latinismos sintácticos.*

---

(1) Todavia seria inexacto supôr que êste emprêgo de *qual* se restringiu, na língua literária, a autores do período clássico ou, pelo menos, de boa cultura humanística. Regista-se em autores mais recentes, sendo devido aí porventura às leituras dêstes. Cfr. Junqueiro:

«Do meu sangue de lástima e de horror
Cavaleiroso príncipe foi nado,
Qual nasce duma campa ebúrnea flor»;
....
«Breve expirou, *qual* expiraram breve
Dentro em mim a virtude e a candidez».
Pátria, 3.ª ed., pág. 164.

(2) Segundo J. L. de V., *Textos arcaicos*, 3.ª ed., pág. 44.

*

Orações simultâneamente relativas e conjuncionais.

Nos *Lusíadas* registam-se:

a) *Orações simultâneamente relativas e temporais:* Cfr.:

E na lingoa, *na qual, quando* imagina,
Com pouca corrupção cre que he a Latina.
I, 33, 7-8.

Logo os montes da Nimpha sepultada
Pyrene se aleuantão, *que* segundo
Antiguidades contão, *quando* arderão,
Rios de ouro, & de prata antão corrèrão.
III, 16, 5-8.

... pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apacenta.
VII, 74, 6-8.

b) *Orações simultâneamente relativas e condicionais:* Cfr.:

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual se o Ceo me dà, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.
III, 21, 1-4 [1].

Será latinismo sintáctico? Assim parece.

E. D., sem se pronunciar sôbre a latinidade da constru-

---

[1] Todos registados por E. D. De oração *simultâneamente relativa e causal* há um ex. dubitativo em II, 19, 3; a sintaxe «*que... lhe = a quem*» ocorre igualmente em I, 95, 1; se não interpretamos dêste modo, temos de aceitar num mesmo verso uma acumulação de conjunções causais.

ção, que apenas diz estar «antiquada», é o primeiro a confrontá-la com frases latinas que achara em Madvig e a mandar consultar a *Gramática latina* do mesmo.

Dentro da sintaxe latina, o assunto foi estudado por Madvig (1) e Riemann (2).

Afora os ex. que um e outro citam, colhi vários em leituras pessoais:

> «... neque ipse poeta hic tam idem ornatus in dicendo, ac plane orator fuisset, *cujus etsi* incerta sunt tempora, tamen annis multis fuit ante Romulum;»
>
> Cic. *Br.*, x, 40.

> «Sed tum fere Pericles... primus adhibuit doctrinam; *quæ quamquam* tum nulla erat dicendi, tamen ab Anaxagora physico eruditus, exercitationem mentis a reconditis abstrusisque rebus ad causas forenses popularesque facile traduxerat».
>
> Id., *ibid.*, xi.

> «Sed cum hæc magna in Antonio, tum actio singularis; *quæ si* partienda est in gestum atque vocem, gestus erat non verba exprimens, sed cum sententiis congruens».
>
> Id., *ibid.*, xxxviii, 141.

Na nossa língua literária, esta construção, hoje absolutamente insólita, regista-se em Frei Heitor Pinto, clássico contemporâneo de Camões:

> «Conta Solino que ha hi hũa fonte no Epiro, *onde se* metem hũa tocha apagada, say acesa (3)».

E na língua literária francesa, onde também hoje seria inteiramente insólita, ocorre no clássico Bossuet:

> «Il y a partout la difficulté *à laquelle si* on succombe on périt» (4).

(1) *Gramática latina*, trad. de E. D., Pôrto, 1872, § 445.
(2) *Syntaxe latine*, 7.ª ed., § 18.
(3) I, 447 (apud E. D., *Sintaxe histórica portuguesa*, pág. 5).
(4) *Second avert.* t. xv, pág. 254 da ed. Lachat. Ex. citado por Riemann (*loc. cit.*), que a propósito frisa *a inexistência desta construção no francês moderno.*

*

o qual como... (qui cum...)

Nos *Lusíadas* ocorre:

> *O qual, como* do nobre pensamento
> Daquella obrigação, que lhe ficâra
> De seus antepassados...
> ....
> *Não deixasse* de ser hum so momento
> Conquistado...
>
> *Estando* ja deitado no aureo leito
> ....
> *Os olhos lhe occupou o sonno acceito*
>
> IV, 67-68.

E. D. considerou latinismo esta construção e viu nela a revivìscência de *qui cum*.

Em leituras pessoais encontrei em latim muitos ex. semelhantes, v. g.:

> «... post (fuit) Pericles, *qui cum* floreret omni genere virtutis, hac tamen fuit laude clarissimus».
>
> Cic. *Br.*, VII, 28.

> (Rutilius). . «*Qui cum* innocentissimus in judicium vocatus esset... cum essent eo tempore eloquentissimi viri L. Crassus et M. Antonius consulares, eorum adhibere neutrum voluit».
>
> Id. *ib.*, XXX.

> (Scaevola). . «*Qui* quidem *cum* peracutus esset ad excogitandum quid in jure aut in æquo verum aut esset aut non esset, tum verbis erat ad rem cum summa brevitate mirabiliter aptus».
>
> Id. *ib.*, XXXIX, 145.

> (Aeschines)... «*Qui cum* propter ignominiam judicii cessisset Athenis et se Rhodum contulisset, rogatus a Rhodiis legisse fertur orationem illam egregiam»...
>
> Id. *De oratore*, l. III, LVI, 213.

(Themistocles)... «*Qui cum* minus esset probatus parentibus, quod et liberius vivebat et rem familiarem neglegebat, a patre exheredatus est».

C. Nepos, *Themist.*, I.

Esta construção tem de comum com a particularidade anteriormente estudada: o aparecer em ambos os casos uma oração simultâneamente relativa e conjuncional.

Diferencía-se em:

a) poder ser [1] o pronome relativo ao mesmo tempo sujeito lógico de ambas as orações, da subordinada conjuncional e da subordinante;

b) poder estar a oração relativa, — devido à independência que os pronomes relativos têm em latim, — gramaticalmente desligada do antecedente lógico (que nesse caso está no período anterior) e poder estar o pronome relativo na cabeça da frase, equivalendo quási a *et is, et id* [2].

*

Estorvar que não... (impedire ne...)

Nos *Lusíadas* ocorre a negação na oração integrante após os verbos:

a) do tipo *estorvar* (*impedire ne...*)

Pera *estoruar que* a armada *não* chegasse
Aonde pera sempre se acabasse,

II, 19, 7-8 [3].

---

[1] Nem sempre é. P. ex. em *Lus.* IV, 67-68 não é; dá-se uma espécie de prolepse anacolútica semelhante à que se regista em IV, 77.

[2] Madvig, *op. cit.*, § 448, trata dêste assunto, mas não o correlaciona com o estudo das orações simultâneamente relativas e conjuncionais.

[3] Todos estes ex. foram registados por E. D. excepto X, 64, 5-6. Note-se de passagem que o *Dicionário dos Lusíadas* de Afrânio Peixoto & Pedro A. Pinto interpreta muito mal a sintaxe dêstes passos.

Hum ministro aa solar quentura *veda*,
Que não offende & queime o Rei subido:
II, 96, 3-4.

Despois yrà com peito esforçadissimo
A *tolher que não* passe o Rey Gentio
X, 64, 5-6.

b) do tipo *temer* (*timere ne...*)

Fermosa filha minha não *temais*
Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
Nem *que ninguem* comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
II, 44, -4 (1).

c) do tipo *ser impossível*

Mas Affrica dira *ser impossibil*,
Poder *ninguem* vencer o Rei terribil.
IV, 54, 7-8.

Será latinismo?

E. D. anota o paralelismo com as construções latinas do tipo *impedire ne...*, sem todavia se pronunciar sôbre a latinidade da construção; dá até uma informação ambígua, pois diz ser tal sintaxe característica do «português antigo», sem que se saiba com exactidão o que é que êle entende por tal expressão, se é o port. arcaico, se o clássico (2).

O que é certo é que em latim clássico, do mesmo modo que em grego, se registava esta construção com os verbos

(1) Num contemporâneo de Camões, o bispo D. António Pinheiro, lê-se: «nisto sou tão recioso e próvido que *temo não ser* hum pouco aspero» (*Obras portuguezas*, do dito, Lisbòa, 1784, tôm. I, fl. 127).

(2) A mesma ambigüidade de expressão se observa no «Registo filológico» da sua edição dos *Lus.*, s. v. *grandiloco*, quando se refere à «nossa literatura *antiga*» e cita uns poucos de quinhentistas.

do tipo «*impedio*» e «*timeo*». O assunto é estudado pelos filólogos [1].

À primeira vista, é um argumento contra a latinidade renascentista desta construção o registar-se em francês a mesma distinção entre «je crains *qu'il ne vienne*» (receio que chegue) e «je crains *qu'il ne vienne pas*» (receio que não chegue) [2].

Mas as investigações de Riemann, o brilhante e estudioso discípulo de Benoist que a morte arrebatou tão novo à filologia clássica, esclarecem a evolução destas orações integrantes em latim e corroboram indirectamente a hipótese de ser «*estorvar que não...*» latinismo sintáctico. Eis em resumo as suas conclusões:

a) em latim clássico registava-se a já conhecida construção *timere ne*, *impedire ne* com orações integrantes de conteúdo afirmativo (afirmativo, pelo menos, em relação à nossa mentalidade).

b) *na língua familiar do próprio período clássico* já se registava *non timere ut* em vez de *non timere ne*. (ex. em Horácio e Tito Lívio) [3]; — paralelamente *prohibere ut*, em vez da construção ciceroniana *prohibere ne*, aparece mais tarde na passagem do III para o IV século da era cristã [4].

c) no latim popular posterior chegou-se mesmo à construção «*non debetis timere quod*», registada em S. Jerónimo (331-420) [5].

---

(1) Cfr. Madvig, *op. cit.*, §§ 375 *a*) e 378; Riemann, *op. cit.*, §§ 188-189; P. Crouzet, *op. cit.*, §§ 182-183.

(2) Segundo Riemann dá a entender (*op. cit.*, pág. 354, nota 3), esta construção é moderna, pois, segundo êle, em francês antigamente também se dizia como em português «je crains que cela se fasse». Mas terá origem erudita a actual construção? Será *reviviscência clássica?* Êle parece antes atribuir a negação supérflua a uma contaminação sintáctica

(3) Cfr. Riemann, *op. cit.*, § 188, obs. III.

(4) Idem, *op. cit.*, pág. 355, nota 1.

(5) Idem, *op. cit.*, pág. 354, nota 2.

Temos assim a génese da nossa construção popular *temer que*..., também existente no francês arcaico. E assim a construção que se regista nos *Lus.* aparece como uma revivescência provável da sintaxe clássica.

*

Já... quando... (*jam... cum...*)

Ligando um acontecimento a um momento e estado anteriormente indicados, registam-se nos *Lusíadas* as construções:

a) *já. . quando ..* [1].

> *Ia* no largo Occeano nauegauão,
> ....
> *Quando* os Deoses no Olimpo luminoso,
> ....
> Se ajuntão em consilio glorioso:
>
> I, 19-20.

> *Ia* o rayo Apolineo visitaua,
> Os Montes Nabatheos acendido,
> *Quando* Gama cos seus determinaua,
> De vir por agoa a terra apercebido;
>
> I, 84, 1-4.

> *Ia* se hia o Sol ardente recolhendo,
> Pera a casa de Thetis,...
> ....
> *Quando* o poder do Mauro grande & horẽdo
> Foi pelos fortes Reis desbaratado,
>
> III, 115.

> Porem *ja* cinco Soes erão passados
> Que dali nos partiramos, ..
> ....

[1] Simultaneidade nos factos, anterioridade na expressão.

Quando hũa noite...
....
Hũa nuuem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.
v, 37.

... mas vagando
Andaua a fama *ja* pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, *quando*
O Rei saber mandaua da verdade,
VII, 42, 1-4.

Mas *ja* a luz se mostraua duuidosa,
....
Quando o Gentio, & a gente generosa,
Dos Naires, da nao forte se partia
VIII. 44.

Mas *ja* o claro amador da Larissea
Adultera, inclinaua os animais,
La pera o grande lago...
....
Quando as fermosas Ninfas...
X, 12.

b) *não erão... quando...* (1)

Não erão ancorados, *quando* a gente
Estranha, polas cordas ja subia,
I, 49, 1-2.

Não erão os traquetes bem tomados,
Quando dà a grande & subita procella,
VI, 71, 1-2.

c) *não passa... quando...*

Não passa muito tempo, *quando* o forte
Principe, em Guimarães esta cercado,
III, 35, 1-2.

---

(1) Não — simultaneidade nos factos. O facto ocorrido anteriormente é enunciado em último lugar; o outro facto não sabemos mesmo se se chega a consumar.

d) *não acabava... quando...*

> *Não acabaua, quando* hũa figura
> Se nos mostra no ar, robusta & valida,
>
> v, 39, 1-2.

e) *não andão... que...*

> *Não andão* muito *que* no erguido cume
> Se acharão,...
>
> x, 77, 1-2 (1).

E. D. registou esta construção como correspondente ao latim *jam... cum...*, sem contudo se pronunciar sôbre a sua latinidade (2).

Será latinismo sintáctico?

Há vários argumentos pró:

1.º) o ocorrer freqüentemente esta construção em latim clássico, com várias alternativas (*jam... cum...; vix... cum...;* etc.) (3).

2.º) o ocorrer esta construção num passo de Vergílio imitado por Camões em *Lus.* I, 19-20 (passo em que ocorre a construção *já... quando...*):

> *Vix* e conspectu Siculæ telluris in altum
> Vela dabant læti et spumas salis ære ruebant,
> *Cum* Juno, æternum servans sub pectore vulnus,
> Hæc secum:...
>
> Verg. *En.*, I, 34-37 (4).

3.º) o reaparecer esta construção no latim dos humanistas do Renascimento:

«*Nondum* orbis adoraverat Romam, *nondum* Oceanus deces-

(1) E. D. correlaciona e com razão a sintaxe dêste passo com a de I, 49, 1.

(2) Comentário a *Lus.*, I, 20.

(3) Dentro da sintaxe latina o assunto é estudado por Madvig, *op. cit.*, § 358, obs. 1.ª, e Riemann, *op. cit.*, § 220.

(4) A imitação é patente: num e noutro poema abre aqui a narração a meio da viagem.

serat Tibri, *cum* ad oram Siciliæ, qua fluvius Gelas maria subit, ingentis speciei juvenem peregrina navis exposuit».

Barclay, *Argenis* (1).

Latinismo sintáctico? Tudo o faz crer. Todavia, sem que isto seja um argumento decisivo contra essa hipótese, regista-se esta mesma sintaxe na narração do naufrágio do Sepúlveda que vem na *História tragicò-marítima*:

«O traquete da proa *não era* ainda acabado de tomar *quando* se a nao atravessou» (2).

*

Não de outra sorte... que... (*non aliter... quam...*)

Nos *Lusíadas* lê-se:

> *Não de outra sorte* a timida María
> Fallando está, *que* a triste Venus, quando
> A Iupiter seu pay fauor pedia,
> Pera Eneas seu filho, nauegando,
>
> III, 106, 1-4.

E. D. notou neste passo a correspondência com *non aliter... quam.*

SECÇÃO III

Da colocação

Prolepse pròpriamente dita.

(*transposição do sujeito ou complemento directo da oração integrante primitiva para complemento directo da oração subordinante*).

---

(1) Jo. Barclaii, *Argenis*, Amsterdam, 1671, (edição elzeviriana), pág. 23. Escrito em *1621*, é meio século posterior aos *Lusíadas*, mas vale no entanto como documento de ambiência.

(2) *História tragicò-marítima*, ed. de 1904, vol. I, pág. 18. Esta frase é parecidíssima com a que se regista em *Lus.* VI, 71, 1-2.

Nos *Lusiadas* ocorre:

a) a transposição *do sujeito* da oração integrante para complemento directo da oração subordinante em — 8 ex.:

Vereis *a terra que a agoa lhe tolhia,*
Que inda ha de ser hum porto muy decente,
II, 48, 1-2 [1]

Vereis *a inexpugnabil Dio forte,*
Que dous cercos terà, dos vossos sendo.
II, 50, 1-2 [2].

Não menos nesta terra esprimentara
Namorados affeitos, quando nella
A filha viò, que tanto o peito doma
Do forte Rey, que por molher a toma.
VI, 47, 5-8 [3].

Olha *hum Mestre* que deçe de Castella,
Portugues de nação, como conquista
A terra dos Algarues,...
VIII, 25, 1-3.

Não *no* ves tinto de yra, que reprende
A vil desconfiança inerte & lenta
VIII, 28, 5-6 [4].

... quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperaua
Na praia cos bateis, como ordenara:
VIII, 88, 2-4 [5].

---

(1) Nos ex. dêste tipo a oração *lògicamente integrante,* pela prolepse, passa a ser *gramaticalmente relativa,* o que não acontece nos outros ex. em que já não há a ambigüidade do «*que*» (pronome relativo e conjunção integrante).

(2) Idem.

(3) Idem.

(4) Idem.

(5) Já registado por J. M. R.

Olha *as casas dos negros,* como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos
x, 94, 1-2.

Mas ve *a ilha Gerum,* como descobre
O que fazem do tempo os interualos,
x, 103, 5-6 (1).

b) a transposição *do complemento directo* da oração integrante para a subordinante.

Só registei 2 ex.:

Qual parida Lioa fera & braua
Que *os filhos* que no ninho sôs estão
Sentio, *que* em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massilia lh*os* furtara.
iv, 36, 5-8 (2).

Por ver *o preço,* que no Ceo perdi,
vi, 34, 3 (3).

Estamos ou não em presença de um latinismo?

Assim parece, pois, por um lado, a prolepse é por assim

(1) E. D., que não emprega uma única vez o termo *prolepse*, regista em alguns dêstes ex. (ii, 48; 50; vi, 47; viii, 28) o corresponder a oração *relativa* a um infinitivo, o que também é certo, (pode corresponder a uma oração integrante conjuncional ou a uma integrante infinitiva). Segundo êle, há a mesma particularidade sintáctica em ix, 26, 1-4; em meu fraco entender, trata-se aí porém duma vulgar oração consecutiva, pois doutro modo fica sem explicação o «*tam* austero» do v. 1.

(2) Sintaxe bem complicada a dêstes versos. À primeira vista parece que a oração introduzida pelo «que» do 7.º v., a qual normalmente seria integrante, se transformou pela prolepse em relativa, como acontece em ii, 48; 50; vi, 47; viii, 28. Mas tal não deve acontecer, visto que *os filhos,* que seria nesse caso o antecedente do «que» do 7.º v., está representado por «os» (lh*os*) do oitavo verso nessa tal oração introduzida pelo «que» e difícil de caracterizar. Nesse caso a oração continúa integrante? Mas então o vb. «sentio» tem dois compl. directos: «os filhos» e a oração «integrante». Em qualquer das hipóteses há, em relação à língua de hoje, pelo menos, uma anomalia sintáctica.

(3) Já registado por J. M. R.

dizer inusitada na nossa língua de hoje, mesmo na literária [1], e, por outro lado, ela é freqüente em latim.

Dentro da sintaxe latina o assunto é tratado por Riemann [2] e Laurand [3].

Em grego a prolepse ainda era mais freqüente do que em latim, cfr. v. g.:

οὐχ ὁρᾷς τούτους τοὺς συκοφάντας, ὡς εὐτελεῖς (εἰσιν)...;

Platão, *Criton*, c. IV.

πόλιν μέν, εἰ καί μὴ βλέπεις, φρονεῖς δ'ὅμως,
οἵᾳ νόσῳ ξύνεστιν...

Sófocles, *Rei Edipo*, vv. 302-303 [4].

πρῶτον μὲν εἰπὲ παῖδ(α). .
....
εἰ ζῇ·

Eurípides, *Hécuba*, vv. 986-988.

Todavia, os filólogos autorizados (v. g. Riemann, Laurand, *loc. cit.*) não consideram a prolepse dentro da sintaxe latina como um helenismo; dizem mesmo que ela é característica do *estilo familiar* [5].

---

(1) No entanto registam-sa na conversação familiar frases como esta: «Diga-me *as hòras* que são» (= diga-me que horas são).

(2) *Op. cit.*, § 174, obs. II. Não emprega o termo *prolepse* e atribui com razão o fenómeno à facilidade que o latim tinha em isolar numa determinada oração membros de outra. (Adiante veremos outros fenómenos resultantes dessa modalidade da língua latina).

(3) *Manuel des études grecques et latines*, Paris, 1921, tom. VI. (*Grammaire historique latine*), § 410.

(4) A prolepse é freqüente nesta peça de Sófocles; cfr. vv. 14-16, 842-843, 926, 1172.

(5) Ficou dito atrás que a prolepse é inusitada na nossa língua de hoje, mesmo na literária Todavia, também nesta matéria, o desbravamento da nossa sintaxe arcaica pode trazer surpresas. A prolepse aparece em espanhol, no século XVI, na língua de Santa Teresa; v. g.: «holgábamo de oir*la* cuán bien hablaba de Dios.. »; «... era de tan livianos tratos que mi madre *la* habia mucho procurado desviar que tratase en casa». (*Vida de Santa Teresa*, pela mesma, c. II e III).

Prolepse do sujeito ou dum complemento da oração integrante para a subordinante sob a forma de complemento introduzido pela preposição «de»

Nos *Lusíadas* ocorre:

1) a prolepse *do sujeito*

a) após um verbo *sensitivo:*

> E sabe mais, lhe diz, como entendido
> Tenho *destes Christãos sanguinolentos,*
> Que quasi todo o mar tem destruido,
> I, 79, 1-3 (1).

> Saber *da gente estranha* donde vinha
> Que costumes, que lei, que terra tinha.
> VII, 66, 7-8 (2).

> Cores *de quem* a vista julga, & sente,
> Que não erão das rosas, ou das flores,
> IX, 68, 3-4 (3).

b) após um verbo *declarativo:*

> Mas proseguindo a Nimpha o longo canto,
> *De Soarez* cantaua, que as bandeiras
> Faria tremolar,...
> X, 50, 1-3.

c) após o verbo «*ordenar*»

> Porque *de vossas agoas* Phebo ordene,
> Que não tenhão enueja aas de Hypocrene.
> I, 4, 7-8 (4).

---

(1) Registado por E. D.

(2) Registado por E. D. Com efeito não é «*scire ex aliquo*» pois o Catual vai pedir informações a Monçaide e não à «gente estranha» (i. é. os Portugueses). «*Scire ex aliquo*» ocorre em VII, 2-3.

(3) Registado por E. D. Há ainda um exemplo dubitativo em VII, 67, 7: pode tratar-se duma prolepse dêste género, mas por outro lado é possível que seja uma interrogação anacolútica.

(4) Registado por E. D.

2) a prolepse *dum complemento* (após um verbo *declarativo*)

> O que entre meus antigos he vulgado
> *Delles*, he que o valor sanguinolento
> Das armas, no seu braço resplandeçe,
>
> VII, 69, 5-7 [1].

É latinismo?

E. D. [2] regista esta sintaxe como «vulgar nos escritores *antigos*» (de novo êste termo equívoco), cita um ex. análogo colhido em Frei Luís de Sousa [3] e chama ao fenómeno «a *continuação* duma sintaxe que se encontra também em latim», (outro termo equívoco: quererá êle dizer *reviviscência erudita* ou, pelo contrário, *perduração através da língua popular?*)

Por enquanto faltam dados para resolver cabalmente o problema. No entanto creio tratar-se dum latinismo sintáctico e não vejo nenhum argumento contra.

Dentro da sintaxe latina o assunto é tratado com desenvolvimento por Madvig [4].

Em grego ocorre o mesmo fenómeno, embora com variantes:

a) prolepse do *sujeito* da oração integrante:

> Καὶ τῶν παρ' ἑαυτῷ δὲ βαρβάρων (Κῦρος) ἐπεμελεῖτο ὡς πολεμεῖν τε ἱκανοὶ εἴησαν καὶ εὐνοϊκῶς ἔχοιεν αὐτῷ.
>
> Xenof., *Anábase*, I, I, 5 [5].

---

(1) Registado por E. D. A partícula de realce desfigura aparentemente a sintaxe desta frase.

(2) No com. a I, 4, 7-8. Cfr. também *Sintaxe histórica portuguesa*, § 416.

(3) «*De muitos santos* lemos que o foram ainda no berço» (*Vida do Arcebispo*, I, I).

(4) *Gramática latina*, § 395, obs. 7.ª

(5) Nêste ex. a prolepse existe, mas o sujeito deslocado está *no genitivo sem preposição*.

b) prolepse do *complemento directo* da oração integrante:

> Τέκνα μὲν οὖν ἤν θεός ποτε διδῷ ἡμῖν γενέσθαι, τότε βουλευσόμεθα περὶ αὐτῶν ὅπως ὅτι βέλτιστα παιδεύσομεν αὐτά.
>
> Id., *Económico*, cap. VI [1].

Todavia não suponho tratar-se dum helenismo da sintaxe latina, visto que o latim tinha de per si, como acentua Riemann [2], uma grande facilidade em deslocar elementos duma oração e isolá-los noutra.

*

Transposição de adjectivos da oração subordinante para a subordinada relativa.

Ocorre nos *Lusíadas*, cfr.:

> . . . quando aleuantarão
> Hum, por seu capitão, que *peregrino*
> Fingio na Cerua espirito diuino.
>
> I, 26, 6-8.

> . . . & o Mar, que *fero & horrendo*
> Vio dos Gregos o yrado senhorio:
>
> III, 7, 5-6.

> Qual roxa Sanguesuga se veria
> Nos beiços da alimaria (que *imprudente*,
> Bebendo a recolheo na fonte fria)
>
> V, 21, 1-3.

> Neste terreno meu, que *duro & yrado*,
> Os deixarâ dhum crú naufragio viuos
> Pera verem trabalhos eccessiuos.
>
> V, 46, 6-8.

---

(1) Êste exemplo está mais próximo dos do latim e do português (περί = *de*); no entanto, como em *Lus.* IV, 36, 5-8, o complemento directo deslocado pela prolepse reaparece na oração integrante a que lògicamente pertence.

(2) *Op. cit.*, § 174, obs. II.

Hum successo que *triste & negro* vejo,
x, 37, 4

Este orbe que *primeiro* vay cercando
x, 81, 1.

É latinismo sintáctico. E. D., que regista todos estes ex. (1), excepto v, 21, 1-3 e 46, 6-8, escreve no comentário a x, 81, 1: «*primeiro*» está posto, *à latina*, na oração relativa».

Achei em latim, numa leitura pessoal, um ex. idêntico:

«... ut si ego me a M. Tullio esse dicerem, qui *patricius* cum Servio Sulpicio consule anno X post exactos reges fuit».
Cic. *Br.* XVI.

*

«o» apôsto explicativo — condensando uma oração infinitiva expressa na seqüência.

Nos *Lusíadas* ocorre:

Eu *o* vi certamente (& não presumo
Que a vista me enganaua) *leuantarse,*
No ar hum vaporzinho & sutil fumo
E do vento trazido, rodearse:
v, 19, 1-4.

E. D. registou nêste passo uma sintaxe correspondente à que ocorria em latim em frases como esta *Illud* negare potes, *te de re judicata judicasse?*» (Cic. *Verr.*, 2).

Em latim esta particularidade é corrente *na linguagem*

(1) Vê igualmente esta espécie de transposição em v, 60, 7-8 (onde, como atrás disse, vejo uma revivescência do particípio futuro activo); VII, 26, 3-4; 46, 4; (onde ela realmente se verifica, mas com outras determinações).

de Cícero: todos os ex. de Madvig são ciceronianos e colhi outros, também de Cícero, em leituras pessoais:

> «... *Id* vero desinant dicere, qui subtiliter dicant, *eos solos Attice dicere*...»
>
> Cic., *De opt. gen. orat.*, IV, 12.

> «Laudare igitur eloquentiam... neque propositum est nobis hoc loco neque necessarium. *Hoc* vero sine ulla dubitatione confirmaverim, sive illa arte pariatur aliqua, sive exercitatione quadam, sive natura ipsa, *rem unam esse omnium difficillimam*».
>
> Cic. *Br.* VI, 25.

Dentro da sintaxe latina, o assunto é tratado por Madvig (1) e Beauchot (2).

CASOS DUBITATIVOS

Nome + participio = nome + genitivo objectivo

Camões escreve:

> Ia na cidade Beja vay tomar,
> Vingança de *Trancoso destruida*,
>
> III, 64, 1-2.

(= vingança da *destruição de Trancoso*)

> Por isso Lianor, que o sentimento
> *Do morto Conde* ao mundo descobrio,
>
> IV, 6, 5-6.

(1) *Op. cit.*, § 395, obs. 6.ª
(2) *Cicéron — Oeuvres choisies*, 7.ª ed., «Notes grammaticales», § 230.

(= o sentimento provocado pelo *assassinato do Conde*)

> Encobrem no profundo peito a dor
> Da morte, *da fazenda despendida*,
>
> IV, 43, 5-6 [1].

(= a dor causada pelo *dispêndio dos bens*)

Será latinismo?

À primeira vista assim parece, pois há fortes argumentos pró:

1.º) Por um lado, esta particularidade é freqüentíssima em latim, ocorrendo em muitos autores; pela minha parte, em leituras pessoais, registei ex. em Vergílio, Horácio, Ovídio, Cícero, Tito-Lívio, Tácito [2]:

> «Sanguine placastis ventos et *virgine cæsa*,
>
> Verg. *En.* II, 116.

> «Dic mihi, Musa, virum, *captae* post tempora *Trojae*
> Qui mores hominum multorum vidit et urbes».
>
> Hor. *Epist. ad Pisones*, 141-142.

> *cæso genitore* infamis
>
> Ovídio [3].

> «Angebant ingentis spiritus virum *Sicilia Sardiniaque amissae:*»
>
> T. Livio *Histor.*, l. XXI, c. I.

> ... «*recuperatæ provinciæ* gloria in ducem cessit».
>
> Tácito, *Agricola*, c. V.

---

(1) Todos estes ex. foram registados por E. D.

(2) Madvig cita ainda ex. de Salústio e de Quinto Cúrcio. No entanto Riemann põe a seguinte restrição: «Cet emploi du participe, soit avec un substantif, soit au neutre sans substantif, *n'est pas absolument étranger à Cicéron; mais Tite-Live va beaucoup plus loin que lui* et fait de cette construction un usage à la fois bien plus fréquent et plus hardi» (*Remarques sur la langue de Tite-Live*, § 105).

(3) Apud Quicherat, s. v. «infamis».

cfr. ainda as expressões correntes *ab Urbe condita*, *post Romam conditam* (esta última ocorre em Cic. *Br.*, XVIII) (¹).

2.º) Por outro lado, esta construção, hoje por assim dizer inusitada, é freqüente em português clássico, exactamente no período da neò-latinização da língua; cfr. os títulos de vários livros: «*Malaca conquistada*», «*Lisboa edificada*», «*Lusitania transformada*», «*História de Santarem edificada*».

Todavia, depois de ter considerado durante anos esta construção como um autêntico latinismo e depois de ter colhido pacientemente ex. em vários autores, uma dúvida me surgiu no espírito e foi-me ela sugerida pela leitura do parágrafo da «Sintaxe histórica portuguesa» em que E. D. trata dêste assunto (²).

(¹) Dentro da sintaxe latina, o assunto é tratado por Madvig, *op. cit.*, § 426; Riemann, *Remarques sur langue de Tite-Live*, § 105; Crouzet, *Grammaire latine simple et complète*, 19.ª ed., pág. 122. Madvig observa e com razão que «em latim esta forma se usa principalmente *quando não existe o substantivo verbal correspondente*, como acontece com os verbos *condere, interficere, amittere, nasci*». Riemann foca a plasticidade desta construção na língua de Tito-Lívio: podia ter lugar não sòmente com o particípio pretérito passivo mas também com o particípio futuro activo e com o gerundivo; podia o particípio determinar um substantivo e concordar com êle, mas podia igualmente empregar-se na forma neutra substantivada. Por seu turno Crouzet dá a interessante informação de ter existido esta construção em francês *clássico*, cfr. Lafontaine: «*Mon voyagé dépeint* vous sera d'un plaisir extrême.» — Em grego também existira; cfr.:

> Καὶ ἐπὶ τοῖς ἔνδον δὲ ἐξυφαινομένοις κηρίοις (ἡ τῶν μελισσῶν ἡγεμὼν) ἐφέστηκεν, ὡς καλῶς καὶ ταχέως ὑφαίνηται...
>
> Xenof., *Económico*, c. VII.

(preside *aos favos fabricados* = preside *à fabricação dos favos*).

(²) *Op. cit.*, § 319, obs. 2.ª.

Com efeito, ao dizer que «*não é vulgar* o emprêgo dum participio passivo concordado com um substantivo em vez do nome da acção correspondente ao particípio seguido da preposição *de* com o dito substantivo», E. D. cita um ex. que parece *popular:* de *sol nado* a *sol posto* (do nascer ao pôr do sol).

O povo diz: «trabalhar de sol a sol». Mas não dirá também: «trabalhar de sol nado a sol posto»? Ou será esta expressão uma tradução vulgarizada do latim «*ab orto* (*solē*) usque ad occidentem solem», que aparece v. g. em Tito Lívio (¹)? Não creio.

Mais uma incógnita que o desbravamento da nossa sintaxe arçaica poderá porventura decifrar.

*

Vestígios possíveis da oração relativa final.

Sob êste aspecto de determinar o grau de latinidade da sintaxe dos *Lusíadas*, êste foi decerto um dos casos mais complexos que se me depararam.

No poema ocorre a construção *que* + *conjuntivo* em orações *finais* nos seguintes passos:

> *Manda* mais hum na pratica elegante,
> *Que* co Rei nobre as pazes *concertasse*,
> E *que* de não sair naquelle instante,
> De suas naos em terra o desculpasse.
>
> II, 78, 1-4 (²).

(¹) *Histor.*, l. XXII, c. VII.

(²) «desculpar = desobrigar alguem da culpa fazendo a sua apologia» (Moraes, s. v.) Com o sentido mais usual, «*desculpasse*» não poderia ter o mesmo sujeito que «concertasse» na oração similar a que a sua está coordenada. (O sujeito de *concertasse* seria *o mensageiro* e o de *desculpasse* teria então de ser *o rei*).

Iulgando ja Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo *manda*
Tritão, *que chame* os Deoses da agoa fria,

vi, 16, 1-3.

E se agrauadas damas sois seruidas,
Por vos lhe *mandarei* embaixadores,
Que por cartas discretas & polidas,
De vosso agrauo os *fação* sabedores:

vi, 49, 2-4.

Vão a buscar, & *mandam* a diante,
Que celebrando *va* com tuba clara,

ix, 45, 1-2 (1).

Do mesmo modo ocorre *onde* + *conjuntivo* em orações relativas finais (ou consecutivas) em vii, 25, 8; x, 41, 6.

Será latinismo?

Há argumentos pró:

1) Em latim havia as orações relativas finais com o verbo no conjuntivo, tipo *misit legatos qui pacem peterent* (2).

2) Por outro lado, no português clássico do período da neò-latinização da língua regista-se esta mesma construção em frases que para o falar de hoje têem qualquer cousa de insólito, cfr.:

«Vasco da Gama *mandou* algũs creados seus *que* ho *leuassẽ* as costas».

Castanheda, l. 1, c. 18 (3).

---

(1) Em todos estes ex. a construção «*que* + *conjuntivo*» ocorre após o verbo «*mandar*»; (cfr. «*mittere*» em latim). Em iii, 26, 7 e x, 2, 6, o «que» pode ser final ou consecutivo.

(2) Cfr Madvig, *op. cit.*, § 363 *a*); Riemann, *Syntaxe latine*, § 223; Crouzet, *op. cit.*, § 176.

(3) Apud J. M. R., comentário à *Lus.* vi, 18, 8.

«*Chamou* o mestre dos noviços e alguns padres outros *que* o *examinassem* na latinidade».

Fr. Luís de Sousa [1].

Mas não faltam argumentos contra.

A) Em primeiro lugar, o mestre da «Sintaxe histórica portuguesa», — cuja autoridade, se não deve de forma alguma ser incondicionalmente aceite, também não é para desprezar, mercê da sua penetração filológica e dos materiais amontoados pelas suas investigações, — considerou as orações *relativas finais* dentro dum conjunto que denominou «as orações relativas que exprimem uma simples concepção e que têem o verbo no conjuntivo» [2].

E dentro dessa categoria, para êle normal na língua, E. D. registou formas nìtidamente populares como a perífrase «quem quer que seja».

B) Mas há outro argumento mais forte que, se não destroi pela base, pelo menos vem abalar fortemente tudo o que atrás ficou dito, porque permite novas interpretações sintácticas. É êste: dentro da língua popular *«que» pode ser ou não conjunção final?*

A «Sintaxe histórica portuguesa» [3] não inclui «que» entre as conjunções finais da nossa língua e apenas prevê um caso especialíssimo em que a oração de *que* é final [4].

Todavia o próprio E. D., na sua edição dos *Lusíadas*, chama *ipsis verbis* «conjunção final» a *que* em vários passos (II, 81, 7; III, 2, 3; VII, 36, 2). Por seu turno J. M. R. vê

---

(1) *Vida do Arcebispo*, l. I, cap. II, (pág. 14 da edição da «Antologia portuguesa»).

(2) E. D., *Sintaxe histórica portuguesa*, § 274 *a*). Todavia quási todos os ex. citados são de orações relativas *consecutivas*.

(3) E. D., *Sintaxe histórica portuguesa*, § 387 *a*).

(4) *Ibidem*, § 387 *b*).

um «*que=para que*» em v, 92, 3. Penso que se deve interpretar do mesmo modo a sintaxe de vi, 27, 4; 35, 6-7; vii, 58, 8; ix, 23, 7-8. Regista-se ainda um ex. típico de «que», conjunção final, em Castanheda, i, 79 (1).

Evidentemente esta nova hipótese vem permitir dar uma nova interpretação à sintaxe de todos os passos atrás mencionados como ex. dum possível latinismo.

Como resolver a incógnita? Mais uma vez repito: o desbravamento da nossa sintaxe arcaica poderá trazer a solução, que não suponho favorável à hipótese dum latinismo.

(1) Transcrito por E. D. no comentário a viii, 52, 5-8.

PARTE IV

Semântica

Ao falar-se em latinismos *semânticos* dos *Lusíadas* uma distinção ocorre logo ao espírito: há no poema por um lado *latinismos semânticos pròpriamente ditos* e por outro *latinismos lexicais em que é o aspecto semântico que mais interessa;* por outras palavras, vocábulos populares que no Renascimento readquiriram tal sentido, hoje insólito, que tinham tido outrora em latim clássico (v. g. *idade = vida*, cfr. lat. *ætas*, *claro = ilustre*, cfr. lat. *clarus*); e vocábulos literários, — porque alheios às leis fonéticas da língua, — portanto latinismos lexicais, — embora provàvelmente anteriores a Camões, — em que o que mais interessa é tal sentido alatinado que então tiveram e hoje ou já não têm ou só excepcionalmente terão (v. g. *ministro = pessoa que está às ordens de outro*, cfr. lat. *minister; generoso = nobre,* cfr. lat. *generosus*).

Feita esta grande divisão, impõe-se uma sub-divisão de ambos estes grupos de latinismos semânticos em substantivos, adjectivos e verbos. E assim chegamos ao seguinte esquema:

Latinismos semânticos dos *Lusíadas*	I — Latinismos semânticos pròpriamente ditos.	1. Substantivos. 2. Adjectivos. 3. Verbos.
	II — Latinismos lexicais em que o que interessa é o aspecto semântico.	1. Substantivos. 2. Adjectivos e advérbios. 3. Verbos.

I — Latinismos semânticos pròpriamente ditos

1) Substantivos:

Conselho = *resolução, designio* (*consilium*).

Ocorre nos *Lusíadas*:

> Assi o quis o *conselho* alto celeste,
> III, 73, 7.

> Por isso vos ò Rey, que por diuino
> *Conselho* estais no regio solio posto,
> X, 146, 5-6.

E. D., que interpreta III, 73, 7 no sentido de «resolução, vontade derivada duma resolução», regista como latinismo X, 146, 6, onde o vocábulo tem significado idêntico, mas restringe-o aí ao sentido de «providência divina».

No francês clássico do século XVII, *conseil* teve significado idêntico na língua de Bossuet, v. g.:

> «Dieu qui rapporte tous ses *conseils* à la conservation de sa sainte Eglise...».
> «C'était le *conseil* de Dieu d'instruire les rois à ne point quitter son Eglise...» (1).

*

Fins = *confins, território* (*fines*).

> La pera o grande lago, que rodea
> Temistitão, nos *fins* Occidentais:
> X, 1, 3-4.

> Mas ja chegado aos *fins* Orientais,
> X, 13, 1 (2).

(1) Oração fúnebre de Henriqueta de França, rainha de Inglaterra, *passim*; cfr. Bossuet, *Oraisons funèbres*, ed. Flammarion, págs. 10 e 26.
(2) E. D.

Temos a reviviscência do latim *fines*, freqüentíssimo v. g. no *De bello gallico*.

Moraes regista o plural «*fins*» com êste sentido em João Franco Barreto.

*

Idade = vida (ætas)

Nos *Lusíadas* ocorre:

E la vos tem lugar no fim da *idade*,
I, 17, 7 (¹).

Quando chegado ao fim de sua *idade*,
....
O spirito deu, a quem lho tinha dado:
III, 28, 1-4.

Do trabalho, que incurta a breve *idade*:
IX, 20, 4 (²).

cfr. em latim clássico:

«... quo tempore *ætas* nostra perfuncta rebus amplissimis, tamquam in portum confugere deberet, non inertiæ neque desidiæ, sed otii moderati atque honesti;»
Cic. *Br.* II.

«... annis, quibus juvenes ad senectutem, senes prope ad ipsos exactæ *ætatis* terminos per silentium venimus».
Tac. *Agricola*, III.

Em port. clássico, M. cita um ex. análogo em Vieira:

«mininos, moços, velhos, todos ali enchem a sua *idade*».

(¹) Registado por E. D. Todavia não diz pròpriamente que se trata dum latinismo.

(²) Idem.

*

Infante = *criancinha (infans)*

> Consigo traz o filho, bello *Infante*,
>
> VI, 23, 3 (1).

Quanto à curiosa evolução semântica de *infans* em latim (1. o que não fala, mudo; 2. a criança, porque ainda não fala; 3. o orador «pato mudo», porque não junta duas palavras), cfr. Quich., s. v.

Infante perdura com êste sentido na língua literária, cfr.:

> Lisa estrada que andei débil *infante*
>
> T. Ribeiro (2).

E o substantivo afim *infância* generalizou-se na língua culta.

*

Louvor = *glória, mérito (laus)*
(o que dá motivo para louvar)

> Que celebrando va com tuba clara
> Os *louuores* da gente nauegante,
>
> IX, 45, 2-3.

cfr. *laus* em latim clássico:

> «Pericles, qui cum omni genere virtutis floreret, hac tamen fuit *laude* clarissimus».
>
> Cic. *Br.* VII, 28.

Quich. cita êste mesmo passo para exemplificar o sentido que *laus* tem de «mérite, actions d'éclat». M. é que não regista êste sentido, aqui evidente, da nossa palavra «louvor».

---

(1) E. D. regista o sentido, sem se pronunciar sôbre a sua latinidade.

(2) *D. Jayme*, 11.ª ed., pág. 3.

*

Luz = dia (lux)

> Porem como a *luz* crastina chegada,
> Ao mundo for,
>
> II, 88, 1-2 [1].

> Na *luz* que sempre celebrada & dina
> Sera da Egipcia sancta Caterina.
>
> X, 43, 7-8 [2].

Já F. e S. notara no com. a II, 88 a imitação de «Crastina *lux*» (Verg. *En.* X, 244).

Cfr. também:

> Romulus obsequitur, *lucemque* Remuria dixit
> Illam, qua positis justa feruntur avis.
>
> Ov. *Fast.* V, 479-480.

*

Menores = descendentes (minores)

(adjectivo substantivado)

> Escuros deixão sempre seus *menores*,
> Com lhe deixar descansos corrutores.
>
> VIII, 40, 7-8.

E. D. registou êste latinismo. Cfr. o passo de Vergílio pôr êle citado (*En.* I, 733).

---

(1) Em VIII, 80, 3-4 ocorre: «*a luz crastina do dia futuro*» (pleonasmo provável).

(2) Registado por E. D. e M.

*

Milagre = maravilha (miraculum)

Tão grande era de membros, que bem possò
Certificarte, que este era o segundo
De Rodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete *milagres* foy do mundo:
v, 40, 1-4 [1].

Cfr. em latim o sentido etimológico que tinha *miraculum*, v. g. na expressão «hoc mihi est *miraculo* = isto maravilha-me» (v. Quich. s. v.).

Perdura com êste sentido lato na língua literária, cfr.: «*Milagre* da natura» (G. Crespo, *Miniaturas*) [2].

*

Noite = sombras da morte, morte (nox)

Porem despois que *a escura noite eterna*,
Affonso apousentou no Ceo sereno,
IV, 60, 1-2.

Provàvelmente êste latinismo semântico foi também haurido em Vergílio. Já F. e S. registara *nox* com êste sentido na *En.* x, 746, onde se lê: *in æternam... noctem*. Registei por outro lado, *nox atra* com êste mesmo sentido na *En.* VI, 866.

*

Parentes = pais

Porem como a esta terra entam viessem,
De la do seyo Arabico outras gentes,

---

(1) Registado por E. D.
(2) 6.ª ed., pág. 140.

Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirão meus *parentes*,

vii, 33, 1-4 (1).

cfr. Quich. s. v. (regista o vocábulo com êste sentido em Cic. e Verg.)

*

Partes = partido, causa.

Mas Marte que da Deosa sustentaua,
Entre todos *as partes* em porfia,

i, 36, 1-2 (2).

E que se ouuer alguem com lança & espada
Que queira sustentar *a parte* sua,

vi, 45, 1-2 (3).

Cfr. em latim:

«Igitur ad sollemnia pietatis profectus Agricola nuntio affectati a Vespasiano imperii deprehensus ac statim in *partes* transgressus est».

Tácito, *Agricola*, vii.

*

Partes = regiões

Que nunca veja *as partes do Oriente*:

i, 76, 4.

Pelos illustres feitos que esta gente,
Ha de fazer nas *partes do Oriente*.

ii, 44, 7-8.

Em que tres reis das *partes do Oriente*,

v, 68, 2.

E. D. (com. a i, 76, 4) viu nesta expressão a tradução literal da expressão ciceroniana *Orientis partes*.

(1) Registado por E. D.
(2) Idem.
(3) Idem.

Quanto ao singular «*pars*» com sentido idêntico, cfr.:

> «dum Intimilios (Liguriæ *pars* est) hostiliter populatur...»
>
> Tac. *Agricola*, VII.

*

Seio = gôlfo, sinuosidade (sinus)

Vários ex. nos *Lusíadas:*

> E se Antenor os *seios* penetrou,
> *Iliricos*,...
>
> II, 45, 3-4

> ... & no *seio*,
> Onde Antenor ja muros leuantou,
>
> III, 14, 1-2.

> Porem como a esta terra entam viessem,
> De la do *seyo Arabico* outras gentes,
>
> VII, 33, 1-2 (1).

> La no *seio Eritreo*, onde fundada
> Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,
>
> IX, 2, 1-2 (2).

> Tal, antes que no *seyo de Cambaya*
> Entre Francisco irado...
>
> X, 34, 5-6 (3).

> Onde *do mar* o *seo* faz entrada,
>
> X, 106, 6 (4).

Os Latinos é que chamavam *Sinus Arabicus* ao Mar Vermelho, *Sinus Persicus* ao Gôlfo Pérsico, etc. E aliás já

---

(1) E. D.
(2) Registado por E. D.
(3) Idem.
(4) Idem.

F. e S. registara que em *Lus.* II, 45, 3-4 há imitação patente de:

> Antenor potuit, mediis elapsus Achivis,
> *Illyricos*, penetrare *sinus*...
>
> Verg. *En.*, I, 242-243 (1).

*

Virtude = valentia (virtus)

> ... o animo valente
> Perde a *virtude* contra tanta gente.
>
> IV, 35, 7-8 (2).

> Porque elles com *virtude* sobre humana,
> Os deitarão dos campos abundosos
>
> VII, 70, 1-2 (3).

> Aqui de dom Felipe de Meneses
> Se mostrarâ a *virtude em armas* clara,
>
> X, 104, 1-2.

É corrente o emprêgo de *virtus* em latim com êste sentido.

Virtude = merecimento (virtus)

> Das honras, & dinheiro, que a ventura
> Forjou, & não *vertude* justa, & dura.
>
> VI, 98, 7-8 (4).

> So me falece ser a vos aceito,
> De quem *virtude* deue ser prezada:
>
> X, 155, 3-4 (5).

---

(1) Note-se que Barros (I, 9, I) emprega com êste mesmo sentido o latinismo fonético *sino* (*sinus*), forma alotrópica de «seio», que não aparece nos *Lus.*: «Jaz aquelle mui celebrado *sino* Gangetico».

(2) Registado por E. D. como latinismo.

(3) Registado por E. D.

(4) Idem.

(5) Idem.

cfr. em latim clássico:

«... post (fuit) Pericles, qui cum floreret omni genere *virtutis* (1), hac tamen fuit laude clarissimus».

Cic. *Br.* VII, 28.

«Qui eorum *curules* gesserant *magistratus*, ut in fortunæ pristinæ honorumque ac *virtutis* insignibus morerentur,... medio aedium eburnis sellis sedere.»

Tito Livio, *Histor.*, l. V, c. XLI (2).

*

2. Adjectivos.

Claro = ilustre, célebre (clarus)

É dos latinismos semânticos mais freqüentes no poema; registei 25 ex.:

... a *clara* Dea,
I, 34, 3.

O *claro* descendente de Abrahão:
I, 53, 6.

Assi o *claro* inuentòr da Medicina,
III, 1, 5.

... o *claro* estreito,
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
III, 12, 1-2.

... os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia:
Com quem tu *clara* Grecia o Ceo penetras,
III, 13, 5-7.

Tem o Tarragones, que se fez *claro*,
Sujeitando Partênope inquieta,
III, 19, 1-2.

Mas ja o Principe *claro*, o vencimento,
Do padrasto & da inica mãy leuaua,
III, 33, 1-2.

---

(1) Beauchot (*Cicéron — Oeuvres complètes*, 7.ª ed. pág. 618) escreve em nota: «Au sens, fréquent en latin, de: *mérite* (en général), et non de: vertu».

(2) O adj. «virtuosa» ocorre nos *Lus.* com o sentido que actualmente têm «virtude» e os seus derivados em IV, 88, 5.

Dalem do *claro* Tejo deleitoso:
III, 42, 4.

Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu *claro* Tejo regas tam sereno.
III, 55, 7-8.

Por onde o Zaire passa *claro* & longo
V, 13, 3.

Outro estrago & victoria *clara* & bella
VIII, 29, 6.

Conceito digno foi do ramo *claro*
Do venturoso Rei,...
VIII, 71, 1-2.

A Noz, & o negro crauo, que faz *clara*
A noua ilha Maluco,
IX, 14, 6-7 [1].

Tomando aquelle premio, & doçe gloria
Do trabalho que faz *clara* a memoria.
IX, 39, 7-8.

Que celebrando va com tuba *clara*,
Os louuores da gente nauegante,
IX, 45, 2-3.

E fareis *claro* o Rei, que tanto amais,
IX, 95, 1.

Mas ja o *claro* amador da Larissea
X, 1, 1.

Està co a bella Deosa o *claro* Gama:
X, 3, 4 [2].

& na memoria
Recolheo logo a Ninfa a *clara* historia.
X, 7, 7-8.

---

(1) Registado por E. D.
(2) Em III, 1, 2 ocorre:... «o *illustre* Gama;»

Nenhum *claro* barão no Martio jogo,
x, 19, 5.

Que elle seja entre a gente *illustre & claro*
x, 25, 7.

Ves Europa Christaã mais alta & *clara*
Que as outras em policia, & fortaleza:
x, 92, 1-2.

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas coutra os Turcos será *claro*,
x, 96, 1-2.

Pellas ribeiras, que inda serão *claras*
Quando as gales do Turco, & fera armada
Virem de Castel branco nua a espada.
x, 101, 6-8.

Aqui de dom Felipe de Meneses
Se mostrará a virtude em armas *clara*,
x, 104, 1-2 (1)

Paralelamente, ocorre com sentido análogo o vb. *esclarecer:*

Muitos, pera na guerra *esclarecerse*,
III, 23, 7.

Esoutro que *esclarece* toda Ausonia,
V, 87, 5.

e o particípio passivo *esclarecido:*

Sereis entre os Heroes *esclarecidos*,
IX, 95, 7.

(1) *Claro* em sentido duvidoso ocorre em x, 7, 3 (*claras ideias* = ilustres imagens?). *Claro* no sentido próprio, ainda hoje corrente, ocorre v. g. em IV, 67, 6; 75, 5; VII, 29, 2. — *Claro* pode ainda considerar-se como latinismo fonético, visto que houve restauração, mas, como a forma popular ou antes semi-literária *craro* não ocorre nos *Lus.*, dêle não me ocupei na Fonética, onde tratei apenas de formas alotrópicas registadas no poema (v. g. «contrario» e «contrairo»).

Em latim clássico, *clarus* tem freqüentemente êste sentido; cfr.:

«... quotienscumque de *clarissimo* et beatissimo viro cogitemus...».

Cic. *Br.* I, 4.

«.. similisque fortuna *clarorum* virorum».

Cic. *Br.* x, 41.

«... de *clarorum* virorum laudibus».

Cic. *Br.* XIX.

«*Clarorum* virorum facta moresque posteris tradere...»

Tac. *Agric.* I.

Em português clássico Camões não foi o único autor que empregou o adj. «claro» neste sentido alatinado; cfr.:

«A Baçorâ he cidade *clarissima*... na Mesopotamia».

Arraes, *Dialogos*, I, 12, (¹).

*

Igual = à altura de (par)

Daime *igoal* canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:

I, 5, 5-6.

Igual aqui estabelece uma equação entre dois termos *quodam modo* díspares. Como diz E. D., que viu neste emprêgo do têrmo um latinismo, «igual» equivale aqui a «correspondente a», ou, como se diz modernamente, «à altura de».

Em latim clássico, afora os ex. concisos e típicos de Tito Lívio e Juvenal citados por E. D., encontrei um numa leitura pessoal:

«... ad spem consulatus revocatus est, comitante opinione

(¹) Citado por E. D. no com. a *Lus.* IV, 100.

Britanniam ei provinciam dari, nullis in hoc suis sermonibus, sed quia *par* videbatur».

Tac. *Agric.* IX.

*

Nobre = célebre (nobilis)

Eis a *nobre* Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,

III, 63, 1-2.

Todo o Reino que foy do *nobre* Iuba.

III, 77, 8 [1].

O tu Sertorio, o *nobre* Coriolano

IV, 33, 1 [2].

A *nobre* ilha tambem de Taprobana,

X, 51, 1 [3].

Olha da grande Persia o imperio *nobre*

X, 103, 1.

A *nobre* ilha Samatra;...

X, 124, 3.

Era êste o sentido etimológico de *nobilis* em latim: *nō-bilis* = *nō* (cfr. *nō* + sc + o, *nō* + vi, *nō* + tum) + — *bilis* (cfr. amā + *bilis*, delē + *bilis*) [4]. Significação: «que pode ser conhecido» ou «digno de ser conhecido»; donde: «conhecido»,

[1] E. D., sem dizer que é um latinismo, pensa que «o epíteto *nobre* alude, como é provável, à fama de que Juba gozava como escritor».

[2] Cfr. III, 71, 1:

O *famoso* Pompeyo não te pene.

[3] Os versos seguintes justificam êste sentido:

Ia pello nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba, & soberana,...

[4] Quich. afirma que *nobilis* é uma forma sincopada de *novibilis*. Não vejo em que dados concretos se baseia, e, hipótese por hipótese, acho esta mais racional.

«célebre». Era êste o sentido próprio de *nobilis* em latim; (cfr. Quich.); afora os ex. que êle cita, registei alguns em excavações pessoais:

« .. si, in leviorum artium studio, memoriæ proditum est poetas *nobiles* poetarum æqualium morte doluisse. . .»

Cic. *Br.* 1, 3.

«Fortunam Priami cantabo et *nobile* bellum».

Hor. *Epist. ad Pisones*, 137.

«Hæc est *nobilis* ad Trasumenum pugna atque inter paucas memorata populi Romani clades».

T. Livio, *Histor.*, l. xxII, c. vII.

«. . qua de re Catulli *nobile* epigramma est».

Quintiliano, *Instit. orat.* 1, 5, 20 (1).

Nobre ocorre nos *Lusíadas* com o sentido medieval e actual, v. g. em IV, 25, 3; 39, 2; 41, 2; 84, 2; V, 91, 8; 92, 3; VI, 44, 2.

*

3. Verbos.

Arar os mares = *cortar os mares* (æquor arare).

E nauegar meus longos *mares* ousas
Que eu tãto tempo ha ja que guardo, & tenho
Nunca *arados* destranho, ou proprio lenho.

v, 41, 6-8.

Por *mares* nunca doutro lenho *arados*,

vII, 30, 7.

Do venturoso Reí, que *arou* primeiro
O *mar*,

vIII, 71, 2-3.

---

(1) Apud Niedermann, *Historische Lautlehre des Lateinischen*, 2.ª ed, Heidelberg 1925, pág. 48.

Com tôda a probabilidade deve ser latinismo semântico. Regista-se em Vergílio a expressão *æquor arare*, cfr.:

> Longa tibi exsilia et vastum *maris æquor arandum:*
> Verg. *En.* II, 780.

Consentir = estar de acordo (consentire)

> O padre Baco, ali nam *consentia*
> No que Iupiter disse,
> I, 30, 5-6 (1).

> *Consentem* nisto todos, & encomendão
> A Veloso que conte isto que aproua,
> VI, 42, 1-2 (2).

Era êste o sentido próprio do vb. *consentire* em latim. Cfr. Quich., s. v., 1.º (3).

*

Ferver = trabalhar com afan

> ... *ferue* a gente yrada,
> II, 24, 3.

e com sentido um pouco diferente:

> Viāo-se em derredor *feruer* as prayas
> Da gente, que a ver so concorre leda,
> II, 93, 1-2.

E. D. (4) observa: «*ferver*», empregado quando se fala de trabalho afanoso, tem origem no uso poético de *fervere* em

(1) Registado por E. D. Cfr. igualmente I, 41, 2-3.
(2) Idem.
(3) Em port. clássico M. regista êste mesmo sentido em Arraes.
(4) Comentário a II, 24, 3.

opere omnis semita fervet (Verg. *En.* IV, 407); *fervet opus* (id. *Georg.* IV, 169), etc.».

Esta observação parece-me tanto mais verosímil quanto é certo que o passo da *Eneida* a que E. D. se refere fôra — já F. e S. o pusera em relêvo — imitado por Camões na estância anterior à primeira das citadas, II, 23.

Ferver aparece com êste mésmo sentido poético noutra epopeia quinhentista:

> Com manso mouimento *ferué* a gente;
> As timidas criadas nam repousam.
> J. Côrte-Real, *Naufr. do Sep.* c. I(1).

*

Levar = levantar (levare)

> As vellas dando, as ancoras *leuamos*.
> V, 64, 8.

Em latim, o sentido próprio de *levare* é *levantar;* cfr. Quich., s. v.

Em port. M. regista esta mésma expressão «levar âncoras» com o sentido de «desaferrar do pôrto» nos Comentários de Af. de Albuquerque.

*

Pintar = matizar (pingere)

> ... cuja branca area
> *Pintou* de ruiuas conchas Cyterea
> IX, 53, 7-8.

E. D. observa: «*pintou = matizou;* é latinismo». Com efeito, Vénus não andou a pintar conchas na areia. E por outro lado em latim *pingere* tinha também êste sentido especial; cfr. Quich., s. v., 4.º.

---

(1) Pág. 4 da edição rollandiana de 1783.

O subst. correspondente *pintura* tem sentido análogo em:

> Olha por outras partes a *pintura*,
> Que as estrellas fulgentes vão fazendo?
> x, 88, 1-2 (1).

*

Ter = habitar (tenere)

> E os que o Austro *tem*,
> I, 21, 7.

E. D. registou o paralelismo entre o sentido que aqui tem o vb. *ter* (= *habitar*) e o de *tenere* em «quique Rufras Batulumque *tenent*». (Verg. *En.* VII, 739). Em todo o caso, *tenere* com êste sentido é excepcional em latim. Em grego é que ἔχειν o tem freqüentemente; cfr. v. g. *Od.*, VI, 123, 150.

II — Latinismos lexicais em que é o aspecto semântico que mais interessa

1. Substantivos.

Copia = abundância (copia)

> Chamando te senhor com larga *copia*
> Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.
> IV, 101, 7-8.

> Tudo tem no seu Reino em grande *copia*.
> VII, 61, 8.

Era êste em latim o sentido etimológico do sing. *copia* (*coopia*) (2). Em port. clássico, o vocábulo teve êste sentido (3), que se conservou no adj. *copioso*.

(1) Registado por E. D.

(2) Cfr. Niedermann, *Historische Lautlehre des Lateinischen*, 2.ª ed., pág. 43.

(3) M. regista-o em Diogo do Couto e Jer. Côrte-Real. Ainda apa-

*

Hospicio = hospitalidade.

(Substantivo abstracto)

> Não tens aqui se não aparelhado,
> O *hospicio* que o cru Diomedes daua,
> II, 62, 1-2.
>
> Que não vedem os portos, tam somente:
> Mas inda o *hospicio* da deserta area?
> II, 81, 3-4.
>
> Ve ca a Costa do mar, onde te deu
> Melinde *hospicio* gasalhoso & caro
> X, 96, 5-6.

Já F. e S. registara que em II, 81 Camões imitara um lugar de Vergílio onde se lia entre outros versos: «*Hospitio* prohibemur harenæ». (*En.*, I, 540) ([1]).

*

O vocábulo *licor* em sentido lato.

Licor é latinismo lexical (E. D. considerava-o como uma das «palavras que a nossa literatura antiga tomou do latim») ([2]). Ocorrendo várias vezes nos *Lus.*, o que tem de

rece no século XIX, cfr.: «No trato da mais ilustrada sociedade lisbonense e nas viagens em que acompanhara o barão, seu falecido marido, adquirira uma variada *cópia* de conhecimentos»... (Júlio Dinis, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, 4.ª ed., v. I, págs. 166-167). «... e trazia já na mão uma variada *cópia* de flores» (*ibid.* v. II, pág. 146). Por outro lado M. já regista o vocábulo com o seu sentido actual.

([1]) M. regista o emprêgo do vocábulo com êste sentido em Diogo do Couto e João Franco Barreto.

([2]) *Reg. filológico* da sua edição dos *Lusiadas*, s. v. *grandiloco*. Quanto à grafia diferente da do lat. «liquor», cfr. id., *ibid.*; em alguns casos a grafia «c» ascendia mesmo ao latim.

interessante em relação à língua de hoje é o sentido lato em que é empregado, à semelhança do seu étimo, o subst. latino *liquor* (da mesma família que «*liqueo*» e «*liquidus*»).

a) *Licor = águas dum rio.*

... & do Gentio,
Que inda bebe o *licor* do sancto Rio.
I, 8, 7-8.

(Onde o *licor* mestura & branca area
Co salgado Neptuno o doce Tejo:)
IV, 84, 3-4 [1].

b) *Licor = água de fonte.*

Que veja & saiba o mundo que do Tejo
O *licor* de Aganipe corre & mana,
III, 2, 3-4.

c) *Licor = vinho.*

Do *licor* que Lieo prantado auia:
I, 49, 6 [2].

Da lhe conserua doçe, & dalhe o ardente
Não vsado *licor* que dâ alegria.
I, 61, 5-6.

O *licor*, que Noe mostrâra aa gente:
VII, 75, 6.

d) *Licor = cânfora.*

Olha tambem Borneo, onde não faltão
Lagrimas, no *licor* qualhado, & enxuto,
Das aruores, que Cânfora he chamado,
X, 133, 5-7.

---

[1] Registado por E. D. Vê no emprêgo do vocábulo com sentido lato uma imitação poética do latim.

[2] Registado por E. D. como imitação poética do latim.

e) *Licor* = *benjuim.*

> Do cheiroso *licor*, que o tronco chora,
>
> x, 135, 4 (1).

*

Milícia = *guerra, serviço militar* (*militia*).

> E folgaras de veres a policia
> Portuguesa na *paz*, & na *milicia.*
>
> VII, 72, 7-8.

Era o sentido corrente do vocábulo em latim, cfr.:

> «... more juvenum qui *militiam* in lasciviam vertunt».
>
> Tac., *Agric.*, v.

Em port. clássico também o vocábulo foi usado com sentido lato por Rodrigues Lôbo (2). Depois morreu, porventura devido a um monopólio feito pela expressão «regimentos de milícias», que veio matar a de «têrços auxiliares» e que por seu turno também morreu (3).

*

Ministro = *subordinado, servidor* (*minister*).

Eis-nos chegados ao mais curioso dos latinismos semânticos que no poema se registaram.

Nos *Lusíadas* ocorre:

> Isto dizendo, manda os diligentes
> *Ministros* amostrar as armaduras,
>
> I, 67, 1-2.

---

(1) Identificado pelo Conde de Ficalho (*Flora dos Lusiadas,* Lisboa 1880, pág. 82).

(2) Citado por M.

(3) Correspondiam, como é sabido, a determinadas unidades do nosso exército na organização que subsistiu até 1834. Cfr. M., s. v. Durante a guerra ressurgiu o adjectivo derivado «miliciano».

Com hum redondo emparo alto de seda,
Nũa alta & dourada astea enxerido,
Hum *ministro* aa solar quentura veda,
Que não offenda & queime o Rei subido:

II, 96, 1-4.

... as mãos lhe estavá atando,
Hum dos duros *ministros* rigurosos.

III, 125, 3-4.

Seus *ministros* ajunta, porque leue
Exercitos conformes aa peleja,

IX, 29, 5-6.

Em que acepção está nestes passos o vocábulo *ministro?* Não na actual, evidentemente. Não eram «ministros» — no sentido moderno do têrmo — os assassinos de Inês de Castro, muito menos os inferiores a quem Vasco da Gama ordenava que mostrassem as armas ao xeque de Moçambique ou o moleque que empunhava o sombreiró oriental para resguardar do sol o rei de Melinde. Também não eram «ministros» — *sensu stricto* — os «mininos vóadores» que trabalhavam sob as ordens de Cupido no palácio fantástico de Chipre (1).

Em todos estes passos, como notou E. D. (a propósito de I, 67 e II, 96), *ministro* está no sentido geral de «pessoa que está às ordens de outra». Era êste o *sentido etimológico* do vocábulo (*minus: minister; magis: magister*). Era êste o sentido próprio que êle tinha em latim, cfr. êste ex. típico de Tácito:

«Nec Agricola umquam in suam famam gestis exsultavit: ad auctorem ac ducem, ut *minister,* fortunam referebat».

Tac., *Agric.*, VIII (2).

---

(1) Segundo F. e S., foi a descrição de Claudiano que inspirou Camões neste lugar do poema (IX, 30-32).

(2) Devo dizer que quem me chamou a atenção para êste ex. foi o

E era êste igualmente o sentido que três séculos depois o vocábulo ainda mantinha no Novo Testamento (trad. latina da Vulgata), cfr. v. g.:

«Et *ministri* (1) alapis eum caedebant».

Marc., xiv, 65 (2).

«Dicit mater ejus *ministris* (3): Quodcumque dixerit vobis, facite».

Joan., ii, 5.

«Haec autem cum dixisset, unus assistens *ministrorum* (4) dedit alapam Jesu».

Joan., xviii, 22.

e para os vocábulos cognatos cfr. ainda êste ex. típico:

«... qui major est in vobis fiat sicut *minor;* et qui præcessor est, sicut *ministrator.* Nam, quis major est, qui recumbit, an qui *ministrat?* Nonne qui recumbit?»

Luc., xxii, 26-27.

Vê-se bem que era êste o sentido usual em latim (5).

Mas deu-se com êste vocábulo uma *nobilitação semântica,* freqüente nos vocábulos que entram para a linguagem religiosa (6). Essa nobilitação vinha já do paganismo: Cícero,

---

sr. Cândido Pamplona Forjaz, aluno do 4.º ano da Faculdade de Letras de Lisboa e então meu explicando, a quem eu expusera dias antes a evolução semântica do vocábulo.

(1) O texto grego diz: οἱ ὑπηρέται.

(2) Contràriamente ao meu plano, não excluí desta vez os ex. do latim eclesiástico por não se poder prescindir dêles para a inteligência da evolução semântica da palavra.

(3) O texto grego diz: τοῖς διακόνοις.

(4) O texto grego diz: εἷς τῶν ὑπηρετῶν.

(5) Cfr. Quich., s. v.

(6) Cfr. sôbre o assunto em geral um artigo do sr. Dr. João da Silva Correia, *Notas filológicas,* in *Diário da Tarde,* ano de 1926, 3.º trimestre. — Note-se de passagem que o Dicionário de Bailly regista uma evolução semântica semelhante nos vocábulos gregos ὑπηρέτης e ἀμφίπολος.

Lucrécio e Ovídio (1) tinham empregado o têrmo com o sentido de «ministro duma divindade, sacerdote». Depois o Cristianismo deu-lhe uma nova amplitude. E o reflexo desta ideia sôbre o mundo pagão vê-se já em Plínio-o-Môço, contemporâneo e amigo de Tácito, na célebre carta a Trajano sôbre os Cristãos da Bitínia:

> «Quo magis necessarium credidi, ex duabus ancillis, *quæ ministræ dicebantur*, quid esset veri et per tormenta quærere» (2)

Até aqui a evolução semântica do vocábulo em latim.

Vejamos agora a sua *importação* para português.

É vocábulo literário, pois, se tivesse obedecido às leis fonéticas, o «*i*» breve teria dado «*e*» e o «— *n* —» (inter-vocálico) ter-se-ia elidido. Provàvelmente, data do Renascimento. Acabámos de ver que *surge nos Lusíadas com o sentido etimológico que tivera em latim clássico* e com êsse mesmo sentido se regista pela mesma época no latim dos humanistas, cfr. Barclay:

> «& dum equum *ministri* admovent» (3).

Mas a nobilitação semântica que em latim se realizára acompanha-o provàvelmente *ab initio*, pelo menos no campo da linguagem religiosa. M. quási só regista êste sentido nobilitado, roçando de leve pelo sentido etimológico. Que o vocábulo, com sentido nobilitado, no campo da linguagem religiosa, já tinha raízes em português clássico, prova-o a seguinte observação com que êle remata: «*Ministros do*

(1) Cfr. Quich., s. v.
(2) *Ep.* x, 97.
(3) Jo. Barclaii, *Argenis*, edição elzeviriana, Amsterdam, 1671, pág. 24 (o livro é do comêço do século XVII).

culto: é frase trazida do Francês com repreensível afectação: *no nosso bom e antigo Português* dizemos *Ministros do Altar, da Igreja, da Religião,* etc.». «*Ministros da Igreja*» regista M. em António de Castilho (1565-1596).

E a introdução do vocábulo na linguagem política?

É mais recente. M. já regista como primeiro sentido «O que exerce emprego e officio de Justiça, ou Politico, ou de Fazenda, ou Evangelico;» e acrescenta (o que é um vago vestígio do sentido etimológico): «debaixo da *subordinação* aos Soberanos, e Prelados». Já antes, no século XVII Alexis Collot de Jantillet[1] escrevia ao conde de Villar Maior, Manuel Telles da Sylva:

> «... miles prætoriæ custodiæ advenit cum Indice novo epistolarum, quas & Regis & Comitis ab arcanis puritatis *Ministri* nomine scriberem»[2].

Mas, para Português ver, o poderoso conde de Castelo Melhor era *escrivão da puridade,* do mesmo modo que em França Colbert era «contrôleur général des finances»; nem um nem outro eram *ministros.* Depois no século XVIII só se falava em *secretários de Estado* e Pombal nunca foi outra cousa. A Constituïção de 1822 ainda só se referia a «secretários de Estado». A Carta Constitucional de 1826 é que introduziu *oficialmente* a palavra *ministro,* imitada depois pela efémera Constituïção de 1838 e pela da República Portuguesa.

Conclusão: Que nos apresenta a língua de hoje em relação ao passado? O último sentido do vocábulo a matar os

---

(1) Fidalgo francês que viveu na côrte portuguesa durante o reinado de D. Afonso VI.

(2) Alexii Collotis de Jantillet *Horæ subsecivæ,* pág. 70 (carta XXXI). Livro raríssimo de que existe um exemplar na biblioteca do sr. dr. J. Leite de Vasconcellos.

outros; (e por isso é que para nós hoje os textos citados dos *Lusíadas* só se tornam inteligíveis à luz da etimologia e do latim clássico). *Ministro* no sentido primitivo, qual se regista nos *Lusíadas*, é hoje *puro fóssil filológico*. *Ministro* na linguagem religiosa rareia cada vez mais [1]; e na língua popular pode-se dizer que só tem vida na boca da população protestante das grandes cidades, («o nosso *ministro*»), com estranheza manifesta do resto do povo. *Ministro* na linguagem política é que se vulgarizou a ponto de entrar verdadeiramente no domínio da língua popular e de exercer um *monopólio semântico;* mais ainda: a proclamação da República, tornando os ministros independentes de facto em relação ao chefe do Estado, veio desatar o último elo que prendia o vocábulo ao seu sentido etimológico e para a psicologia popular os «*ministros*» são hoje o que foram os *cônsules* em Roma quando a cidade encontrou o seu equilíbrio político «*post exactos reges*».

*

Restituidor = restaurador (restitutor)

> ... & o grande & raro
> Castelhano, a quem fez o seu Planeta,
> *Restituidor* de Espanha, & senhor della,
>
> III, 19, 5-7.

E. D. registou êste emprego do termo como latinismo. Com efeito, em latim era êste o sentido etimológico do verbo «restituere» e dos seus derivados: *statuere = estabelecer; re + st(a)tuere = restabelecer, restaurar.*

Em latim encontrei em leituras pessoais vários ex. do vb.

---

[1] Na língua literária do século XIX ainda tinha certa vida, cfr. v. g. Malhão, *Oração fúnebre do conde de Barbacena:* «*Ministro* da Religião de Cristo, olha por mim e por ti».

com um sentido próximo: «restituere (in patriam) = chamar do exílio e reintegrar nos cargos públicos», cfr.:

«... signum dedit ut ad me *restituendum* Romam concurrerent».

Cic., *Pro Milone*, xv, 39.

«... P. Popilium, vi C. Gracchi expulsum, sua rogatione *restituit*».

Cic. *Br.* xxxiv.

«Nam sicut mandatis tuis cautum est, ne *restituam* ab alio aut a me relegatos, ita de iis quos alius relegaverit et *restituerit* nihil comprehensum est».

Plínio-o-Moço, *Ep.*, x, 64.

Em português êste sentido alatinado e etimológico do vb. «restituir» e seus derivados ainda se mantinha na língua literária do século XIX; cfr.:

«... só uma sisuda *restituição* das Ordens Religiosas pode attenuar os tristes effeitos da sua extincção».

Pedro Dinis (1).

*

2. Adjectivos e advérbios.

Curioso = cuidadoso (curiosus)

Naos arma, & nellas mete *curioso*
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso
Onde o propheta jaz, que a lei pubrica:

VII, 34, 1-4 (2).

Ia lhe pergunta prompto & *curioso*,
Se tem noticia inteira, & certa proua,
Dos estranhos quem sam...

VII, 67, 5-7.

(1) *Das ordens religiosas em Portugal*, cap. I.
(2) Registado por E. D.

Era êste o sentido próprio e usual do adj. *curiosus* em latim; cfr. Quich. s. v.

*

Experto = experimentado (expertus)

Tais palauras tirou do *experto* peito.
IV, 94, 8.

Destarte as aconselha o Duque *experto*,
VI, 50, 1 (1).

Nem quem sempre com pouco *experto* peito
Razões aprende, & cuida que he prudente,
Pera taxar com mão rapace & escassa,
Os trabalhos alheios, que nam passa.
VII, 86, 5-8.

Assi lho aconselhàra a mestra *experta*,
IX, 65, 1.

Que posto que em cientes muito cabe,
Mais em particular o *experto* sabe.
X, 152, 7-8.

Em latim era êste o sentido usual do adj. *expertus*, primitivamente particípio pretérito do verbo depoente *experiri* (cfr. Quich. s. v.).

Em português perdurou bastante êste sentido na língua literária. É o primeiro significado que M. regista. Cita, na transição do século XVI para o XVII, a «*Monarquia Lusitana*» e Rodrigues Lobo, que o empregaram. No século XVIII, encontrei um ex. em José Basílio da Gama: «... o *esperto* general» (2). E até mesmo no século XIX, ainda ocorre em Pedro Dinís: «esta primeira producção de penna pouco *experta*» (3).

(1) Registado por E. D. Cfr. VI, 53, 4: «... do Duque Ingles *esprimentado*». (E. D.)

(2) *O Uraguay*, c. II.

(3) *Das ordens religiosas em Portugal*, 2.ª ed. (1854), pág. 5. — Em-

*

Exquisito = requintado (exquisitus)

Não cos manjares nouos & *exquisitos,*
VI, 96, 1.

Era êste em latim o sentido etimológico e usual do adjectivo *exquisitus*, na origem particípio pretérito passivo do vb. *exquirere*. Com êste sentido o encontrei em leituras pessoais:

«Nam mihi, Brute, in te intuenti, crebro in mentem venit vereri ecquodnam curriculum aliquando sit habitura tua et natura admirabilis, et *exquisita* doctrina et singularis industria».
Cic. *Br.* VI.

«Fuit Gracchus diligentia Corneliæ matris a puero doctus et Græcis litteris eruditus; nam semper habuit *exquisitos* e Græcia magistros».
Id., *ibid.*, XXVII, 104.

*

Generoso = nobre de estirpe (generosus, genus)

Mas despois de ser tudo ja notado,
Do *generoso* Mouro, que pasmaua,
II, 107, 1-2.

As nouas Ilhas vendo, & os nouos ares,
Que o *generoso* Enrique descobrio:
V, 4, 3-4 (1).

---

bora o tenha incluído nesta categoria, não tenho a certeza de que *experto* seja um latinismo lexical; se o é, penetrou depois na língua popular, embora com outro sentido; se o não é, é único sobrevivente dum verbo que se perdeu na passagem do latim para o português; temos então um caso análogo ao do particípio *findo* (< *fiido* < lat. *finitum*), que subsiste isolado em face do desaparecimento do verbo a cujo sistema pertencia e que ainda se registava em português arcaico (*fiir* < lat. *finire*).

(1) Registado por E. D.

Não nego que â com tudo descendentes
Do *generoso* tronco, & casa rica
Que com custumes altos & excellentes
Sustentão a nobreza que lhe fica:

viii, 42, 1-4 (1).

Quando o Gentio, & a gente *generosa*
Dos Naires, da nao forte se partia

viii, 44, 5-6 (2).

Generoso = nobre de sentimentos.

Porque o *generoso* animo, & valente,
Entre gentes tam poucas, & medrosas,
Não mostra quanto pode...

i, 68, 5-7.

Nam soffre muito a gente *generosa*,
Andar lhe os cães os dentes amostrando.

i, 87, 5-6 (3).

Se a peitos *generosos*, & excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.

iii, 39, 3-4 (4).

Eram estes os sentidos habituais (5) do adj. *generosus* em latim. Cfr. êste ex. que achei numa leitura pessoal:

«Pater ejus Neocles *generosus* fuit».

C. Nepos, *Themist.*, i, (6).

No port. moderno o significado desta palavra restringiu-se muito, pois já não designa «nobre, de estirpe», nem mesmo «nobre, de sentimentos», *em geral*, mas *um determinado* sen-

(1) Registado por E. D.

(2) Idem.

(3) Idem.

(4) Em i, 74, 6; iii, 79, 6; viii, 37, 2 são possíveis ambas as interpretações, embora a primeira seja mais provável.

(5) O primeiro sentido é mesmo o etimológico (cfr. *genus = raça*).

(6) Júlio Moreira interpretou neste mesmo sentido: «*generosus* = nobre, da nobreza».

timento, sentido que já transparece em *Lus.* III, 39, 3-4 [1]. Todavia, ainda no século XVIII se registava na língua literária o sentido etimológico hoje antiquado, cfr.:

> ... na cera encarnada impressa vinha
> A Aguia Real do *generoso* Almeida
>
> José Basilio da Gama [2].

Hoje, do sentido etimológico em que Camões empregou o termo apenas resta a expressão isolada «vinhos *generosos*» [3].

*

Humano = *civilizado, polido* (e seus compostos e derivados).

a) *Humano*

> Gente mais verdadeira, & mais *humana*
> Que toda a doutra terra atras deixada.
>
> II, 74, 3-4

> Dos pouos de Mombaça pouco *humanos*,
>
> V, 84, 8.

b) *Inhumano*

> ... aquellas gentes *inhumanas*:
> Que..............................
> ....
> O Imperio tomarão a Constantino.
>
> I, 60 [4].

[1] Nos *Lusiadas* o vocábulo que parece corresponder ao sentido actual de *generoso* é *liberal* (vocábulo que mais tarde adquiriu um sentido político); cfr. *Lus.* II, 71, 2 e V, 46, 2.

[2] *O Uraguay*, c. I. Também M. regista em primeiro lugar o sentido etimológico.

[3] Supus tratar se dum galicismo da terminologia enológica, pois em francês também se diz «*vins généreux*». Mas já em latim Horácio escreveu: «*generosum vinum*» e Columella «*generosa vitis*» (cfr. Quich. s. v.); e em port. clássico M. já regista a expressão.

[4] Registado por E. D.

c) *Humanamente*

> ... & *humanamente*,
> O Capitão sublime os recebia.
>
> I, 49, 3-4 [1].

> Estes como na vista prazenteiros
> Fossem, *humanamente* nos tratarão,
>
> V, 64, 1-2.

d) *Humanidade*

> Louuão do Rei os Mouros a bondade,
> Condiçam liberal, sincero peito,
> Magnificencia grande, & *humanidade*.
>
> II, 71, 1-3.

> Fauoreceyos logo, & alegrayos
> Com a presença, & leda *humanidade*,
>
> X, 149, 1-2 [2].

Em latim era corrente êste sentido do adjectivo *hūmanus*[3] e dos seus derivados, embora não fôsse evidentemente o sentido próprio. Cfr. êste ex. colhido numa leitura pessoal:

> «Huc ex Asia Sulla decedens cum venisset, quamdiu ibi fuit, secum habuit Pomponium, captus adulescentis et *humanitate* et doctrina».
>
> C. Nepos, *Attic.* 4.

Em todo o caso, não era nos *Lusíadas* um latinismo de primeira mão. Já João de Barros escrevera ésta frase aparentemente pleonástica:

> «... e delles soube como adiante estaua hũa villa chamada Melinde cujo Rey era homem *humano*...» [4].

---

(1) Registado por E. D.

(2) Registado por E. D. como latinismo.

(3) Cfr. Quich., s. v, 2.º) e 3.º).

(4) I, 4, 5. Transcrito por E. D. no com. à II, 70. Para mais, *é uma fonte do poema.*

*

Lascivo = amigo de brincar (lascivus)

Sendo das mãos *laciuas* mal tratada,
Da minina que a trouxe na capella:
III, 13*d*, 3-4 (1).

E aquellas em que ja foi conuertida
Peristera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deosa ja partida,
No ar *lasciuos* beijos se vão dando,
IX, 24, 3-6 (2).

Em latim o adj. «*lascivus*» era corrente neste sentido: cfr. Quich., s. v.

Em português já F. e S. registara o emprêgo dêste adj. com esta mesma significação no soneto de Camões:

Está o *lasciuo* & doce passarinho
Com o biquinho as pernas ordenando

*

Numeroso = cadenciado (numerus e numerosus)

Em versos deuulgado *numerosos*.
I, 9, 8 (3).

Quanto de quem o canta, os *numerosos*
Versos,...
V, 93, 3-4.

---

(1) Registado por E. D. como latinismo.

(2) Idem. O sujeito do vb. principal é «aquellas» (as pombas) para Garcez Ferreira, Gomes de Amorim e Epifânio Dias; portanto, nesta hipótese, que me parece a mais plausível, «se» é comp. indirecto.

(3) Registado por E. D.

Vistas as cousas através do português de hoje, estes versos seriam possìvelmente interpretados em função do galicismo *numerosos*, pl. *(nombreux)*, v. g. «numerosos autores», etc.

Na realidade trata-se dum latinismo semântico, como E. D. deu a entender. Em latim *numerus* tinha tambem o significado de *cadência*, *ritmo* (1), e por conseguinte o adj. derivado *numerosus* o de *rítmico*. Registei êste significado em vários passos de Cícero:

> «Versus enim veteres illi in hac soluta oratione propemodum, hoc est *numeros* quosdam nobis esse adhibendos putaverunt»;
>
> *De oratore*, l. III, XLIV, 173.

> «... (Isocrates) primus intellexit etiam in soluta oratione, dum versum effugeres, modum tamen et *numerum* quemdam oportere servari».
>
> *Brutus*, VIII, 32.

> «... quae (sententia) cum aptis constricta verbis est, cadit etiam plerumque *numerose*».
>
> *ibid.*, VIII, 34.

*

Peregrino = estranjeiro, que anda por terras ou mares longínquos.

> ... quando aleuantarão
> Hum, por seu capitão, que *peregrino*
> Fingio na Cerua espirito diuino.
>
> I, 26, 6-8 (2).

> E se te moue tanto a piedade,
> Desta misera gente *peregrina*,
>
> II, 32, 1-2 (3).

---

(1) Cfr. Quich., s. v., 6.º.

(2) O sentido é registado por E. D. Não se pronuncia sôbre a latinidade do termo.

(3) Idem.

> Pera contar a *peregrina*, & rara
> Nauegaçam, os varios çeos, & gentes,
>
> IX, 17, 3-4 [1].

e com sentido análogo o vb. *peregrinar:*

> A fortuna me traz *peregrinando*,
>
> VII, 79, 3 [2].

Era êste em latim o sentido próprio tanto do adj. «*peregrinus*» como do vb. «*peregrinari*», ambos derivados dum outro adj. mais simples «pereger, egris, egre», ainda composto de dois elementos: *per+ager* [3]. Registei o vb. com êste sentido numa leitura pessoal:

> «... ut semel e Piræo eloquentia evecta est, omnes *peragravit* insulas, atque ita *peregrinata* tota Asia *est*, ut se externis oblineret moribus...».
>
> Cic. *Br.* XIII [4].

No latim dos humanistas o adjectivo renasceu com êste sentido etimológico:

> «... cum ad oram Siciliæ, qua fluvius Gelas maria subit, ingentis speciei juvenem *peregrina* navis exposuit».
>
> Barclay, *Argenis*, pág. 2?.

---

(1) O sentido é registado por E. D. Não se pronuncia sôbre a latinidade do termo.

(2) Em III, 142, 5 («*peregrina formosura*») e V, 87, 2 («contenda *peregrina*») o adj. está no sentido, já evoluído, de «raro, singular, extraordinário». (Cfr. M., s. v.).

(3) Cfr. Quich., s. v.

(4) O contexto esclarece melhor o sentido que nesta frase tem o verbo *peregrinari;* segundo Cícero Atenas é a pátria da eloqüência (*ea ipsa urbe in qua et* nata *et alta sit eloquentia*); por conseguinte, a oratória, ao embarcar no Pireu, emigra e, ao vaguear por toda a futura província romana da Ásia, terra de oradores verbosos e destituídos da sobriedade ática, *anda por longes terras.*

No port. clássico usaram-no ainda com êste sentido Arraes, Rodrigues Lobo, J. F. Barreto e Bernardes ([1]).

No port. moderno, mesmo na língua dos cultos, êstes vocábulos perderam quási por completo o sentido etimológico. Apenas se escreve uma vez ou outra «beleza peregrina», «peregrino talento», e isso mesmo já no sentido translato («raro») que ocorre nos *Lusíadas* em III, 142, 5, e V, 87, 2.

*

Profano = impio (profanus)

> O tu Sertorio, o nobre Coriolano
> Catilina, & vos outros dos antigos,
> Que contra vossas patrias, com *profano*
> Coração, vos fizestes inimigos:
>
> IV, 33, 1-4 ([2]).

> O Regedor dos barbaros *profanos*,
>
> VIII, 84, 6 ([3]).

> Não longe, o porto jaz da nomeada
> Cidade Meca, que se engrandeceo
> Com a superstiçam falsa, & *profana*,
> Da relegiosa agoa Maumetana.
>
> IX, 2, 5-8 ([4]).

Era êste em latim um dos sentidos, não o próprio, do adj. «*profanus*» ([5]).

([1]) Cfr. M., s. v. Note-se que «estrangeiro, não nacional, não patrio» é o primeiro sentido que M. regista.

([2]) O sentido é registado por E. D.

([3]) Idem.

([4]) Idem.

([5]) Cfr. Quich., s. v,

*

Repugnantes = que lutam uns contra os outros (repugnare)

Ao grande Eolo mandão ja recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos *repugnantes*,
Que não aja no mar mais nauegantes.
VI, 35, 5-8.

Despois que a branda Venus enfraqueçe
O furor vão dos ventos *repugnantes*:
VII, 15, 3-4.

E. D. registou nestes passos como latinismo o emprêgo do participio adjectivado com êste sentido. Com efeito era êste em latim um dos sentidos, não o próprio, do vb. «*repugnare*»; (Quich. regista-o em Cícero, Horácio, Quintiliano e Plínio-o-Moço). Com êste se relaciona a frase «*não repugna*» (não há contradição), usual ainda hoje na linguagem filosófica e teológica [1].

Num sentido causativo vizinho dêste também ocorre no poema:

Entre vos nunca deixa a fera Aleto
De samear cizanias *repugnantes*,
VII, 10, 5-6.

E. D. interpreta: «que põem em guerra as pessoas umas contra as outras» [2].

---

[1] Segundo Quich. (s. v.), *repugnantia* era, para Cícero e para Lactâncio, o têrmo próprio que designava «os contrários» em retórica.

[2] Os sentidos alatinados do vb. *repugnar* e vocábulos derivados eram correntes nos nossos escritores clássicos; cfr. M., s. v.

*

«Sublime» e «sublimar-se» no sentido material (= que anda pelos ares, levantado)

> Ali *sublime* o Fogo estaua encima,
> ....
> Logo apos elle leue *se sublima*
> O inuisibil Ar,...
> VI, 11 ([1]).

> Já num *sublime* & pubrico theatro
> Se assenta o Rey Inglez com toda a corte,
> VI, 60, 1-2 ([2]).

> Mas hum tiro, que com zonido voa,
> De sangue o tingirâ no andor *sublime:*
> X, 17, 3-4.

Era êste em latim o sentido próprio do adj. «*sublimis*» ([3]). Registei um ex. típico numa leitura pessoal:

> «Romana pubes,... ubi vacuam sedem regiam vidit, etsi satis credebat Patribus,... *sublimem* raptum procella...».
> Tito Livio, *Histor.*, l. I, c. XVI ([4]).

«*Sublime*», no sentido translato em que ainda hoje se emprega, também ocorre nos *Lus.*, v. g. I, 15, 2; 49, 4; IV, 59, 1.

([1]) Registado por E. D.

([2]) Idem.

([3]) Cfr. Quich., s. v.

([4]) Riemann observa que esta braquilogia corresponde a: «raptum atque ita sublimem factum». (*Remarques sur la langue de Tite-Live* § 27, in-*Narrationes*, 8.ª ed., Paris, Hachette, 1914, pág. 414).

*

Urgente = opressor (urgere)

> ... & no torpe & escuro
> Vicio da tirania infame, & *vrgente:*
>
> IX, 93, 3-4.
>
> Nem vendo se num cerco duro & *vrgente:*
>
> X, 48, 4.
>
> Nas ilhas de Maldiua nace a pranta
> No profundo das agoas soberana,
> Cujo pomo contra o veneno *vrgente*
> He tido por Antidoto excellente.
>
> X, 136, 5-8.

E. D. registou em todos êstes passos o emprêgo de *urgente* com êste sentido como um latinismo. Em latim *urgere* tinha uma significação muito mais lata do que o nosso vb. pouco usado *urgir* e do que o seu particípio adjectivado *urgente*.

*

Fàcilmente = sem contestação (facile)

> E tu nobre Lisboa, que no Mundo,
> *Facilmente* das outras es princesa,
>
> III, 57, 1-2 [1].

Em latim o advb. *facile* tinha êste sentido translato [2]. Registei na prosa ciceroniana um ex. típico:

> «Nam plane quidem perfectum (oratorem) et cui nihil admodum desit Demosthenem *facile* dixeris».
>
> Cic. *Br.* IX, 35.

(1) Registado por E. D. como latinismo

(2) Quich. regista o com êste sentido em Plauto, Terêncio, Cícero e Tito-Lívio.

*

3. Verbos.

Aspirar = favorecer (adspirare)

> Imploramos fauor que nos guiasse
> E que nossos começos *aspirasse.*
> IV, 86, 7-8.

E. D. registou o latinismo semântico; e já antes dele F. e S. registara nêste passo uma imitação dos primeiros versos das *Metamorfoses* de Ovídio: «Di, cœptis... *adspirate* meis» (1).

M. regista em Diogo Bernardez o emprêgo de *aspirar* com êste sentido alatinado.

Aspirar no sentido corrente ocorre v. g. em IV, 52, 2.

*

Especular = contemplar, observar (speculari)

> Quando o tempo futuro *especulârão.*
> VII, 55, 8.

Speculari em latim tinha êste sentido e outros próximos. No port. moderno, *especular*, *especulação*, *especulador* teem um sentido inteiramente diferente. Todavia o sentido alatinado, também registado por M. nos quinhentistas João de Barros, Heitor Pinto e Arraes, perdura na linguagem filosófica: *sciência especulativa.*

---

(1) Quanto a *adspirare = favorecer*, cfr. Quich., s. v., 2.º

*

Ilustrar = iluminar (illustrare)

He Japão,...
Que *illustrada* será coa Ley diuina.
x, 131, 7-8 (1).

Em latim o verbo tinha êste sentido, mais forte e mais em conexão com o étimo (2). Com sentido já um pouco translato, mas em todo o caso diferente do uso do port. moderno, registei um ex. na prosa ciceroniana:

«... hoc mihi latinis litteris *illustrandum* putavi».
Cic. *Tusc.* I, I.

*

Instituir = educar (instituere)

... o culto Mahometico...
No qual me *instituirão* meus parentes,
VII, 33, 3-4 (3).

Quanto a êste sentido de *instituere* em latim, cfr. Quich., s. v., 5.º. O francês *instituteur*, *institutrice* é vestígio evidente. Mesmo em português temos o termo *instituto*; hoje tende a confundir-se com *instituição* (cfr. «Instituto Português do Cancro»), mas ainda conserva êste sentido que aqui se foca em alguns casos (v. g. «Instituto Superior Técnico»); no século XIX ainda Castilho escrevia:

«A ilha dos Amores só por si sobraria para os desterrar para bem longe de *institutos* de puericia» (4).

---

(1) Registado por E. D. como latinismo.
(2) Cfr. Quich., s. v. 1.º.
(3) Registado por E. D. como latinismo.
(4) «Conversação Preambular» do *D. Jayme* (11.ª ed., pág. LXXXIII).

*

Moderar = conduzir (moderari)

No tempo que do reino a redea leue
Ioão filho de Pedro *moderaua*,
VI, 43, 1-2 (1).

Em latim Quich. regista êste sentido do vb. depoente *moderari* em Cícero, César, Lucrécio e Estácio. Em port., quer popular, quer literário (2), seria insólito. Todavia... que étimo está na base de *poder moderador*?

*

Recrear-se = refazer-se (recreare)

E so co sono a gente *se recreia*.
II, 60, 4.

E despois que *se* hum pouco *recreasse*,
VII, 27, 5 (3).

Em latim era êste o sentido etimológico do verbo *recreare* (*re + creare*). Registei-o na prosa ciceroniana:

«Nam vestris primum litteris *recreatus* me ad pristina studia revocavi».
Cic. *Br.* III, 11.

*

CASOS DUBITATIVOS

Também nos latinismos semânticos dos *Lus.* há casos

(1) Registado por E. D. como latinismo.

(2) É êste ex. dos *Lus.* o único que M. cita para o emprêgo do vb. *moderar* com êste sentido.

(3) Registado por E. D. O contexto esclarece êste sentido (v. 3: «Na sua pobre casa *repousasse*»).

dubitativos, vocábulos que em relação à língua de hoje apresentam um sentido alatinado, mas a respeito dos quais, devido sobretudo à confusão dos dados do português clássico, só o desbravamento da semântica arcaica poderá porventura dar uma elucidação definitiva.

1. Adjectivos

Seguro = *descuidoso* (*securus*)

Ho mesmo o falso Mouro determina,
Que o *seguro* Christão lhe manda & pede,
I, 99, 1-2 ([1]).

Os Reis da India liures, & *seguros*,
Vereis ao Rei potente sojugados.
II, 46, 5-6 ([2]).

Desta arte Affonso subito mostrado,
Na gente da, que passa bem *segura*,
III, 67, 1-2 ([3]).

E. D. regista a analogia entre o significado que aqui tem o adj. *seguro* e o de *securus* na prosa clássica. Supus ser um latinismo. Porém, já depois registei em Fernão Lopes a seguinte frase:

«Como os Reis de Portugal e de Castella fezerom entre si avеença que entregassem huum ao outro alguuns, que andavom *seguros* em seus Reinos».
Cronica de D. Pedro I, 30 ([4]).

Não é um argumento contra definitivo. Fernão Lopes é anterior à febre de humanismo, mas não à cultura humanís-

---

([1]) Registado por E. D.
([2]) Idem.
([3]) Idem.
([4]) Transcrito por E. D. no comentário a *Lus.* III, 136.

tica, dum modo absoluto [1]. Em todo o caso, uma frase dêste género num escritor arcaico põe o investigador de sôbreaviso.

2. Verbos

Gostar = provar (gustare)
(vb. trans.)

O mais curioso e o mais complexo dos latinismos semânticos que no poema se apresentam como *casos dubitativos*.

Nos *Lusiadas* ocorre:

> E as que o Termodonte ja *gostárão*.
> III, 44, 8.
>
> Deixamos de Massilia a esteril costa
> Onde seu gado os Azenegues pastão,
> Gente que as frescas agoas nunca *gosta*
> V, 6, 1-3.
>
> Os Cicones, & a terra onde se esquecem
> Os companheiros em *gostando* o Loto.
> V, 88, 6-7.

Será um latinismo semântico?

Há argumentos prò e contra. Mas, antes de os analisar, vale a pena considerar a extensão que o vb. empregado nêste sentido e transitivamente teve em português *clássico*.

M. regista-o nos Comentários de Afonso de Albuquerque,

---

(1) No próprio Fernão Lopes *(Prólogo da Crónica de D. João I)*, há referências a Cícero, a quem chama *Tullio* (como lhe chamam na antigüidade v. g. Plínio-o-Antigo e São Jerónimo e, na nossa literatura clássica, Jorge Ferreira e Fr. Luís de Sousa). No *Boosco delleytoso*, — que, segundo J. L. de V., (*Lições de filologia*, 2.ª ed., pág. 136), representa «uma fase lingüística dos comêços do século XV, ou ainda dos fins do século XIV», — há apreciações pessoais e de estranho sabor estético sôbre os clássicos gregos e latinos.

em Barros, Jorge Ferreira, Arraes, Belchior Estaço do Amaral e Frei Luís de Sousa.

Afora êstes autores, ainda o registei em dois outros, em leituras pessoais:

> (Gaspar Barreiros foi um dos que) «mais *gostaram* a suavidade da nossa lingua».
>
> João Pinto Ribeiro [1].

> «E cessando todos os sentidos corporaes do seu uzo, todo o soposto foi manteudo por setenta annos continuados em a doçura da alma, que d'aquelles celestiaẽs cantares *gostara* pellos orgãos d'aquella ave soantes».
>
> Frei Leão de S. Tomás [2].

Pôsto isto, vejamos os argumentos prò e contra a hipótese dum latinismo semântico.

Em primeiro lugar, a favor, temos:

a) o ser com êste sentido e transitivamente que o verbo *gustare* se registava em latim clássico [3].

b) o insólito que tais frases representam em relação à língua de hoje.

Contra a hipótese dum latinismo semântico, temos:

a) a abundância de autores clássicos em que se regista a expressão (dez, contando Camões) [4].

---

(1) In *Revista Universal Lisbonense*, número de 31 de Março de 1842.

(2) *Benedictina Lusitana,* ed. de 1644, pág. 403 (apud Dr. José Joaquim Nunes, *Academia das Sciências, Boletim da 2.ª classe*, vol. XXII, pág. 393).

(3) Cfr. Quich., s. v. Abundam os ex. ciceronianos.

(4) Caldas Aulete, s. v., cita ainda um ex. de Frei Tomé de Jesus. A frase de Frei Leão de S. Tomás já se desvia um pouco do esquema primitivo.

b) o estarem entre êsses autores alguns provàvelmente menos imbuídos de cultura humanística, como o navegador Belchior Estaço.

c) o registar-se a expressão já no *arcaico* Fernão Lopes (1).

d) o confronto com as outras línguas românicas, nas quais o verbo transitivo equivalente aparece como filho da língua popular: cfr. o fr. *goûter*.

e) o testemunho do latim *infimæ latinitatis*, em contacto directo com o romanço, no qual também se regista *gustare*, vb. transitivo, com o sentido de *provar* (2).

f) o provérbio *Cada qual come do que gosta* (3).

g) emfim, o modo como estão dispostos os vários sentidos e construções no artigo respectivo de M:

> Gostar: v. at. Provar... «gostar o vinho»... § gostar alguem; ter affeição, gostar delle: v. g. «aquelle homem não me gosta, ou, não gosta de mim.»... § Gostar, n.: gostar de alguma coisa...

---

(1) «De guisa que os que dentro eram, que mantinham voz do Mestre, começarom de *gostar* cousas ásperas de sofrer». (*Crónica de D. João I*, cap. 135, in *Antologia portuguesa*, F L., tôm. III, pág. 101). — Quanto à importância dêste argumento, cfr. o que ficou dito em nota na pág. 158.

(2) Cfr.: «Visita me in salutari tuo (Ps. 105, 4) ad *gustandam* in spiritu suavitatem tuam». (*De Imitatione Christi*, L. IV, c. 4, v. 2).

(3) É sabido que nos provérbios fica muita vez fossilizada a língua duma época, v. g. «Não se pescam trutas a *bragas* enxutas» (quanto ao vocábulo morto «bragas», cfr. J. L. de V., *Lições de filologia*, 2.ª ed., págs. 24-25), «Odio velho não *cansa*» e «Quem corre por gôsto não *cansa*» (hoje dizemos «cansar-*se*», «eu canso-*me*», mas ainda no século XVIII D Fr. Manuel do Cenáculo escrevia: «ninguem *cansava* de escrever boas obras»). E assim estaria estereotipado nêste provérbio o vb. trans. «gostar», tão freqüente nos nossos clássicos. Todavia não é um argumento decisivo. Para o explicar ainda é possível recorrer a uma «haplologia sintáctica»: * Cada qual come *daquilo de que gosta* > * Cada qual come *do que de que* gosta >. Cada qual come do que gosta.

Parece pois que para o espírito de M. a evolução semântica seguia a seguinte curva:

1. gostar (tr.) = provar; 2. gostar (tr.) = amar; 3. gostar de = amar.

Conclusão: Trata-se ou não dum latinismo semântico? Os argumentos *contra* pesam mais do que os *a favor*, mas os dados são ainda insuficientes para uma solução definitiva.

*

Mover = comover, abalar (movere)

Nos *Lusíadas* ocorre:

E destas brandas mostras comouido,
Que *mouerão* de hum Tigre o peito duro,
II, 42, 1-2.

Mouate a piedade sua & minha,
Pois te não *moue* a culpa que não tinha.
III, 127, 7-8.

Queria perdoar-lhe o Rei benigno,
Mouido das palauras que o magoão:
III, 130, 1-2.

Será um latinismo semântico?

À primeira vista assim parece, se se levar em conta, por um lado, o insólito que tal sentido representa em relação à língua de hoje e, por outro, a analogia com o verbo *movere* do latim clássico, cfr:

«Quis enim est tam excors, quem ista *moveant*?»
Cic. *Tuscul.*, I, 6.

Mas não são elementos suficientes para resolver o pro-

blema e os dados de M. parecem pelo contrário favoráveis à hipótese de uma expressão popular.

*

Respeitar e *ter respeito a* = *fazer caso de (respicere)*

Nos *Lusíadas* ocorre:

O velho pay sesudo, que *respeita*
O murmurar do pouo, & a fantasia
Do filho, que casarse não queria.
III, 122, 6-8.

A estas criançinhas *tem respeito*,
Pois o não tẽs aa morte escura della,
III, 127, 5-6.

e com sentido próximo o substantivo *respeito:*

Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me prometia:
Não sey porque razão, porque *respeito*,
Ou porque bom sinal que em mi se via,
IV, 77, 3-6.

E. D. escreve no comentário a III, 122, 6-8: «*respeitar* na acepção de *atender a, fazer caso de, ter atenção a (respicere)*. É locução sinónima *ter respeito a* (III, 127)».

Será um latinismo semântico? Será a reviviscência do freqüentativo (herdado pela língua popular) com o sentido translato que tivera, assim como *respicere*, em latim clássico? À primeira vista parece, mas as informações valiosas de M. levam antes a supor que o substt. *respeito* e o vb. *respeitar* tivessem outrora em português vários sentidos, dos quais um só se teria mantido na língua popular, havendo fósseis dêste outro (v. g. *pelo que me diz respeito, respeito humano*).

PARTE V

Léxico

GENERALIDADES

Que se entende por *latinismos lexicais* dos *Lusíadas*? *Sensu stricto* — os vocábulos literários hauridos *directamente* pelo poeta no latim clássico e que tiveram *vida efémera* na nossa língua literária (v. g. *divicias*). *Sensu latissimo* — os vocábulos literários de origem latina que, *tanto pelos* Lus. *como pelas obras coevas e mesmo anteriores,* enriquecem a nossa língua literária *do Renascimento para cá* e a diferenciam do português arcaico.

A qual dos dois critérios obedecer neste ensaio? À primeira vista, o primeiro parece preferível; ao menos, o assunto nessas condições não parece ser um *mare magnum* onde o investigador se afoga. Foi mesmo o conselho que me deu uma vez em conversa o eminente filólogo e meu mestre Dr. José Leite de Vasconcellos. Todavia não o segui, e por dois motivos:

a) no estado actual das investigações filológicas, dada a insuficiência dos léxicos e a inexistência de glossários dos autores, é impossível delimitar com exactidão nos *Lus.* os *latinismos lexicais* de primeira mão e os de vida efémera, os que nenhum autor usara antes de Camões e os que morreram quando baixou a febre de latinização do Renascimento; de alguns verifiquei que já tinham sido usados pelos quinhentistas anteriores a Camões; quási todos ressurgiram, — embora para morrer de novo, — sobretudo nos poetas

do século XVIII [1] e nos tradutores de Vergílio [2], às vezes mesmo nos modernos, (por ex. nos poetas coimbrões da segunda metade do século XIX) [3].

b) se registasse apenas os *latinismos lexicais* insólitos para o português de hoje, ficaria truncada a visão de conjunto do enriquecimento do léxico literário no século XVI (isto é sobretudo frisante no capítulo dos adjectivos, onde os grupos ficariam mutilados) [4].

---

(1) Como adiante se verá em parte, caracterizaram-se pelo emprêgo de *latinismos lexicais raros* Garção, A. Dinís da Cruz e Silva, Elpino Duriense, Bocage e Filinto Elísio. Os dados de M. a êste respeito são valiosos, mas *não abrangem a língua de Filinto.*

(2) O seiscentista João Franco Barreto, na *Eneida portuguesa*, já fôra um compilador paciente de *latinismos lexicais bastante raros* (informações valiosas de M. a êste respeito, por mim utilizadas nêste ensaio); mas J. F. Barreto estava dentro do espírito da sua época, tôda imbuída de humanismo. — Por isso mesmo, tem mais interêsse, por ser livro *relativamente moderno* e ao mesmo tempo típico como *compilação premeditada de latinismos lexicais raros*, a *Eneida brasileira* de Manuel Odorico Mendes (Paris, 1854); como se vê, é posterior à 4.ª ed. do dicionário de M. e C. Aulete também não costuma citá-lo. O próprio Odorico Mendes (1799–1864), humanista de raça, diz na Advertência: «*Adoptei algumas palavras do latim* e *compuz não poucas* por me parecerem necessarias na occasião». Encontrei nêsse livro abundantíssima colheita.

(3) Exemplo típico: Gonçalves Crespo. O exemplo talvez mais frisante, — e, como no caso de Odorico Mendes, ainda não registado pelos léxicos, — é o Sr. Dr. Eugénio de Castro na sua primeira fase (*Oaristos*, 1890; *Horas*, 1891; *Silva*, 1894). No seu caso houve compilação premeditada não de latinismos lexicais, mas sim de *vocábulos raros*, entre os quais aparecem com freqüência latinismos lexicais, bebidos porventura nos clássicos portugueses ou nos dicionários (v. *Pref.* da 1.ª ed. dos *Oaristos*).

Dos prosadores contemporâneos destaca-se pelo uso de latinismos lexicais e outros o Sr. Dr. Ricardo Jorge.

(4) As leis do léxico são ainda misteriosas e isso torna a análise delicada. Registar *exício*, porque morreu, e não registar *inicio*, porque perdura, seria separar duas formas mòrfica- e fonèticamente paralelas. Do mesmo modo não devemos separar *cálido*, *férvido*, *hórrido*, *rábido*,

Pôsto isto, cheguei ao seguinte:

PLANO

1. Substantivos
2. Adjectivos
   - A. Grupos
     - *a*) tema nominal + sufixo — *eus*
     - *b*) tema nominal + sufixo — *osus*
     - *c*) tema verbal + sufixo — *idus*
     - *d*) determinante nominal + determinado verbal — *dicus*
     - *e*) determinante nominal + determinado verbal — *ficus.*
     - *f*) determinante nominal + determinado verbal — *fer.*
     - *g*) determinante nominal + determinado verbal — *ger*
     - *h*) determinante nominal + determinado verbal — *sonus*
     - *i*) determinante nominal + determinado verbal — *vagus*
   - B. Adjectivos avulsos
     - *j*) participios isolados do verbo a que pertencem e empregados adjectivamente.
       - α) particípios pretéritos passivos
       - β) particípios presentes activos
       - γ) vestígios do gerundivo.
       - δ) adjectivos em — *bundus.*
3. Verbos
4. Expressões

*

1. Substantivos

Apetito

apetitos, VI, 96, 5; (rima com *exquisitos* e *infinitos*); X, 5, 4, (rima com *ditos* e *espritos*).

úbido e *túmido* (formas efémeras ou meramente literárias), de *húmido, lúcido, plácido* e *sórdidor* (formas duradouras); até mesmo a análise completa consiste em juxtapor a estas formas outras (v. g. *álgido, fúlgido, gélido, pávido, tábido*) que não aparecem no poema mas que pertencem à língua literária.

M. regista o vocábulo em Couto, 5, 6, 4; e escreve: «E é mui frequente nos classicos a desinencia em «o» hoje antiquada». — A actual forma «apetite» será porventura devida à influência do fr. «appétit»?

Caldas Aulete já não regista a forma clássica e cita ex. da moderna em Castilho e Rebêlo da Silva.

Argento

I, 18, 5; II, 67, 2; III, 63, 3; IV, 49, 1; VI, 3, 6.

Segundo M., o vocábulo tornou a ser usado pelos seiscentistas Gabriel Pereira de Castro e João Franco Barreto.

No século XIX usou-o ainda Odorico Mendes na *Eneida brasileira* (1).

Ariete (máquina de guerra).

III, 79, 4.

Com o significado de «carneiro», reviveu na «Malaca conquistada» (cfr. M., s. v.).

E com o significado que tem nos *Lus.* usou-o ainda Odorico Mendes (2).

Aruspice

aruspices, VIII, 45, 1.

Avena

a vena, I, 5, 2. *auenas,* V, 63, 7 (3).

(1) V, 251 («salso argento» — cfr. *Lus.*, I, 18, 5; VI, 3, 6).

(2) *En. bras.*, II, 519.

(3) Do mesmo modo que nas partes anteriores, transcrevo os vocábulos com a grafia da ed. de 1572 hoje considerada edição *princeps (Ee);* cfr. *O Instituto*, vol. 79.º, n.º 3, pág. 285 (nota).

Provàvelmente haurido em Vergílio; cfr. os supostos primeiros versos da *En.:*

> Ille ego qui quondam gracili modulatus *avena*
> Carmen,...

Reviveu na *Eneida brasileira* de Manuel Odorico Mendes (I, I).

> Eu que entoava na delgada *avena*... (1)

Axe

axes, x, 87, 4.

Dea

I, 34, 3.

É exemplo único no poema. Em todos os outros passos Camões emprega a forma corrente, mòrficamente alotrópica, (*deosa*, I, 36, I; 100, 2; II, 22, I; V, 53, 5; VI, 85, 5; VIII, 5, 2; IX. 18, I; 24, 5; 36, 8; 44, 5; 45, 8; 50, 5; 53, 4; 60, 8; 73, 2; X, 3, 4; 10, I; 79, 5; — *deosas*, V, 52, 3; IX, 69, 4; 70, I). — Note-se que em I, 34, *dea* rima com *Cyterea* e *arrecea*.

M. também regista *dea* em Fernão Alvares do Oriente. Reaparece em Odorico Mendes (2). *Semi-deia* ocorre na rima em Gonçalves Crespo. (*Nocturnos*, 5.ª ed., pág. 24).

Divicias

VII, 8, 3.

Segundo M., também se regista nos Diálogos de Miguel Leitão de Andrade.

---

(1) E, segundo M. (s. v.), também foi usado por Garção.

(2) *En. bras.*, I, 16, 392, 508; *deusa* ocorre, v. g., em II, 170, 232, 446.

Divo (1)

Diuos, x, 82, 2.

Êste vocábulo reviveu na *Eneida portuguesa* de João Franco Barreto (2) e na *Eneida brasileira* de Odorico Mendes (3).

Error

VII, 4, 6; x, 122, 8.

Possìvelmente esta forma foi haurida em Vergílio, cfr. *En.* I, 755; II, 48.

Foi muito usada no século XVI (Barros, Palmeirim, Arraes, D. N. de Leão) (4). No século XIX ainda aparece em Odorico Mendes (5).

Estanho (stagnum)

Em *Lus.*, VIII, 73, 5-8, lê-se:

> Rompendo a força do liquido *Estanho*
> Da tempestade horrifica, & importuna
> Ati chegamos, de quem so queremos
> Sinal, que ao nosso Rey de ti leuemos.

F. e S. pensou que Camões se referia ao metal — (*stannum*) e chamava às águas do mar «estanho derretido».

---

(1) E. D. observa: «O têrmo *divus* com que a Roma imperial designava os imperadores divinizados serviu aos ciceronianos da Renascença para exprimir a ideia de «Santo»». Sôbre a génese dêste vocábulo em latim, cfr. Ernout, *Morphologie historique du latin*, 2.ª ed., págs. 49-50.

(2) Apud M., s. v.

(3) I, 76, 736; II, 187, 546, 751, 781; III, 13, 373, 385. *Divo*, adj., ocorre em I, 91; III, 452.

(4) Apud M., s. v.

(5) *En. bras.*, I, 790.

Storck aceita esta interpretação. Mas E. D. objecta, e com razão, que «líquido Estanho» equivale a *mares,* visto que na poesia latina o plural de *stagnum* se emprega na acepção geral de «águas».

Esta última hipótese é tanto mais provável quanto é certo que Camões chama às águas do mar «tanques naturais» (x, 1, 6), e «immenso lago» (x, 8, 2). Nesta hipótese, é verdade, há pleonasmo; mas outros pleonasmos ocorrem no poema (v, 18, 1; VIII, 48, 3).

Exicio

I, 16, 2.

Êste latinismo lexical foi provàvelmente bebido em Vergílio, cfr. *En.* II, 130-131:

> ... et quæ sibi quisque timebat
> Unius in miseri *exitium* conversa tulere.

Cfr. também *En.,* II, 190.

O substt. *exício* foi ainda usado por J. Franco Barreto, na *Eneida portuguesa* (1), e por Odorico Mendes, na *Eneida brasileira* (2). O adjectivo dêle derivado, *exicial,* entre os clássicos foi usado por João Franco Barreto, na *Ortografia,* e por Bernardes, na *Nova Floresta* (3), e entre os modernos por Odorico Mendes (4) e pelo Sr. Dr. Eugénio de Castro (5).

Não registei no poema a forma mòrficamente paralela, *início.*

---

(1) Apud M., s. v.

(2) I, 678.

(3) Apud M., s. v.

(4) *En. bras.,* II, 35.

(5) Cfr. «Da minha sorte a *exicial* sentença». (*Obras poéticas,* ed. completa e definitiva, vol. I, pág. 57). Cfr. id., *ibid.,* vol. I, pág. 65.

Flama

flama, III, 49, 1; VIII, 86, 3; IX, 31, 7; 49, 6.
flamas, II, 36, 5; VI, 13, 4; IX, 4, 4; X, 36, 8; 132, 4; 135, 2.
flammas, VIII, 72, 6.

Não registei no poema a forma alotrópica e popular *chama.*

Flama não é latinismo de primeira mão: já fôra usado por Frei Diogo do Rosário no *Flos Sanctorum* (1). Também se serviram dêste vocábulo Fernão Álvares do Oriente, na *Lusitania transformada,* e Fr. Jacinto de Deus, na *Braquilogia de príncipes* (2). No século XIX usaram-no Odorico Mendes (3), Gonçalves Crespo (4) e o Sr. Dr. Eugénio de Castro (5).

Galero

II, 57, 7.

Foi ainda usado pelos seiscentistas Gabriel Pereira de Castro e João Franco Barreto (6).

Incola

Incolas, III, 21, 8.

Êste subst., que M. apelida de «poético», foi ainda usado por Bernardes na *Nova Floresta* (7) e por Odorico Mendes (8).

---

(1) Apud M., s. v.
(2) Idem.
(3) *En. bras.,* II, 285, 323, 453, 717; IV, 71; VI, 767. *Chamma* ocorre em II, 534, 597.
(4) *Nocturnos,* 5.ª ed., pág. 68 («Vibra *flammas* do olhar») e 84 («Do juvenil desejo a *flamma* que devora»).
(5) *Obras poét.,* vol. I, pág. 42; pág. 63: *chama.*
(6) Apud M., s. v.
(7) Idem.
(8) *En. bras.,* VIII, 593.

Vocábulos afins, *agrícola,* e em menor escala *olivícola, silvícola, vinícola, vitícola* generalizaram-se modernamente na língua culta como *adjectivos; celícola* aparece esporàdicamente na *Eneida brasileira,* II, 623; VI, 811.

Indigetes

IX, 92, 4.

Vocábulo possìvelmente introduzido na nossa língua por Jorge Ferreira de Vasconcelos. Usado no século XVII por Vieira [1]. Hoje está inteiramente morto.

Influxo

X, 146, 1.

Usado depois por Francisco de Sá de Meneses [2]. Modernamente suplantado pelo galicismo semântico «influência» [3].

Inimicicia

inimicicia, VIII, 65, 5. *inimicicias,* VII, 8, 5.

Serão exemplos isolados na nossa língua literária?

Inopia

V, 6, 7.

---

[1] Apud M., s. v.

[2] Idem.

[3] Todavia dos modernos ainda o usaram pelo menos Odorico Mendes, (*En. bras.*, II, 351; III, 373; VII, 388), Júlio Dinis (*Os Fidalgos da Casa Mourisca*, 4.ª ed., tôm. II, pág. 74) e Rebêlo da Silva (apud Caldas Aulete, s. v.).

M. regista-o ainda na *Vida da Princesa D. Joana* de D. Fernando Corrêa de Lacerda [1].

Niquicia

VIII, 65, 3.

Alguns editores, a reboque da 2.ª ed. e da outra dita «dos Piscos», emendaram para «iniquicia» (forma que nada representa, pois que em latim o subst. derivado de «iniquus» era «iniquitas» e não «iniquitia»). Mas Manuel Corrêa, E. D. e J. M. R. viram neste vocábulo o representante português do latim *nequitia.*

Parece ter sido ex. único na nossa língua literária.

Orbe

orbe, X, 81, 1. *orbes,* X, 78, 3; 90, 1.

Perdura na língua literária [2].

Plaga

plaga, VII, 61, 5. *plagas,* X, 147, 5.

Não é latinismo de primeira mão: já Barros o usara [3]. Perdura na língua literária [4].

---

[1] Quanto à forma mòrficamente paralela *copia* (*in* + *opia*, *co* + *opia*), forma que ocorre no poema em IV, 101, 7; VII, 61, 8, cfr. *O Instituto,* vol. 80.º n.º 2, pág. 267.

[2] Cfr. Elpino Duriense: «Pôs balisas ao *orbe* «(*Poesias*, ed. de 1812, tôm. 2.º, pág. 27); Odorico Mendes, *En. bras.*, I, 26, 298, 481; II 642; III, 103; IX, 439; Soares de Passos: «Dos *orbes* na harmonia» (*Poesias*, ed. de 1858, pág. 145).

[3] Apud M., s. v.

[4] Cfr. Odorico Mendes, *En. bras.*, I, 238, 648; III, 140; Ricardo Jorge, *Brasil! Brasil!* Lisboa, 1930, pág. 15.

Procella

VI, 71, 2.

Perdura na lingua literária. De entre os clássicos, usaram-no, pelo menos, João Franco Barreto, Francisco de Sá de Meneses e A. Dinis da Cruz e Silva [1]. Mais perto de nós, foi usado por Herculano [2] e por Odorico Mendes [3].

Progenie

VII, 54, 8; VIII, 37, 2; IX, 42, 2.

O *nomen agentis* afim, *progenitor*, ocorre em VIII, 9, 2.
Progenie não é, no poema, latinismo lexical de primeira mão: já fôra usado por Damião de Goes [4]. Rodrigues Lôbo também depois o empregou [5] e, mais perto de nós, Garrett [6] e Odorico Mendes [7].

Pudicicia

IX, 49, 7.

Não era nos *Lus.* latinismo lexical de primeira mão. Camões encontrava-o em João de Barros, no *Diálogo da viciosa vergonha* (1540) [8]. Perdura na língua literária [9].

---

(1) Apud M., s. v.
(2) Cfr. *Poesias*, 7.ª ed., págs. 40, 41, 43, 91.
(3) *En. bras.*, VII, 593.
(4) Apud M., s. v.
(5) Idem.
(6) Apud Caldas Aulete, s. v.
(7) *En. bras.*, I, 27; *progenitor* ocorre em VII, 142.
(8) Apud M., s. v.
(9) Cfr. Herculano: «... o juiz vende a consciencia no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babylonia vendiam a *pudicicia* nas praças publicas aos que passavam, diante da luz do dia». (*Eurico*, 26.ª ed., pág. 36).

Tuba

tuba, I, 5, 3; III, 77, 7; VI, 63, 5; IX, 45, 2; *tubas*, III, 48, 7.

Êste latinismo lexical, — embora o vocábulo fôsse corrente em latim, — foi também possìvelmente bebido em Vergílio, cfr.

Exoritur clamorque virum clangorque *tubarum*.

En., II, 313.

Em ambas as epopeias a *tuba* tem um papel a desempenhar.

Em português, perdura na língua literária, ou, com mais precisão, no estilo poético (¹).

Vespero

III, 115, 3 (²).

O vocábulo reaparece pouco depois na *Lusitania transformada* (³).

Viola, (flor)

violas, IX, 61, 6.

(¹) M. cita um ex. de J. F. Barreto na *Eneida port.* Caldas Aulete outro de Filinto. Cfr. também êste ex. de Herculano (*Poesias*, 7.ª ed., pág. 15):

Mortos, quem vos chamou? o som da *tuba*
Ainda de Josaphat não fere os vales.

Foi ainda usado por Odorico Mendes (*Eneida brasileira*, II, 324). — Em prosa, usou-o bem recentemente o Sr. Dr. Ricardo Jorge (*Brasil! Brasil!* pág. 20).

(²) Dê-se à estância a interpretação de J. M. R. ou a de E. D., o significado do vocábulo é o mesmo.

(³) Apud M., s. v. — O adj. derivado *vesperal* e seu advérbio ainda aparecem na língua literária (cfr. Eugénio de Castro, *Obras poéticas*, vol I, págs. 29 e 107).

E. D. regista o têrmo como «pertencente exclusivamente à língua literária» (1).

*

CASOS DUBITATIVOS

Cervo ocorre em *Lus.* I, 26, 8; VIII, 8, 7; IX, 67, 2; M. regista-o na *Monarquia Lusitana*, e eu próprio registei-o em Herculano (2) e em Odorico Mendes (3). Julguei ser um latinismo lexical, visto o vocábulo não ocorrer hoje na língua popular e, como termo concreto que é, estar hoje substituido pelos vocábulos *veado* e *corça;* mas a existência do espanhol *ciervo* e do francês *cerf*, formas populares, fêz-me ter dúvidas a êsse respeito.

Quanto a *natura,* vocábulo freqüente no poema (ocorre em I, 53, 4; III, 126, 2; IV, 35, 1; V, 22, 8; 98, 1; VII, 30, 1; 37, 4; VIII, 68, 4; IX, 58, 1; X, 105, 4) parece à primeira vista tratar-se dum latinismo lexical. O vocábulo é evidentemente literário, pois nêle não se verificam as leis fonéticas. Mas, segundo M., ascende já às Ordenações Afonsinas e parece ter sido de proveniência eclesiástica.

Do mesmo modo, *potestade* (que ocorre em III, 15, 7; V, 38, 5; IX, 20, 6; 37, 7; X, 98, 4) parece à primeira vista um latinismo lexical. Mas, por um lado, a sobrevivência dêste vocábulo com significado preciso na teologia e na liturgia leva a admitir uma possível proveniência eclesiástica; por outro lado, a sobrevivência dêste mesmo vocábulo com um significado especial no direito político germânico do norte

---

(1) Quanto ao seu significado preciso, há desacôrdo na interpretação: Conde de Ficalho, *viola alba* (goivo branco); E. D., *viola lutea* (goivo amarelo).

(2) *Poesias,* 7.ª ed., pág. 12.

(3) *En. bras.*, I, 200; IV, 74; VII, 486.

da Itália na Idade-Média faz crer também na possibilidade dêste veículo (1).

*

2. Adjectivos

A) Grupos

a) *Tema nominal + sufixo — «eus»*

aerio, III, 126, 4; IV, 85, 6 (2).
argenteo, I, 58, 2; II, 20, 2.
aureo, II, 54, 5; 98, 7; 110, 5; III, 96, 6; IV, 68, 1; VI, 61, 2; X, 124, 7; 132, 7.
ceruleo, I, 16, 5; II, 19, 2; IX, 49, 1.
eburneo, III, 102, 6; IX, 43, 3; 48, 1.
equoreo, IX, 48, 6,
ferreo, IX, 74, 3; X, 28, 2; 49, 6; 57, 6.
funereo, IV, 90, 7.
gramineo, IX, 54, 3.
igneo, VII, 67, 1.
lacteo, I, 20, 6; 41, 5; II, 36, 3.
niveo, IX, 63, 1.
plumbeo, I, 89, 3.
purpureo, II, 73, 6; 77, 5; VII, 74, 1; IX, 58, 5.
sulfureo, I, 68, 2; II, 91, 4,
virgineo, IX, 56, 8.

Estes adjectivos mòrficamente paralelos tiveram fortuna vária. Uns penetraram quási na língua popular, devido à

(1) Não é hipótese gratuita. M. regista o vocábulo com êste sentido no Diário de Ourém ao concílio da Basileia (1431).

(2) Transcrevo os adjectivos sem o acento que, na ortografia moderna, incide sôbre os vocábulos esdrúxulos *sòmente nestas listas* e porque me propus registar os vocábulos com a grafia da hoje reputada 1.ª edição do poema.

imprensa e a outras circunstâncias: *aéreo, áureo*. Outros fixaram-se na terminologia scientífica; *gramíneo, sulfúreo*. Outros perduram na língua literária mòrmente na poesia: *argênteo* (1), *cerúleo* (2), *ebúrneo* (3), *funéreo* (4), *ígneo* (5).

Outros emfim podem considerar-se mortos, porventura mercê duma obliteração do étimo: *equóreo* (6).

---

(1) Cfr. Odorico Mendes, *En. bras.*, III, 162, 482; VIII, 667; Gonçalves Crespo, *Noturnos*, 5.ª ed., págs. 69 e 121; e Eugénio de Castro, *Obras poéticas*, t. I, págs. 109 e 137.

(2) Cfr. Gabriel Pereira de Castro (apud M., s. v.); Elpino Duriense, *Poesias*, tôm. II, pág. 27 («*cerúleo* campo»); Bocage, *Sonetos*, ed. Liliput, Lipsia, son. CCCLXII («De *cerúleo* gabão, não bem coberto»); Odorico Mendes, *En. bras.*, II, 400; III, 203, 449; VIII, 615, 666; Herculano, *Poesias*, 7.ª ed. pág. 158; Gonçalves Crespo, *Miniaturas*, 6.ª ed. pág. 200 («Ou demorando na *cerúlea* altura»). João Penha, *Rimas*, pág. 104 («Ao longe, ao longe, nas *cerúleas* vagas»); Eugénio de Castro, *Obras poéticas*, t. I, págs. 48, 161, 191.

(3) Cfr. Bocage, son. CLXXXIX («Eis tagide louçã de *eburneo* collo»), son. CCXXX. («Êste no *eburneo* leito precioso»); Odorico Mendes, *En. bras.*, X, 137; Gonçalves Dias (apud C. Aulete); Gonçalves Crespo, *Miniaturas*, 6.ª ed., pág. 154 («A cruz *ebúrnea*»), págs. 162 e 211; *Noturnos*, 5.ª ed., pág. 37 («*ebúrnea* flor»); págs. 69 e 156; Junqueiro, *Pátria*, 4.ª ed. pág. 161 («Qual nasce duma campa *eburnea flor*»); Eugénio de Castro, *Obras poéticas*, t. I, pág. 65.

(4) Cfr. Odorico Mendes, *En. bras.*, VII, 338; IX, 477; Gonçalves Crespo, *Noturnos*, 5.ª ed. pág. 33; Ricardo Jorge. *Canhenho dum vagamundo*, pág. 229.

(5) Cfr. Bocage, son. CCCXXVII («E do *igneo* arremessão cai fulminada); Odorico Mendes, *En. bras.*, II, 714; VI, 751; Herculano, *Poesias*, 7.ª ed., pág. 329, («*igneas* faiscas lançou»); Eugénio de Castro, *Obras poéticas*, t. I, pág. 43.

(6) Apenas sei de Odorico Mendes que o tenha usado (*En. bras.*, I, 150, 396; II, 440; III, 112; V, 248; VI, 364; VIII, 88; X, 197). *Equóreo*, não será uma reminiscência de Vergílio, quer em Camões, quer no humanista brasileiro do século XIX? *Aequoreus* ocorre nas *Geórgicas*, III, 243, e *aequor* aparece a cada passo na *Eneida*, alternando com *mare, unda* e os helenismos *pelagus* e *pontus*.

A par destas formas em que subsiste o sufixo *-eus,* registam-se outras em que «*-eo*» se reduziu a «*-o*» pela perda do «*e*» átono:

sanguino, I, 88, 1; III, 23, 3; 59, 5; (sempre fora da rima).
Mediterrano, III, 6, 8 (rima com: *Occeano*); 18, 2 (rima com *Thebano* e *Occeano*) (1).

b) *Tema nominal + sufixo «-osus»*

animoso, III, 48, 4; IV, 59, 2; VI, 37, 4; 73, 1; X, 31, 3.
aquoso, VI, 38, 2.
arenoso, I, 87, 1; IV, 62, 2; V, 26, 5; 62, 6; VI, 81, 6; 82, 3; IX, 71, 8.
belicoso, I, 5, 3; 42, 3; 64, 7; 74, 4; 87, 2; II, 21, 6; III, 17, 8; 26, 8; 42, 6; IV, 26, 5; VI, 63, 6.
fabuloso, I, 11, 6; VI, 42, 4; X, 82, 3.
famoso, I, 5, 5; 17, 2; 64, 8; II, 49, 1; 53, 5; 108, 3; III, 24, 7; 28, 2; 71, 1; 81, 1; 110, 6; IV, 62, 4; 78, 5; V, 93, 5; VI, 2, 5; VII, 9, 8; 15, 2; 17, 2; 40, 3; 70, 4; VIII, 45, 1; IX, 4, 8; 25, 4; 44, 2; 88, 6; X, 37, 3; 51, 2; 74, 7; 120, 3; 130, 7; 137, 2.
glorioso, I, 2, 1; V, 93, 1; VI, 24, 4; VII, 54, 2; IX, 89, 5; X, 42, 1; 51, 6; 74, 8; 82, 1; 142, 8.
piscoso, III, 65, 2.
procelloso, IV, 1, 1; VII, 70, 6; X, 128, 4.
sonoroso, I, 5, 1; 47, 8; II, 100, 1; IX, 54, 8; X, 74, 2; 128, 7.
undoso, IV, 62, 6; VII, 21, 5; 54, 4; IX, 39, 3.
vicioso, I, 2, 3; VII, 17, 6.

Também tiveram fortuna vária os adjectivos desta nova série; uns, quais *animoso, arenoso, belicoso,* e sobretudo *fa-*

(1) Cfr. sôbre êste assunto E. D., *Reg. filol.*, da sua ed. dos *Lus.*, s. v. Alcino.

moso e *glorioso*, tornaram-se correntes na língua dos cultos, mesmo dos semi-cultos; outros, como *procelloso* (1), tiveram bastante vida na língua literária; emfim outros, v. g. *piscoso* (2) e *undoso* (3) podem considerar-se quási mortos.

Outros adjectivos dêste mesmo tipo surgiram mais tarde na língua literária (v. g. *caliginoso*, que teve muita vida) (4), e *flagicioso* (5).

Êste tipo, aliás, embora tivesse recebido no Renascimento um refôrço lexical, deve ter tido bastante vida em português arcaico: assim *formoso*, que nos *Lus.* aparece sempre com a grafia arcaica *(fermoso)*, ascende a D. Dinis e ao *Castelo perigoso* (6). Mais ainda: os dados da fonética histórica provam que formas como *desejoso* (*Lus.* I, 11, 4), *cuidoso* (7) (III, 132, 8) são *criações evidentes da língua portuguesa;* a

(1) Cfr. M. e Caldas Aulete, s. v. O adjectivo foi usado por J. F. Barreto, G. P. de Castro (s. XVII), Dinis (s. XVIII), Garrett e Herculano (s. XIX).

(2) De *piscoso* há um ex. único nos *Lus.* («a *piscosa* Cizimbra», III, 65, 2). Valeu êsse passo a designação de «edição *dos Piscos*» à de 1583, cujo editor derivou o adj. de *pisco* (ave) e não do lat. *piscis*. O latinismo lexical, — que dêste pormenor se depreende ter sido insólito para os incultos de então, — era possìvelmente haurido em Vergílio («*piscosa* Lerna», — *En.*, XII, 518).

(3) Usado por Gabriel Pereira de Castro (apud M., s. v.); Odorico Mendes (*En. bras.*, III, 719); Gonçalves Dias (apud C. Aulete, s. v.).

(4) Cfr. M., s. v. (cita quatro seiscentistas). No século XVIII Elpino Duriense escreve: «O mar *caliginoso*» (*Poesias*, ed. de 1812, tôm. II, pág 27). E Filinto: «a mão *caliginosa*» (*Parnaso Lusitano*, Paris, 1827, tôm. III, pág. 441).

(5) *Alma instr.*, III, 586, Apud J. Serafim Gomes, in-*Subsídios para o vocabulário português* (*Brotéria*, vol. VII, fasc. V, novembro de 1928).

(6) Cfr. J. L. de V., *Textos arcaicos*, Glossário.

(7) Note-se que neste último vocábulo o sufixo *-oso* está excepcionalmente juxtaposto a um tema verbal; formas análogas: *temeroso* e, com mais afinidades mórficas, *pensoso*, adj. insólito que ocorre na *En. bras.*, I, 323. Note-se de passagem que nos *Lus.* vem sempre escrito *valeroso* (cfr. I, 2, 5) e nunca *valoroso*.

mesma origem, embora não fonèticamente evidente, deve ter tido *iroso* (*Lus.* II, 39, 5; III, 79, 2; III, 132, 7; 137, 3), pois nem Quicherat nem sequer Freund registam em latim *irosus*.

c) *Tema verbal + sufixo* «-*idus*»

calido, X, 51, 4.
esqualido, V, 39, 4.
fervido, III, 132, 7; V, 48, 4; VI, 41, 5; 46, 3; 51, 6; 94, 7; VIII, 51, 4; X, 12, 6.
fetido, V, 82, 1.
horrido, II, 25, 4; 105, 3; VI, 95, 1.
humido, II, 67 2; 108, 8; V, 42, 2; VI, 7, 7; 8, 8; VIII, 48, 3; X, 35, 8; 70, 6.
lucido, II, 1, 1; IX, 60, 6.
palido, III, 52, 4; 83, 5; 134, 6; V, 39, 6.
placido, X, 128, 1.
rabido, III, 47, 2.
rubido, II, 13, 7.
sordido, IV, 10, 6; V, 79, 4; VI, 78, 3.
timido, III, 106, 1; IX, 16, 8 [1]; 63, 6 [2].
tumido, VIII, 37, 7; X, 34, 8.
valido, V, 39, 2.

É evidente a origem exclusivamente literária dos adjectivos dêste tipo. Se fôssem populares, teriam caído sob a alçada de leis fonéticas que foram infringidas: *a*) ou o *ĭ* átono e postónico se teria sincopado (de *cálido* está atestada a forma alotrópica popular *caldo*) [3]; *b*) ou o -d- se teria elidido.

---

[1] *Ee: temidos*. «A corr. é da ed. de 1584; mas já as duas traduções castelhanas de 1580 trazem «timidos y ledos». (E. D.).

[2] *Ee: temida*.

[3] Aliás a pronúncia popular *caldus* é mais remota do que o pe-

Tiveram ainda destinos diferentes os adjectivos desta série. Uns tornaram-se usuais na língua culta: *lúcido, pálido, plácido, sórdido, tímido, válido*. Houve mesmo um que penetrou na língua popular: *húmido*. Outros, embora hoje mais raros, tiveram muita vida na língua literária: *férvido* (1), *hórrido* (2). Outros finalmente são hoje autênticos fósseis do período da neò-latinização da língua: *cálido, rábido* (3), *rúbido* (4), *túmido* (5).

A estes vocábulos literários acrescentaram-se mais tarde outros do mesmo tipo. Uns restringiram-se à linguagem poética: *álgido* (6), *fúlgido* (7), *gélido* (8), *mádido* (9), *pávido* (10),

---

ríodo prè românico: era já usada na própria côrte de Augusto, pois Marco Vipsânio Agripa assim é que dizia (v. Niedermann, *Historische Lautlehre des Lateinischen*, 2.ª ed., Heidelberg, 1925, pág. 26).

(1) Cfr. M. e Caldas Aulete, s. v. Também o usaram Bocage, soneto XXXIII («Encontres uma *fervida* ternura»); son. CXI («Dos gostos e tre o *fervido* transporte»); e Odorico Mendes (*En. bras*, IX, 342).

(2) Cfr. M., s. v.; Odorico Mendes, *En. bras.*, I, 182. No século XX ainda ocorre em Sara Serzedelo (*Canto do Cisne*, Lisboa, 1926, pág. 23).

(3) Caldas Aulete regista ainda o vocábulo em Gonçalves Dias. Provàvelmente êste latinismo lexical fôra haurido por Cam. em Verg. (Cfr. *En.* VI, 421); VII, 451, 493; *Georg.* II, 151; o primeiro ex. é elucidativo, pois Verg. aí refere-se ao Cerbero e em Cam. ocorre «o *rabido* Moloso».

(4) C. A. regista-o em J. A. de Macedo.

(5) M. regista-o em G. P. de Castro; C. A. em Rebêlo da Silva.

(6) Era o vocábulo que Gomes de Amorim propunha como lição para *Lus.* IV, 26, 2. Usou-o o sr. Dr. Engénio de Castro, *Obras poéticas*, t. I, págs. 32 e 70.

(7) Cfr. Junqueiro, *Pátria*: «Sonho de astros!... ó *fúlgida* epopeia» (3.ª ed., pág. 181). Já M. regista o vocábulo como pertencente à língua e já Gonçalves Dias o empregara (apud Caldas Aulete).

(8) M. regista o adj. em J. F. Barreto e Bocage; Caldas Aulete regista-o em Garrett e Gonçalves Dias; e cfr. ainda Gonçalves Crespo: «Responde a descuidosa e *gélida* indiferença» (*Noturnos*, 2.ª ed., pág. 146) e Odorico Mendes, *En. bras.*, III, 270.

(9) Cfr. Gonçalves Crespo, *Miniaturas*, 6.ª ed., pág. 115 («O *mádido* botão»).

(10) Usaram-no J. F. Barreto (apud M., s. v.), Elpino Duriense (*Poesias*,

tábido [1]. Outros houve mesmo que se tornaram correntes na língua culta: *cândido, lânguido, nítido, tórrido.* Houve mesmo um que penetrou na língua popular: *estúpido.*

Repare-se que em geral corresponde ao antepassado latino do adj. dêste tipo um verbo de têma em *e* (*caleo, ferveo, fœteo, horreo, humeo, luceo, palleo, placeo, rubeo, sordeo, squaleo, timeo, tumeo, valeo, algeo, fulgeo, madeo, pareo, tabeo, candeo, langueo, niteo, torreo, stupeo*).

d) *Determinante nominal + determinado verbal «—dĭcus».*

fatidico, IV, 83, 7; VIII, 8, 7.

Tornou-se corrente na língua culta, assim como o vocábulo paralelo *verídico.*

e) *Determinante nominal ou verbal + determinado verbal «-ficus».*

horrifico, III, 112, 4; 124, 1; VIII, 73, 6.
pacifico, II, 56, 3; VI, 13, 8.

Pacífico ainda hoje é corrente na língua dos cultos: *horrífico*, pelo contrário, é vocábulo quási morto [2].

f) *Determinante nominal + determinado verbal «-fer»*

aurifero, II, 4, 2; VII, 11, 4.

---

ed. de 1812, tôm. II, pág. 27), Gonçalves Dias (apud C. A., s. v.) e Odorico Mendes, *En. bras.*, II, 112, 803. — O privativo *impávido* perdura na língua dos cultos.

[1] Cfr. Odorico Mendes, *En. bras.*, I, 189; III, 30.

[2] Apenas sei que o usaram Odorico Mendes, *En. bras.*, III, 236, e, *bem recentemente*, o sr. Dr. Ricardo Jorge, *Canhenho dum vagabundo*, pág. 230. — *Terrifico*, adjectivo mòrficamente paralelo, foi usado por Bocage, son. CCXXVI («E a cuja voz *terrifica* e divina»). *Luctifico* ocorre na *En. bras.*, VII, 326.

ensifero, VI, 85, 6.
estelifero, I, 24, 2.
mortifero, II, 2, 2; 48, 6.
odorifero, II, 12, 6; IV, 63, 5; VII, 50, 2; IX, 41, 2; 56, 2; X, 4, 1.
sagitifero, I, 67, 7.
salutifero, II, 4, 4; X, 134, 2.

De todos êstes adjs. o único que ainda hoje tem vida na língua culta é *mortífero*. Alguns, como *ensífero* (1), *estelífero* (2) e *sagitífero* (3), são verdadeiros fósseis do período da neo-latinização da língua.

Outros adjs., mòrficamente paralelos a estes, não figuram nos *Lus.*, mas, ou já tinham sido introduzidos na língua (v. g. *pestífero*, usado já por Barros) (4), ou o foram depois (v. g. *letífero*, ex. provàvelmente único em J. F. Barreto (5); *soporífero*, com certa vida na língua literária moderna (6), *fumífero*) (7).

g) *Determinante nominal + determinado verbal «-ger»*.

armigero, IV, 23, 5 (usado substantivamente)
beligero, I, 34, 4; 82, 6; III, 50, 4; 75, 4; VII, 71, 3.
cornigero, I, 88, 6.
lanigero, II, 76, 5.

(1) Segundo E. D., Cam. teria haurido êste latinismo lexical em Ovídio (*Fast.* IV, 388). Parece ter sido ex. único na nossa língua literária.

(2) Ainda depois foi usado por J. F. Barreto (apud M., s. v.).

(3) Parece ter sido ex. único na nossa língua literária.

(4) Apud M., s. v.

(5) Idem.

(6) No século XIX usaram-no, pelo menos, Herculano (*Lendas e Narrativas*, 4.ª ed., tôm. II, pág 132), Camilo (apud Caldas Aulete, s v.) e Júlio Dinis (*Os Fidalgos da Casa Mourisca*, 4.ª ed, tôm. II, pág. 67).

(7) Usado por Odorico Mendes, *En. bras.*, IX, 512.

Tiveram fortuna vária estes adjectivos da mesma família. *Lanígero* vive perpètuamente na expressão semi-scientífica «gado lanígero». Pelo contrário, *armígero* (1), *belígero* (2), *cornígero* (3), são hoje meros fósseis lexicais do período humanístico, ciclo que fecharam com chave de ouro o maranhense Manuel Odorico Mendes e o professor do incipiente Curso Superior de Letras António José Viale.

Foi sobretudo *devido aos tradutores de Vergílio* que êste tipo lexical teve vida na língua literária vernácula: João Franco Barreto tornou a pôr em circulação os vocábulos camonianos *armígero, belígero, cornígero*; por seu turno Odorico Mendes, na *Eneida brasileira,* empregou não só *armígero* e *cornígero* como também *alígero* (I, 695) e *torrígero* (I, 441). É óbvio que os tradutores encontravam nos versos do Mantuano os vocábulos latinos equivalentes, embora por vezes não directamente nos respectivos passos (4); Quicherat sem mencionar os passos, regista em Vergílio o emprego de *aliger, armiger, corniger, laniger* e *turriger*; registei *aliger*

---

(1) Foi ainda usado por J. F. Barreto, Garção (apud M., s. v.) e Odorico Mendes (*En. bras.*, IX, 553).

(2) Usado no século XVII por G. P. de Castro e J. F. Barreto (apud M., s. v.).

(3) Usado ainda depois por J. F. Barreto (M., s. v.); cfr. também êste passo de Filinto: «Os *cornigeros* faunos e Silvanos» (*Ob. compl.*, Paris 1817, tôm. VIII, pág. 66); ainda depois aparece em Odorico Mendes (*En. bras.*, VIII, 73).

(4) Assim Odorico Mendes escreve:

> E um teso galgam já, que olha imminente
> A fronteira *torrígera* cidade
> (*En. bras.*, I, 440-441).

onde Vergílio escrevera:

> Jamque ascendebant collem qui plurimus urbi
> Imminet adversasque aspectat desuper arces:
> (*En.*, I, 419-420).

(*En.* I, 663), *armiger* (*En.* II, 477, IX, 564), *corniger* (*En.* VII, 77), *laniger* (*En.* III, 660) — e em todos estes passos, excepto (*En.* II, 477), Odorico Mendes verteu respectivamente *alígero*, *armígero*, *cornígero*, *lanígero*. Esta aproximação de factos, corroborada ainda por outros factos levou-me à seguinte hipótese: *os adjectivos compostos, com determinante nominal e determinado verbal, não serão ainda um sector do léxico erudito de Camões fortemente actuado pela leitura de Vergílio?* Esta hipótese parece-me tanto mais provável quanto é certo que Vergílio, excepto no fim dos versos ([1]), procurava êsses adjectivos polissílabos, empregando até tipos de que não há vestígios nos *Lus.* (v. g. *velivolus*, *En.* I, 224, *cælicolæ*, *En.* II, 592; *caprigenus*, *En.* III, 221).

h) *Determinante nominal + determinado verbal «-sonus»*

altisono, II, 90, 8; V, 87, 6.
horrisono, II, 100, 5.

São vocábulos mortos ou quási mortos ([2]).

À mesma família pertence *undísono*, vocábulo igualmente morto ([3]).

i) *Determinante nominal + determinado verbal «-vagus»*

undivago, VIII, 67, 2.

É êste o único ex. registado nos léxicos. Mas o vocábulo

([1]) Quanto a esta restrição, cfr. a nota de Lejay a *En.* I, 651 in «*Oeuvres de Virgile*, texte latin, publiées par F. Plessis et P. Lejay», Paris, Hachette, 1919.

([2]) *Altisono* foi ainda usado por Francisco de Andrade e por Dinis (M., s. v.). *Horrísono* reaparece na *Malaca conquistada* (M., s. v.) e mais perto de nós, em Odorico Mendes (*En. bras.*, I, 97, 244; VI, 590) e em Gonçalves Dias (C. A., s. v.).

([3]) Usado por J. F. Barreto (apud M., s. v.), Odorico Mendes (*En. bras.*, I, 41) e Castilho (apud. C. Aulete), s. v.).

ressurgiu mais tarde na língua de Filinto Elísio (1) e de Odorico Mendes (2).

Teve mais vida o adjectivo mòrficamente paralelo *noctívago,* que não aparece nos *Lus.*

j) *Particípios isolados do verbo a que pertencem e empregados adjectivamente.*

Particípios pretéritos passivos:

atonito, III, 50, 1; VIII, 46, 5; 51, 2.
cauto, II, 6, 6; III, 19, 5; IX, 7, 1. (*incauto,* II, 17, 7; 38, 3; IX, 64, 4. *cautamente,* II, 17, 1. *incautamente,* II, 27, 4).
cognito, I, 72, 8. (*incognito,* IV, 65, 1; 101, 5; V, 45, 4; 83, 1; VIII, 62, 4; 67, 4; IX, 88, 3; X, 93, 5; 129, 4; 147, 7).
instructo, II, 53, 1; V, 82, 5.
noto, II, 28, 3; V, 12, 6; VIII, 47, 5; X, 140, 2. (*ignoto,* VII, 30, 6; VIII, 45, 8).
remisso, III, 138, 3; IV, 2, 4; V, 98, 7.
secreto, X, 35, 8,
sumerso, (*submerso*), VII, 8, 7.

Todos estes particípios estão isolados do verbo a que pertencem no esquema da morfologia latina. Alguns dêsses verbos não passaram para a língua portuguesa (*attono, caveo, nosco, secerno*), e nessa modalidade o particípio correspondente aparece na nossa língua definitivamente desgarrado do verbo primitivo. Outros dêsses verbos foram aquisições

---

(1) Cfr.:

As armadas *undivagas* povoam
Os mares das Antílhas.

(*Parnaso Lusitano,* Paris 1827, tôm. III, pág. 441).

(2) *Undivago* ocorre na *En. bras.*, I, 197. O sinónimo, mòrficamente paralelo, *fluctivago,* aparece em I, 700; VII, 214.

da língua literária (*cognosco, instruo, remitto, summergo*), mas o participio tornou-se mais ou menos independente (excepto no último ex.), porque o nexo mórfico aparecia já muito abatido e também porque certos verbos (v. g. *instruo, remitto*) não conservaram em português a latitude semântica que tinham em latim.

Também tiveram fortuna vária os particípios desta série; e a sua maior ou menor vida não esteve em função da existência ou não-existência do verbo, pois *secreto*, aliás já independente em latim, perdurou desgarrado do seu *infectum* e do seu *perfectum* primitivos ao passo que morreu *instructo* ([1]), que o nexo mórfico com *instruir* não pôde aguentar. *Atónito*, *cauto* e *submerso* mantêem-se na língua culta; *cógnito* e *noto* ([2]) morreram, mas perduram os privativos *incógnito* e em menor escala *ignoto* ([3]); *remisso* é algo insólito ([4]).

Outros particípios adjectivados do mesmo tipo, isto é,

([1]) Latinismo lexical haurido provàvelmente em Vergílio, tanto mais que em *Lus.* II 53-54 já F. e S. registara imitação de *En.* VIII 675--678 e 685-688, onde se lê logo no 2.º verso: «... *instructo* Marte...». Mas Barros já o usara (M., s. v.) e, como têrmo jurídico, ascende às Ordenações Afonsinas (*id.*). Reaparece ainda esporàdicamente em Odorico Mendes (*En. bras.*, II, 263).

([2]) Latinismo lexical possìvelmente haurido em Verg. Na *Eneida* temos «*littora nota*» (II, 256; III, 657) e nos *Lus.* «*praias notas*» (V, 12, 6) do mesmo modo que em Odorico Mendes (*En. bras.*, II, 262; III, 681) se lê «*notas praias*». *Noto* ocorre ainda na *En. bras.*, II, 646; VI, 512. Em port. o vocábulo foi usado em seguida por Fr. João de Ceita (M., s. v.),

([3]) *Ignoto* foi usado por Odorico Mendes (*En. bras.*, I, 405, 542; II. 65; III, 392); Gonçalves Crespo (*Miniaturas*, 6.ª ed., pág. 163).

([4]) Com êste sentido de *frouxo, desleixado*, sentido que já tinha em latim clássico e conservou em latim medieval (cfr. *De imit. Chr.*, liv. IV, c. 7, v. 11), êste particípio desgarrado já fôra usado por João de Barros, antes de Camões (cfr. M., s. v.). Modernamente foi usado por Latino Coelho (apud Caldas Aulete, s v.) e pelo Conde de Sagubosa: «... um bando percorria as ruas com tambores e trombetas para despertar os moradores e arrancar das camas os *remissos*». (*Gente de algo*, 3.ª ed., pág. 211).

total- ou parcialmente desintegrados do verbo a cujo sistema pertenciam em latim e introduzidos em português por via erudita, particípios que não ocorrem nos *Lus.*, incorporaram-se igualmente na língua literária: — *a*) uns tornaram-se correntes no falar dos cultos, v. g. *absoluto, absorto, adulto, fixo, isento* (representante do lat. *exemptus*), *recto*; — *b*) outros, já substantivados em latim, como substantivos penetraram na nossa língua literária, v. g. *acesso, congresso, consenso, impulso, ocaso, tacto*; — *c*) outros devem a sua vitalidade a terem perdurado na terminologia filosófica, v. g. *abstracto* (1); *concreto*; — *d*) outros enfim cònfinaram-se na língua pròpriamente literária, mòrmente na poesia, v. g. *adusto* (2), *combusto* (3), *égresso* (4), *infenso* (5), *poluto* (6), *repulso* (7), *sepulto* (8).

---

(1) *Abstracto* (forma viva) está para *abstrair* como *instructo* (forma morta) está para *instruir*.

(2) Usaram-no Garrett, *Camões* («Treme África *adusta*»); Gonçalves Crespo, *Noturnos*, 5.ª ed., pág. 48 («Que em terra *adusta* odeia a luz ardente»); Junqueiro, *Pátria*, 4.ª ed., pág. 176 («Fôsse eu ainda o camponês *adusto*»). *Africa adusta* tornou-se expressão proverbial entre os cultos.

(3) Cfr. Odorico Mendes, *En. bras.*, II, 340 («Na cidade *combusta* a Grécia impera»).

(4) A latina, como particípio, usou-o pelo menos Od. Mendes, *En. bras.*, I, 2 («*egresso* das florestas»). No século XIX *egresso* substantivou-se e serviu para designar na vida social portuguesa os frades obrigados a sair dos conventos em 1834: *um egresso*; cfr. Camilo, *Vulcões de lama*; J. Dinis, *Fidalgos*, 20.ª ed., t. I, pág. 13; «frei Januário dos Anjos, velho *egresso*».

(5) Cfr. Od. Mendes, *En. bras.*, II, 75, 653. Já em latim *infensus* era um adj. muito independente, estando mesmo mal registado o vb. *infendo*.

(6) Cfr. Od. Mendes, *En. bras.*, III, 63. Tem muito mais vida a forma negativa *impoluto*, que perdura na oratória e na imprensa: *carácter impoluto*.

(7) Cfr. Od. Mendes, *En. bras.*, II, 15, 574.

(8) Cfr. Od. Mendes, *En. bras.*, II, 274; G. Crespo, *Noturnos*, 5.ª ed., pág. 105 («E alta noite levanta, em dor *sepulta*»).

Quási todos estes particípios adjectivados de proveniência erudita pertenciam primitivamente em latim a *verbos compostos*.

A esta lista é preciso acrescentar a dos particípios pretéritos passivos dos quais apenas se regista a forma negativa.

immenso, x, 8, 2.
immoto, II, 28, 5; x, 15, 8.
inconcesso, III, 141, 2.
inculto, III, 10, 2; x, 92, 4.
indomito, VI, 84, 2; IX, 48, 2.
infinito, I, 66, 1; III, 35, 3; IV, 100, 5; VI, 96, 3; VIII, 29, 7; x, 92, 8; 108, 2; 132, 2.
inopinado, III, 65, 8; VIII, 69, 1.
intonso, IV, 71, 8.
inusitado, II, 107, 3.
invicto, I, 13, 7; IV, 54, 5; x, 18, 2.

Dêstes particípios, *imenso*, *inculto* e *infinito* vulgarizaram-se na língua culta; *invicto* também, embora em menor grau; são raros; *indómito* (¹), *inopinado* (²), *intonso* (³) quanto

(¹) Cfr. Od. Mendes, *En. bras.*, I, 357; II, 626; G. Crespo, *Noturnos*, 5.ª ed., pág. 20 («o indomito guerreiro»).

(²) Cfr. Od. Mendes, *En. bras.*, I, 714.

(³) *Intonsus* — vocábulo vivo em latim; *intonso* — vocábulo sem vida em português, inexpressivo para os incultos. — Em latim, quando Tito Lívio chamava aos bárbaros que Anibal encontrara nos Alpes «homines *intonsi* et inculti». (l. XXI, c. 32), estabelecia-se logo no espírito do Romano uma associação psicológica, baseada no nexo mórfico que prendia *intonsus* ao vb. *tondēre*, termo próprio duma acção bem concreta, e ao subst. *tonsor*, respectivo *nomen agentis;* assim se explica naturalmente a vitalidade que o particípio adjectivado teve em latim, confirmada pelas ramificações semânticas que Quich. menciona. — Mas o substt. *tonsor*

a *immoto* (1), *inconcesso* (2), *inusitado* (3) são fósseis lexicais do período humanístico.

Emfim outros particípios dêste tipo, que não se registam no poema, incorporaram-se igualmente na língua literária: v. g. *inaudito, inconcusso, innupto* (4), *inulto* (5).

β) *Particípios presentes activos:*

É sabido que o representante mórfico do particípio presente activo da conjugação latina (*-ns, -ntis*), tendo conser-

---

parece ter-se perdido, e o vb. *tondēre*, — que semanticamente limitado, subsiste no fr. *tondre*, — não passou para o romanço peninsular. Resultado: *intonsus* > *intonso* não podia encontrar nem nas formas portugueses *cortar o cabelo, cabeleireiro, fazer a barba, barbeiro, tosquiar*, nem nas espanholas *cortar el cabello, peluquero, afeitar, barbero, trasquilar*, o nexo mórfico, — base de associação psicológica, — que lhe apresentavam em latim *tondēre* e *tonsor;* introduzido pelos humanistas do Renascimento, só podia esperar a vida artificial que teve. *Exemplo típico de latinismo lexical meramente cultista.*

(1) Foi ainda usado por V. Mous. de Quevedo (apud M., s. v.), Odorico Mendes (*En. bras.*, I, 272; III, 82). — *Immotus* ocorre em vários autores latinos (cfr. Quich., s. v.); no entanto em Vergílio não é raro (cfr. *Georg.*, II, 294; III, 416; *En.* I, 257; III, 77, 447; VII, 586).

(2) M. não cita outro ex. nem conheço outro. Na *En. bras.*, VII, 11, ocorre o part. mòrficamente paralelo *inacesso*. — *Inconcesso* era provàvelmente latinismo lexical haurido em Vergílio; registei o paralelismo entre «*inconcessos* hymenaeos» (*En.* I, 651) e «Hum *inconcesso* amor desatinado» (*Lus.* III, 141, 2); Verg. refere-se ao adultério de *Helena*, Cam. à paixão de D. Fernando por Lianor e aos grandes pecados de amor da antigüidade, citando *Helena*. Para mais Lejay anota o vocábulo como neologismo introduzido por Verg. «*Oeuvres de Virgile*, texte latin, publiées... par F. Plessis et P. Lejay». Paris, 1919, nota a *En.* I, 651).

(3) M. não cita outro ex. nem conheço outro. O *Dicionário dos Lusíadas* frisa e com razão que se trata dum latinismo e não dum galicismo.

(4) Cfr. Odorico Mendes, *En. bras.*, II, 35.

(5) Cfr. Odorico Mendes, *En. bras.*, II, 701; G. Crespo, *Noturnos*, 5.ª ed., pág. 19 («a grave e *inulta* affronta»).

vado em port. *arcaico* alguns vestígios da sua *primitiva função verbal* (1), perdeu depois por completo essa função e, suplantando a pouco e pouco e cada dia mais (2) pelo representante mórfico do gerúndio latino (*-ndum, -ndi, -ndo*), expulso da conjugação portuguesa, passou a desempenhar na nossa língua moderna o papel dum *mero adjectivo*, às vezes mesmo *substantivado* (*amante, pedinte, consulente*). Nos *Lus.* o part. pres. activo aparece já só como adjectivo e por vezes êsse emprêgo ocorre com participios de verbos populares (3); mas, dada a índole dêste trabalho e o teor dêste parágrafo, apenas me cumpre registar os participios presentes de origem latina introduzidos por via erudita e desintegrados do verbo primitivo:

delinquente, III, 39, 5.
diligente, I, 92, 2; II, 109, 2; VII, 36, 3; IX, 36, 4; X, 151, 6.
dissonante, VI, 61, 6. (o substt. *consonancia* em X, 6, 3).
estelante, IX, 90, 3; X, 87, 6.
estridente, IV, 31, 1; X, 40, 5.
excellente, II, 108, 3; III, 39, 3; V, 97, 6; VII, 36, 1; IX, 46, 1. (o substt. *excellencia* em II, 87, 6; VII, 56, 5).
frondente, VIII, 52, 4; IX, 57, 2.
jacente, V, 22, 8. (*adjacente*, III, 26, 3).
obsequente, I, 72, 7.
patente, X, 98, 5; 138, 3.
preeminente, IV, 97, 4; VII, 58, 5; X, 84, 7; 151, 4
rutilante, I, 22, 7; II, 99, 7; V, 14, 5; IX, 94, 3.

---

(1) Cfr. o testamento de D. Afonso II, o rei leproso: «Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal... *temẽte o dia de mia morte*... fiz mia mãda...» (in-J. L. de V., *Lições de filologia portuguesa*, 2.ª ed., págs. 68 e 73).

(2) Cfr. sôbre o assunto Júlio Moreira, *Estudos da lingua portuguesa*, 1.ª parte, Lisboa, 1907, págs. 92-97.

(3) V. g. *Lus.* IV, 49, 1: «Eis mil *nadantes* aves pello argento».

E ùnicamente sob a forma negativa:

incontinente, VII, 53, 4. (o subst. *incontinência* ocorre em III, 32, 5; IV, 4, 7; VII, 53, 8; X, 55, 7).

Vária foi a sorte dêstes particípios adjectivados: *patente, estridente, preeminente, rutilante*, e, em menor grau, *dissonante, frondente* e *fulgente* perduram na língua culta. *Jacente* perdura na linguagem jurídica: herança *jacente*. Pelo contrário *estelante* e *obsequente* são fósseis lexicais do período da neò-latinização da língua (1).

Adjectivos em «— bundus«

furibundo, IV, 41, 6; VI, 8, 3; 76, 2; VIII, 5, 6.
pudibundo, IV, 75, 8.
sitibundo, IV, 44, 4 (2).
vagabundo, III, 137, 8; VIII, 61, 4.

Quanto à proveniência latina destas formas, Riemann dá a seguinte curiosa informação:

«Tite-Live a une certaine prédilection pour les adjectifs en — *bundus*, qui sont rares chez les prosateurs classiques (on n'en rencontre aucun chez César» (3).

Emfim os *gerúndios* latinos que, como é sabido, nenhum vestígio deixaram na conjugação da língua popular, reapareceram mais tarde esporàdicamente na língua literária. Nos *Lus.* são raríssimos. Apenas ocorre:

estupendo, III, 100, 6; V, 49, 3; X, 33, 1.

---

(1) De *estelante* Caldas Aulete regista novo ex. em J. Ag. de Macedo.

(2) Vocábulo que deve ter sido raríssimo em latim. Quicherat não o menciona. Freund regista-o no Onomast. lat.-gr. (apenas).

(3) «Remarques sur la langue de Tite-Live» in-*Narrationes* (8.ª ed, Hachette 1914, pág. 410).

miserando, III, 105, 4; IV, 44, 5; 52, 3; 104, 1; IX, 34, 4; X, 128, 3 (1).

E sob a forma negativa:

infando, III, 106, 6 (2).

B) Adjectivos avulsos

Almo, IX, 88, 3 (3).

Parece que os clássicos e humanistas deixaram êste vocábulo em descanço (4) para só ressurgir no nosso tempo com Gonçalves Crespo (5) e Eugénio de Castro (6).

O têrmo em Camões era possìvelmente devido à leitura de Vergílio, poeta que empregou repetidas vezes o adj. *almus* (cfr. *Georg.* I, 7; II, 233; 330; *En.* VII, 644).

*

Amaro, II, 28, 4; IV, 57, 2; 90, 4; V, 49, 7; VI, 20, 6; X, 137, 2 (7).

---

(1) Cfr., modernamente, Guerra Junqueiro, *A Pátria*, 4.ª ed., pág. 138, («oh! *miseranda*, lastimosa sorte»).

(2) Cfr., modernamente, Guerra Junqueiro, *A Pátria*, 4.ª ed., pág. 162, («Com teu acabamento e sorte *infanta*»).

(3) Registado por E. D.

(4) Ainda em Bocage: «Aceso no *almo* ardor que a mente inflamma». Son. 218 — *Son. de Bocage*, ed. Liliput, Leipzig, Schmidt & Günther.

(5) Cfr. *Miniaturas*, 6.ª ed., pág. 186: «*Almo* sorrir de amor, puro, innocente».

(6) Cfr. *Oaristos*, I: «A grande Flor subtil, inegualavel, *alma*».

(7) M. regista ainda o termo em Arraes e na linguagem eclesiástica do seu tempo. Também o usou João Penha: «Fontes de mel ou de peçonha *amára*» in G. C., O. c., 3.ª ed. def. t. 2, pág. 225.

Austrino, IX, 16, 4 [1].
Canino, VII, 48, 7.

Perdura na terminologia scientífica: dentes *caninos*.

*

Canoro, I, 5, 3; II, 106, 7; III, 107, 5; VI, 19, 3; X, 22, 1.

É termo raro na língua literária, aparecendo só esporàdicamente [2].

*

Celso, VI, 92, 3.
Excelso, X, 51, 6.

O adj. *celso* é raro na língua literária [3]. *Excelso* ainda hoje tem certa vida na língua culta.

*

Consono, X, 74, 6.

E. D. anota: «Na própria língua latina é vocábulo raro». Todavia já ocorre em Cícero. (Quich. s. v.).

Parece ser ex. único na nossa língua literária.

*

Crástino, II, 88, 1; VIII, 80, 3.

---

(1) Parece ser ex. único na nossa língua literária.

(2) Caldas Aulete regista um ex. em Dinís; cfr. também Bocage: «*Canoro* Melibeo por quem derrama», Son. 346 (*Son. de Boc.*, ed. Liliput, Leipzig, Schmidt & Günther) e Soares de Passos, «Ave *canora* em solidão gemendo» (*Poesias*, ed. de 1858, pág. 2).

(3) M. regista um ex. em André da Silva, Caldas Aulete outro em Bocage.

Êste latinismo lexical parece ter sido também haurido em Vergílio; nos *Lus.* ocorre sempre: «*luz crástina*»; já F. e S. registara «*Crastina lux...*» (*En.* x, 244).

Vocábulo morto (1).

*

Crebro, ix, 32, 3.

Parece ser ex. único na nossa língua literária.

*

Facundo, ii, 45, 1; iii, 57, 3; iv, 14, 7; v, 86, 3; 90, 1; viii, 5, 2.

Latinismo lexical provàvelmente haurido em Ovídio; em ii, 45, 1; iii, 57, 3; v, 86, 3; e viii, 5, 2, (isto é, em dois terços dos ex.) Camões refere-se a Ulisses; ora já E. D. registou «*facundus Ulixes*» em Ov. *Met.* xiii, 92.

O vocábulo tornou a ser empregado por Filinto Elísio (2) e ainda hoje perdura na língua culta, devido à expressão camoneana «irado e não *facundo*» (iv, 14, 7) que também por vezes se transforma em «mais irado que *facundo*» (3).

---

(1) Ainda foi depois usado pelo mui latino tradutor de Vergílio, João Franco Barreto. (M., s. v.).

(2) Cfr. «Quantos desprezam os *facundos* sábios» (*Parnaso Lusitano,* Paris, 1826, tôm. i, pág. 73).

(3) Sôbre a penetração e a sobrevivência de muitos versos dos *Lus.* na língua culta, onde perduram à maneira de adágios (facto paralelo ao que se dera na antigüidade com os versos de Homero e de Vergílio e em França se dá com os de Corneille), muito e muito haveria que dizer, mas não neste lugar. Cfr. sôbre o fenómeno em geral Ferdinand Knie, *Geistesblitze* (livro pudlicado em Paderborn na segunda metade do século xix).

*

Famélico, x, 43, 6.

Perdura na língua culta (1).

*

Fido, II, 105, 4; VIII, 85, 7.
Infido, II, 1, 7.

Fido é latinismo lexical possìvelmente haurido em Vergílio; cfr. *En*. II, 251:

«O lux Dardania, spes o *fidissima* Teucrum»

verso célebre dum episódio célebre, (sônho de Eneias).

São ambos adjectivos poéticos de que se registam ex. esporádicos na nossa língua literária (2).

*

Flavo, III, 62, 2.

Teve certa vida no port. clássico (Garção, Padre Fernão de Queirós, etc. (3)). Modernamente ressurgiu com Eugénio de Castro (4).

---

(1) Caldas Aulete cita um ex. em Rebêlo da Silva.

(2) M. regista *fido* na «Insulana» de Manuel Tomás (1625), *infido* numa ode de Dinís; «*infido* amante» também ocorre na «Cantata de Dido» de Garcão.

(3) M., s. v.

(4) Cfr. *Oaristos*, I:

«E à flor dum lago onde o sol cai em *flavos* feixes»,

Ibid., IV:

«*Flavo* como um licor das vinhas de Corinto»,

Ibid., X:

«*Flavos* pontos de luz do sete-estrelo».

*

Fulvo, x, 3, 7.

Latinismo lexical provàvelmente haurido em Vergílio. Camões escreve: «*fulvo ouro*»; Quich. regista em Verg. «*fulvum aurum*».

Cousa singular, êste latinismo parece ter tido pouca vida em port. clássico [1] e, passada a febre de humanismo, ressurgiu entre os modernos, provàvelmente menos como latinismo do que como tradução de «*fauve*», adj. querido de Victor Hugo; registam-se ex. em Gonçalves Crespo [2], Junqueiro [3], Sabugosa [4] e António Feijó [5].

*

Ignavo, IX, 92, 7.

Teve pouca vida em port. clássico [6]. Hoje é vocábulo morto.

*

Inesto, IV, 19, 3.

Vocábulo já antes usado por Barros [7]. Teve alguma

---

(1) M. apenas cita o P.e Simão de Vasconcellos nas *Noticias do Brasil.*

(2) «Cadeiras de espaldar com *fulvas* pedrarias». *Nocturnos*, 5.a ed., pág. 66

(3) «Na visão deslumbrante e *fulva* do passado» (*Pátria*, 3.a ed. pág. 61).

(4) «E cortou-lhe, como se a ceifassé, a juba de cabelos *fulvos*» (*Donas de tempos idos*, 3.a ed., pág. 80.

(5) «Com feixes de raios no *fulvo* cabelo». (*Sol de Inverno*).

(6) M., s. v.

(7) Idem.

vida em port. clássico [1]. Hoje é mero fóssil lexical do período humanístico.

*

Ingente, IV, 28, 2; VII, 62, 8; VIII, 5, 4; 26, 2; 29, 4; 38, 6; IX, 51, 2.

Êste latinismo lexical já fôra introduzido na nossa língua literária por Duarte de Rèsende, numa tradução de opúsculos de Cícero (1531) [2]. Com pouca vida no port. clássico [3], perdura todavia em expressões como «*esfôrço ingente*». Dos autores modernos usou-o pelo menos Gonçalves Crespo [4].

*

Insano, I, 77, 1; II, 104, 4; IV, 98, 1; V, 57, 5; VI, 29, 3; VII, 14, 2; 78, 2; IX, 26, 2; X, 47, 7; 71, 6; 91, 5.
(*Insania*, VI, 19, 8; 89, 5; VIII, 61, 6).

O substt. *insania* ainda depois foi usado por Arraes, J. F. Barreto e Vieira [5], e perdura em expressões isoladas da literatura política (v. g. «Sopra um vento de *insania*», frase muito usada por Alpoim e por outros). O adj. *insano* regista-se em Bocage [6], Castilho [7] e Eugénio de Castro [8].

---

(1) Cfr. M., s. v.

(2) Idem.

(3) M. só cita mais J. F. Barreto.

(4) «Como um cetáceo *ingente,* encarvoado e feio» (*Noturnos,* 2.ª ed., pág. 146).

(5) Apud M., s. v.

(6) Soneto célebre: «Meu ser evaporei na lida *insana*»...

(7) Apud Caldas Aulete, s. v.

(8) *Oaristos,* I: «O caravançará que, por noites *insanas*».

*

Jucundo, II, 105, 4; V, 79, 6; VI, 8, 5; VII, 25, 1; IX, 59, 3.

Com certa vida no português clássico ([1]), perdura na língua literária ([2]).

*

Magnânimo, IV, 38, 5; VI, 47, 3; VIII, 7, 4.

Perdura na língua culta.

*

Mesto, IV, 19, 5.

Latinismo lexical porventura haurido em Vergílio; Cfr. *En.* II, 270: «*maestissimus* Hector», (no sônho de Eneias).

Com pouca vida no port. clássico ([3]), reaparece nos poetas coimbrões de 1870 ([4]).

Usa-o ainda hoje — autor esporádico — o sr. Dr. Ricardo Jorge ([5]).

([1]) Cfr. M., s. v. C. A. também regista um ex. em Castilho.

([2]) Cfr. Junqueiro, *Patria*: «Fez o dia mais claro e mais *jucundo*», (3.ª ed., pág. 181). Cfr. igualmente a letra do hino nacional.

([3]) M. cita apenas J. F. Barreto.

([4]) Cfr. João Penha, *Rimas*:

> «Bebeu na taça fantasias *mestas*»,

e G. Crespo, *Miniaturas*:

> «Quando me inclinam *mesta*
> A fronte os dissabores»,

(6.ª ed., pág. 112), C. Aulete regista um ex. em Gonçalves Dias.

([5]) «... e por três vezes declamo êste verso de *mestissima* harmonia» (in *Diário do Noticias*, 25 de Agôsto de 1930).

*

Mundo (puro), x, 85, 5.

Será ex. único na nossa língua literária?

*

Pando, IV, 49, 3.

Afora êste passo M. só regista o vocábulo no quinhentista Duarte Nunes de Leão. Reaparece séculos depois em Filinto Elísio ([1]), em Garrett ([2]) e em João Penha ([3]). Ainda hoje perdura como termo náutico literário: *velas pandas* = cheias de vento.

*

Perclaro, II, 58, 6; v, 47, 5.

Em latim dizia-se *praeclarus; preclaro* também é a forma corrente entre nós, com muita vida na língua culta ([4]). Mas no texto de *Ee* lê-se *perclaro,* em ambos os passos mencionados. Isso levou E. D. a escrever: «Parece pois que o Poeta formou a palavra à semelhança de *perdoctus, peru-*

([1]) Cfr. «Que na *panda* garupa duas Ninfas», (*Obras completas,* Paris, 1817, t. VIII, pág. 66).

([2]) Cfr. «Nas *pandas* asas dos traidores ventos». (*Camões,* c x).

([3])
Dá-me êsse onagro de vigor silvestre
E os odres *pandos*, oh sileno antigo

in G. Cr. *obr. compl.*. 3.ª ed. def. pág. 213, t. II.

([4]) Usaram-na entre outros Diogo Bernardez, Jorge Cardoso, Gabriel Pereira de Castro (apud M., s. v.), Júlio Dinis (*Fidalgos,* 4.ª ed., tôm. I, pág. 197), Junqueiro (*Pátria,* 3.ª ed., pág. 35). Ocorre até em jornais: «pelas suas *preclaras* virtudes» (*Sec.* 14, I, 31).

tilis, tanto mais que em latim também há *perclaresco*» ([1]). Será então uma forma latina póstuma. Êste sistema de inventar vocábulos novos com elementos latinos ou helénicos é menos freqüente nos literatos do que nos homens de ciência, forçados pela necessidade de criar uma terminologia em ciências novas, (v. g. *electroterapia*).

*

Potente, I, 51, 5; II 46, 6; 52, 4; 109, 6; III, 46, 5; 65, 4; 109, 5; IV, 57, 4; VI, 47, 1; VII, 21, 2; 36, 5; 57, 2; VIII, 81, 4; IX, 80, 2; X, 11, 7; 28, 1; 126, 3.
(*Potencia*, IX, 37, 4; 42, 4; X, 130, 4).

O adj. *potente* está quási morto na língua literária ([2]); pelo menos nada tem que se assemelhe a esta pujança dos *Lus.* (17 ex.). Pelo contrário, o substt. *potência* ainda tem muita vida na língua culta: primeiro fixou-se na terminologia matemática e filosófica (v. g. «potências da alma»), mais recentemente, foi ainda êste vocábulo que traduziu no jornalismo cosmopolita o fr. «puissances» (ingl. «powers»).

*

Presago, I, 84, 8; IV, 77, 4; X, 155, 7.

Foi ainda usado, de entre os clássicos, pelos seiscentistas João Franco Barreto e Jacinto Freire de Andrade ([3]), e, de

---

([1]) Mesmo êste verbo é post-clássico. (Símaco, Boécio).

([2]) M. regista um ex. na clássica «Malaca conquistada». C. A cita Castilho e Gonçalves Dias.

([3]) Apud M., s. v.

entre os modernos, por Herculano (1) e Latino Coelho (2). Hoje é adj. quási morto, a-pesar-da afinidade etimológica com o substt. «presságio».

*

Primo (primeiro), IV, 69, 2. («Tão alto que tocaua aa *prima* Esphera,») VI, 38, 7 (empregado substantivamente).

Do mesmo modo a lição proposta por J. M. R. para IV, 54, 1, (verso que, com efeito, tal como está em *Ee*, contém um êrro histórico), é: «Mas Affonso do reino *primo* herdeiro».

O latinismo lexical é anterior a Camões, pois ocorre já no Palmeirim (3). Hoje subsiste em expressões isoladas: *matéria prima*, *número primo*, *obra prima*.

*

Prisco, VIII, 65, 2.

Adj. raríssimo. De entre os clássicos. M. regista-o em D. N. de Leão; nos tempos modernos ocorre em Tomaz Ribeiro (4).

*

Próvido, II, 23, 1.

Já fôra usado por Barros, por Jorge Ferreira e pelo bispo D. António Pinheiro (5). Vocábulo quási morto (6).

---

(1) «Quantas vezes *presaga* a mente do homem
Vela como um propheta»...
Poesias, 7.ª ed., pág. 160

(2) Apud C. A., s. v.

(3) II, pág. 525 (apud J. M. R., com. a *Lus.* IV, 54, 1).

(4) «Recorda ao mundo ingrato as *priscas* eras» (*D. Jayme*, 11.ª ed., pág 4).

(5) Apud M., s. v.

(6) Todavia no século XVIII ocorre em Elpino Duriense: «que *próvido* sabia» («*Poesias*, ed. de 1812, tôm. II, pág. 27). E C. Aulete, depois, ainda o regista em Castilho. E igualmente ocorre no jornal *Nov.* de 16-1-31.

*

Pudíco

pudíca, II, 53, 8 (rima com *ríca*)
impudíco, IX, 43, 5 (rima com *iníco* e *ríco*)

O que há de interessante a notar é que, neste vocábulo literário Camões, como o prova a rima, conserva a acentuação latina (*pudīcus*), ao passo que na língua culta ou semi-culta moderna tende a dar-se uma deslocação do acento, semelhante à que já ocorreu em *envólucro,* (> lat. *involūcrum*) por preocupação culta de esdruxulismo (1).

*

Quadrupedante, x, 72, 4.

Ee traz pradrupedante. Mas a emenda, necessária e devida à ed. de 1597, é aceite pelos editores mais escrupulosos.

Latinismo lexical haurido em Vergílio (*Ee*. VIII, 596; registado já por F e S.).

Usado em seguida por Filinto (2), Castilho, Garrett (3), Júlio Dinis (4).

*

Salso, I, 18, 5; II, 2, 4; 14, 8; III, 6, 7; 103, 6; VI, 3, 6.

Adj. raríssimo na língua literária (5).

---

(1) M. e Caldas Aulete acentuam «pudíco». Mas Gonçalves Viana já acentua «púdico».

(2) M., s. v.

(3) C. A., s. v.

(4) «A *quadrupedante* alimaria» *A Morg. dos Can* 23.ª ed., pág. 6.

(5) M. só cita G. P. de Castro.

*

Semicapro, v, 27, 2. (*Semicapro* pexe).

Latinismo lexical provàvelmente haurido em Ovídio [1]. Teve alguma vida na língua literária clássica [2]. Hoje é vocábulo morto.

*

Sevo, III, 133, 3.

O adj. *saevus* é freqüente em Vergílio (cfr. *En.* I, 99; II, 29).

Em port. o vocábulo teve certa vida nos autores clássicos [3], mas hoje está morto.

*

Trifauce, IV, 41, 3 (o *Trifauce* Cão).

Latinismo lexical haurido em Vergílio (*En.* VI, 417, passo que, já segundo F. e S., Camões imitou neste lugar).

Lejay [4] informa que o adj. *trifaux, faucis*, foi introduzido na língua latina por Vergílio, o qual exprimiu dêste modo a característica que a tragédia grega dera ao Cerbero.

---

(1) Cfr. Quich, s. v., e o que ficou dito na Introdução sôbre a importância de Ovídio como fonte da mitologia do poema.

(2) M. cita Diogo Bernardez e o P.e Simão de Vasconcelos.

(3) M., s. v. Cfr. também Bocage: «Duma e doutra existência algozes *sevos*» son. 337 (*Son.* de Bocage, ed. Liliput, Leipzig, Schmidt & Günther).

(4) Com. a *En.*, VI, 417, na ed. Hachette das obras de Verg., (Paris, 1919).

Em português clássico o vocábulo foi ainda usado por Fernão Alvárez do Oriente e pelo P.e António Vieira [1].

*

Venusto, v, 95, 6.

É ex. raro na nossa língua literária [2].

3. Verbos

Estilar, x, 135, 5.

Representante do verbo transitivo latino *stillare*, com muita vida em port. clássico [3], e que ainda foi usado por Castilho e João de Deus [4].

*

Fabular, x, 84, 4.

Usado depois por J. Fr. de Andr. e Castilho [5].

*

Obumbrar-se, VI, 37, 5.

---

(1) M. s. v.

(2) Cfr., modernamente, Gonçalves Crespo, *Nocturnos*, 5.a ed. pág. 24: «Nos teus olhos, porém, *venusta* semi-deia», e João Penha:

> Oh! minhas pobres ilusões *venustas*,
> Que me resta de vós, que é feito delas?
>
> in G. Cr. O. c., ed. def., t. 2, pág. 218.

(3) M. e C. Aulete, s. v.

(4) C. Aulete, s. v.

(5) Idem.

Vocábulo raro, usaram-no Castilho, Gonçalves Crespo (1) e Lopes de Mendonça (2).

*

Profligar, x, 20, 4.

Vocábulo raríssimo, reapareceu em G. P. de Castro (3) e em Garrett (4). Parece ressurgir também actualmente na imprensa (5).

*

Radiar, x, 81, 3.
(*Radiante*, v, 61, 2; vi, 9, 8; 78, 4; x, 2, 3; 87, 2).

Contraste: o vb. em si está quási morto, (apenas C. Aulete regista um ex. esporádico em Castilho e registei outro em Júlio Dinis) (6); o part. perdura como adjectivo até na língua dos semi-cultos, mas com sentido translato.

*

Revocar, ii, 57, 5.

Vocábulo ciceroniano (cfr. *Br.*, iii, 11, Tusc. i, 1), teve muita vida em port. clássico (7) e até mesmo na literatura

---

(1) C. Aulete, s. v.

(2) «A figura do grande comediógrafo acha-se *obumbrada* pela sombra colossal do seu coevo, gigante da epopeia». Art. *A herança do Mestre Gil*, in-*Comercio do Porto*, 5-ii-931.

(3) M., s. v.

(4) C. Aulete, s. v.

(5) «A rija condenação *profligada* pelo Papa de Roma contra a diminuição dos nascimentos, contra o matrimónio de acomodacão e contra o divórcio». *Nov.* 30-i-931. (Trad. de um texto do jorn. *Yorkshire Evening*.

(6) *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, 4.ª ed., tôm. ii, pág. 69.

(7) M., s. v.

do século XIX [1]. Usaram-no, entre outros, D. António Pinheiro, Fr. Heitor Pinto, Arraes, o autor da *Monarquia Lusitana*, Gabriel Pereira de Castro, Garrett, Herculano e Latino.

*

Sibilar, I, 88, 4.
(*Sibilante*, III, 49, 3; IV, 1, 2; 27, 2).

O vb. em si, raro, ainda se regista na língua literária; usaram-no Garrett, Herculano [2] e Júlio Dinis [3]; o part. fixou-se na terminologia fonética [4].

*

Superar, II, 95, 4; VIII, 9, 5.

Latinismo lexical provàvelmente haurido em Ovídio (já F. e S. registara em *Lus.* II, 95, 4 uma reminiscência de Ov., *Met.* II, 5, «Materiem *superabat* opus»).

Em português, porventura êste vocábulo, fôra introduzido por Lopo de Sousa Coutinho [5]. Usaram-no ainda

---

(1) Caldas Aulete, s. v.

(2) Nas *Poesias*, 7.ª ed. pág. 41: «Ao *sibilar* do vento».

(3) «Uma chicotada *sibilante*». A *Morg. dos Can.*, 23.ª ed. pág. 19.

(4) *Sibilare* era em latim *vocábulo exclusivamente de uso culto*, a que correspondia no «sermo vulgaris» a forma rústica *sifilare* (da qual descende o fr. *siffler* e, por metátese, o port. *silvar*). Cfr. êste passo de Nónio Marcelo: «*sifilare*, quod nos, vilitatem verbi vitantes, *sibilare* dicimus». (citado por Niedermann, *Historische Lautlehre des Lateinischen*, 2.ª ed., pág. 55).

(5) M., s. v. O seu «Cerco de Diu» foi impresso em Coimbra em 1556, dezasseis anos antes dos *Lusiadas*.

J. F. Barreto[1], o P.e Simão de Vasconcelos, Filinto, Rebêlo da Silva e o brasileiro J. Fr. Lisboa[2].

*

Vaporar, x, 135, 2.

Já fôra usado por Barros[3]. Teve muita vida em português clássico[4] e ainda ocorre em Gonçalves Crespo[5] e na prosa de Camilo[6].

*

Vulgar, vii, 69, 5. (O que entre meus antigos *he vulgado*).

Verbo raríssimo que, mesmo ainda dentro do período humanístico, levava Morais a anotar «pouco usual», ocorreu esporàdicamente em João Franco Barreto[7], Filinto e Garrett[8], e para o matar concorreu decerto o adjectivo homeotrópico.

O composto *divulgar*, que perdura na língua culta, ocorre em i, 9, 8.

4. Expressões.

Com ferro e flama — *Lus.* viii, 86, 3.
(ferro flammaque; cfr. *En.* ii, 337). *Com fogo e ferro, Lus.* iii, 128, 2.

---

(1) M., s. v.
(2) C. Aulete, s. v.
(3) Apud M., s. v.
(4) M., s. v.
(5) «*Vaporavam* teus cabelos
Um casto olor penetrante»
Noct., 5.a ed. pág. 165
(6) C. Aulete, s. v.
(7) M., s. v.
(8) C. Aulete, s. v.

*

Conhecido pela fama — *Lus.* I, 99, 8.
(famā notus; cfr. *En.* I, 379; II, 22-22).

*

Dar velas — *Lus.* II, 18, 3; V, 64, 8.
(vela dāre; cfr. *En.* I, 35; II, 136; III, 9, 191; VIII, 708; Georg. II, 41.

Na linguagem náutica actual não se usam senão as expressões seguintes — «fazer-se de vela», «largar pano».

*

É fama — *Lus.* VI, 52, 2.
(fama est; cfr. *En.* I, 532; III, 165, 578, 694), (fama volat + or. inf. *En.* III, 121; VIII, 554; fama occupat aures + or inf. *En.* III, 294).

É popular no Minhocal-Celorico: «levantar uma fama a uma rapariga»; «não se livra da fama»; não porém, «é fama».

*

Longo tempo — *Lus.* III, 135, 2 (longo tempore; cfr. *En.* III, 309).

*

ADENDAS

Parte I, 6: *ilha* ocorre ainda em I, 103, 8; ao todo 46 ex. e não 45.

Parte III, secção II, 2: A *traj. epith.* latente pode ser um artifício poético insuspeito de latinização sint. Cfr. Victor Hugo: «la nuit, *l'aveugle* immense».

Parte III, 2.ª divisão, secção II: Regista-se mais um ex. de constr. «já... quando...» em II, 1. Em II, 60-61, ex. em que o 1.º membro aparece mal defenido.

Parte III, 2.ª divisão, secção III: Regista-se mais um ex. de transposição em VII, 34, 2.

Parte IV, 2: Regista-se mais um ex. de nobre = célebre (nobilis) em IV, 9, 5-6.

*

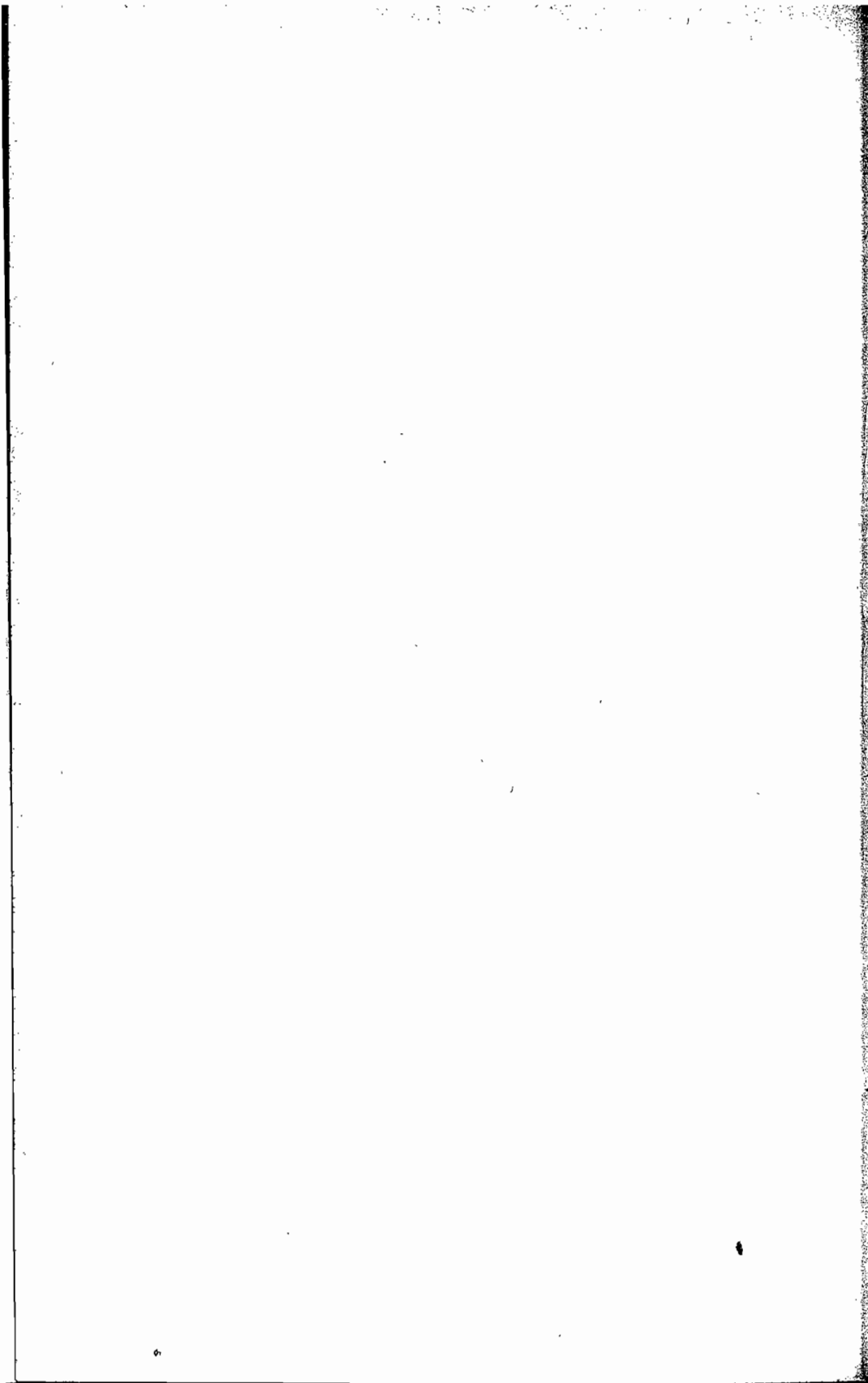
Arar os mares, estudd. nos lat. sem., — aequor arāre — ocorre também em *En.* III, 405.

No profundo peito — latin. sintat., que ocorre em *Lus.* IV, 43, 5 tem paralelo em *En.* I, 485; II, 287.

NOTA RELATIVA AO ENCERRO DA PRESENTE OBRA

As provas da parte final do último capítulo do *Ensaio sôbre os latinismos de «Os Lusíadas»* foram revistas, acrescentadas e anotadas, por expresso desejo do Autor, tam cedo arrebatado pela morte às Ciências Filológicas, pelo professor da Universidade de Lisboa, seu contra-homónimo, Dr. João da Silva Correia. Não sendo dado a êste catedrático redigir pelo Autor, apenas utilizou, em sêcas inserções de novos factos nas séries já constituídas, e sóbrias notas de confronto a êstes, os materiais que o extinto filólogo certamente desenvolveria, relacionaria, enriqueceria de comentários. Por justificado escrúpulo, fez isso inclusivamente nos casos em que tal desenvolvimento, relacionação e comento lhe pareceram realizáveis com segurança perfeita. O próprio sub capítulo final *Expressões,* e ainda as *Adendas,* que não estavam no original remetido à Imprensa da Universidade de Coimbra, vão tais quais os deixou a pena ou o lapis — ambos igualmente precisos e probos — do infausto Humanista. E inda que seja doloroso importa tornar público — porque é também heróico — que algumas notas de confronto, que foram acrescentadas nos logares competentes, se encontravam nos próprios boletins de temperatura do Sanatório da Guarda — visto como, com a morte diante dos olhos, inda era espelho de investigadores êsse malogrado Moço,

que num ano de regência de cadeiras na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em que se licenciara com a mais alta classificação, se havia já afirmado espêlho de Mestres.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE VOCÁBULOS E EXPRESSÕES [1]

---

[1] Êste índice foi executado pelos antigos alunos do Autor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ERRATAS

Pág.	Linha	Onde está	Leia-se
10	21	condestavel	contestavel
12	25	*fortunato*	*fortunate*
16	4	archetipo (x ,79, 1)	archetipo (x, 79, 2)
28	9	33, 7	x 33, 7
28	17	93, 4	94, 4
31	16	I, 10, 1	I, 10, 2
31	18	x, 87, 2	IX, 88, 2
165	34	*sordidor*	*sordido*